

le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



NIEDEIROS E ALBUQUERQUE

O PÉ E A MÃO

CONFERÊNCIA REALISADA NO
«INSTITUTO NACIONAL DE MUSICA,
A 19 DE AGOSTO DE 1905.

QUANDO os organisadôres destas conferencias estavam pensando nos assumptos que nellas se tratariam, eu aventurei numa phrase que não era possível, do pé para a mão, achar questões que podessem seduzir um auditorio elegante, um auditorio culto, um auditorio de bom gosto. Logo, um dos meus collegas, aproveitando as minhas palavras, foi atalhando: «Mas ahi estão dois assumptos excellentes: o pé e a mão!» D'ahi a dois dias, com um certo pavor, eu via annunciada esta conferencia. E' bem o caso de dizer que o meu pavor era o de metter os pés pelas mãos...

Não é que o assumpto seja pequeno ou sem interesse. E' grande; mas descosido. Não ha dominio algum do pensamento em que não entrem pés e mãos. A sciencia os estuda sob multiplos pontos de vista; mais de um dos seus grandes cultores tem dito mesmo que o principal instrumento da intelligencia é a mão, de tal modo que os animaes se podem classificar, na ordem intellectual, pelo valor da mão: o homem, o macaco e... o elephante. O elephante, sim, porque a sua tromba é uma verdadeira mão.

Na religião não é possível pensar sem recordar os ritos diversos, que todos elles, sempre, exigiram a intervenção dos grandes gestos sagrados, a começar pelo «gesto solemne e grave que abençôa». Arte—ha uma inteira consagrada ao pé: a dança. E não ha poeta, que não tenha alludido a algum pé ou mão.

Nem ao menos diante da vastidão do assumpto, ha uma indicação do lugar por onde se deva começar, para entrar em materia... com o pé direito. O velho conselho de um poeta latino, de que é sempre bom principiar pelo principio é mais facil de ser dado que de ser recebido.

Assim, por exemplo, qual é aqui o principio? de onde vem os pés e as mãos?

Para os que admittem a solução religiosa da Biblia, o problema nem existe. Deus fez os animaes, fez o homem, dotou logo a uns e ao outro com pés e mãos. Assim mesmo, desde logo, divergindo um pouco dos ensinos biblicos, uma lenda apparece a explicar a diversidade das raças. E essa lenda interessa a nossa questão.

Conta ella que os primeiros homens eram pretos. O barro de que Deus se serviu para fazer Adão era escuro. Mas o Senhor, complacente, poz o remedio junto ao mal. Fez com que apparecesse perto d'alli um lago de aguas claras, onde quem se banhasse ficaria branco. Os homens, que já eram muitos, precipitaram-se. Os que chegaram primeiro ficaram de perfeita alvura. Os que já encontraram a agua manchada pelos primeiros tomaram os tons intermedios entre o branco e o preto. E, como a agua se ia assim esgotando, os ultimos chegados apenas encontraram um restinho no fundo, que só lhes permittiu molharem as solas dos pés e as palmas das mãos. Isso explica, segundo essa velha lenda, porque as pessoas de côr preta, têm as plantas dos pés e as palmas das mãos muito mais claras.

Deixemos, porém, as lendas. Essa é graciosa, declara implicitamente que as diferenças de pelle não correspondem a diferenças de coração e intelligencia— todas as raças se equivalem— mas não dá a solução da origem.

Conhece-a, por acaso, a sciencia? Para ella a origem do pé e da mão é a barbatana (1). Os que admittem a theoria chamada do transformismo, theoria que hoje tem a seu favor a quasi unanimidade dos homens de sciencia, sustentam que os animaes superiores descendem dos de formas inferiores, atravez de lentos aperfeiçoamentos, no decorrer de innumerados seculos. Para elles os primeiros sêres dotados de membros foram os peixes: da barbatana veio o pé, veio a mão e veio— o que parece mais extranho—a aza do morcego e a aza da ave.

Comprido caminho— mas que a sciencia reconstitue. Terá havido peixes que vivessem em logares de onde, ás vezes, a agua se retirasse quasi completamente. Seria, em alguns casos, um reoncavo de praia, quasi inteiramente fechada ao accesso do mar, por onde elle penetrava difficilmente. Succedia, ás vezes, que essa abertura se tapava, pelo esboamento de grandes pedras. A agoa se evaporava. Dentro de certo tempo havia apenas alli um lodaçal. Os peixes que tinham ficado presos, precisavam mover-se difficilmente, pegados n'aquelle fundo viscoso. A barbatana é que lhes servia para isso. Os que conseguiam adapta-la a esses movimentos em um meio novo, sobreviviam. Os outros morriam.

E' bom lembrar os tempos agitados, em que a terra, muito mais do que hoje, era sujeita a grandes convulsões geologicas. Assim, em nossos dias, nós só podemos imaginar factos destes, em pequenas superficies. Mas

(1) «Tous les anatomistes sont d'accord pour voir dans les nageoires paires des poissons l'origine des pattes des autres vertebres.» — Remy PERRIER — Éléments d'anatomie comparée, p. 938.

immensas extensões territoriaes, que hoje são terra firme, já foram agitados mares. Ahi está, por exemplo, a vastidão do Sahara.

Deve-se, portanto, imaginar esse phenomeno, em grande. Uma convulsão geologica fechava, ás vezes, de repente o que até então era um mar. Outras vezes, a comunicação do mar interior com o oceano se ia obstruindo lentamente, pelo accúmulo de areias, de pedras, de cousas diversas trazidas pelas correntes. Outras ainda eram largas concavidades, que só as grandes marés conseguiam transpôr e encher: as grandes marés que só occorrem de mezes em mezes.

Em qualquer dessas hypotheses, a situação dos peixes que tinham ficado involuntariamente presos era a mesma. Vinha um momento em que estavam forçados a andar sobre o lodo. Momento — é um modo de dizer... Todos comprehendem que o Sahara não seccou em alguns minutos, nem em alguns annos. Pediram-se para isso varios seculos! E o que succedeu lá succedeu em outros pontos.

Os peixes a quem aquillo aconteceu tiveram de se servir das barbatanas, fazendo nelas ponto de apoio, menos para andar do que para dar pequenos saltos. Os que não se ageitavam, não podendo procurar alimentação, morriam. O resultado é que as novas gerações já descendiam de peixes-paes e peixes-mães, ambos, com uma certa habilidade para esses pulinhos. Quem sae aos seus não degenera — diz um rifão. Os filhos, herdando ao mesmo tempo igual virtude de paes e mães, iam apparecendo com as barbatanas cada vez mais apropriadas a essas novas gymnasticas. Os que ficaram em logares, onde a agua, ora entrava, ora desaparecia, tinham de se adaptar a essa dupla existencia: ora movendo-se na agua, ora saltando no lodo. As patas e o apparelho respiratorio se adaptaram a essa vida em condições tão oppositas. Em vez da barbatana, só com movimentos lateraes, foi apparecendo a pata do batra-

chão — do sapo, da ran — capaz de nadar, mas não tão bem como os peixes; capaz de andar em terra, mas aos desajeitados saltos, como elles caminham. Dessa forma, dos membros dos batrachios derivaram as grandes azas membranosas dos saurios primitivos, azas semelhantes ás dos morcegos, que faziam mover esses immensos lagartos voadôres; derivaram as azas das aves; derivaram finalmente as patas dos animaes, as mãos e os pés dos macacos e dos homens.

Não é aqui o logar de traçar essa evolução pormenorisadamente. Encontram-se nas varias camadas da terra fosseis de todos os animaes, que assignalam essa transformação, extraordinariamente lenta, atravez de innumeros seculos. Mas hoje mesmo, a mais simples inspecção, examinando o esqueleto dos membros dos varios sêres: batrachios, aves, mamíferos aquaticos e terrestres — vê-se a profunda analogia de conformação de todos elles. (1)

Darwin mostrou que alguns dos nossos gestos só se explicam como vestigios da herança de animaes inferiores de que nós descendemos. Os gestos dos pés figuram entre os mais caracteristicos. Nos grandes accessos de terror, o pé se dobra, se crispa, como si se quizesse agarrar á qualquer cousa — gesto perfeitamente logico nos animaes inferiores de que nós descendemos, mas sem a minima utilidade para nós. (2)

Ha quem ache contrarias á poesia estas affirmações. Parece-lhes que a sciencia estraga a nobreza da humanidade, fazendo-a derivar de tão baixo. Outros pensam de modo diverso. Vir da pata do batrachio, chapinhando na lama, á fina mão patricia da mulher elegante dos nossos dias, parece-lhes o remontar

(1) V. G. GELEY — «Les preuves du transformisme», p. 100 a 109.

(2) V. CUYER — «La mimique», p. 299 a 302. O auctor es-tuda ahi varios outros gestos do pé.

de uma escala de perfeição, alta e sublime. (3) Quantos seculos foram precisos para fazer essa pequena maravilha, que é a mão feminina! Depois—ainda outra vantagem—essa ascendencia illustre, fazendo vir a mão da barbatana dos peixes, apparenta as mulheres ás sereias...

Um poeta francez, André Spire, consolava uma senhora, a quem accusavam de passar muitas horas ao espelho e de quem diziam que a belleza era em grande parte feita pelas costureiras. Consolava-a, dizendo-lhe que ella devia perseverar, devia polir com cuidado as unhas, fazer tudo, em summa, para pôr em realce a sua belleza, porque, só si ella soubesse quantos seculos de cuidados, de seleções, de vontade e de amor paciente a natureza levou para fazer uma creatura nobre e bella—só depois disso comprehenderia que sendo apenas, por pouco tempo, a depositaria de uma forma ideal tinha obrigação de velar por ella como pela mais estupenda obra de arte:

Votre beauté, madame, a peur des envieux
et vous pleuriez hier, apprenant qu'une amie
racontait à tous ceux qui vous trouvent jolie
que vous mettez du rouge et vous faites les yeux:

que vous courez des jours entiers pour vos toilettes,
que votre corsetière et que votre tailleur
et non pas vous, devraient recevoir le meilleur
des compliments de ceux qui vous disent bien faite.

(3) «Après une longue période géologique, durant laquelle ils dementent affaiblis entre leurs quatre membres, par besoin de marcher plus vite, de voir de plus loin, le reptile, comme le mammifère, redressent leurs pattes, en font des piliers verticaux, articulés, propres à une course rapide, et tandis que, se dressant enfin sur ses pattes postérieures, et usant de ses pattes de devant pour allonger ses sauts, le reptile, devient oiseau, le mammifère modifie ses pattes, suivant les besoins de son alimentation ou de sa sécurité, pour courir, bondir, nager, fuir, grimper, saisir; il finit ainsi par réaliser la marche bipède de l'homme dont les mains, libérées de toute servitude locomotrice, deviennent le merveilleux instrument de tact et de préhension que l'intelligence a assoupli et qui a de son côté tant réagi sur elle.» — EDMOND PERRIER— «La vie des animaux illustrée». Introduction, p. XI e XII.

Laissez jaser les sots et les honnêtes gens,
aidez-vous du secours de tous les artifices,
que vos habilleurs soient vos habiles complices,
devant votre miroir passez tout votre temps.

Ayez des professeurs et de marche et de danse.
lissez vos longs cheveux et polissez vos mains,
cadencez sagement le rythme de vos seins
et faites ondoyer l'océan de vos hanches.

Ah! si vous connaissiez les douloureux efforts
et les vains désespoirs des sculpteurs, des poètes!
Si vous saviez par quels durs labeurs ils achètent
le droit de modeler, de chanter de beaux corps,

et ce qu'il a coûté de soins à la nature,
et de sélections, de tendresse et de temps,
et de volonté longue, et d'amour patient,
pour construire une belle et noble créature,

ayant vraiment compris la grandeur du dépôt
que les siècles, pour quelques heures vous confient,
vous ne rougiriez plus de parer d'harmonie
l'éclat de votre corps superbe et sans défaut.

O poeta tem razão. Mas, felizmente, não é preciso que as mulheres formosas saibam todas estas complicações de paleontologia e outras sciencias rebarbativas para cuidarem da propria belleza.

Aliás, a sciencia confessa que não sabe um certo numero de cousas, a respeito de mãos e pés. Não sabe, por exemplo, porque, desde o mais longe que nos é dado alcançar, sempre se encontram cinco dedos. (1) Porque este numero *cinco* nos ossos das azas, dos pés e das mãos? Ignora-se. Alguns animaes têm menos do que isso. Nenhum tem mais. Os que, porem, hoje têm menos, já tiveram o numero regulamentar. E' por exemplo, o caso do cavallo, que actualmente pisa sobre um

(1) "L'embryogénie ne donne elle-même que des résultats très vagues, si bien qu'on en est réduit à de simples hypothèses pour expliquer la fixation de la nageoire au membre pentadactyle". Remy PERRIER, *Loco citato*, p. 938. "La main est toujours pentadactyle et si ce nombre 5 est modifié, c'est toujours par suppression d'un ou plusieurs doigts", p. 937.

dedo só, mas já pisou sobre cinco dedos. (1) O casco do cavallo em nosso tempo é constituido pela unha do dedo central. O cavallo é um animal, cuja genealogia nós conhecemos bem. Encontraram-se fósseis de todas as suas formas, desde as mais antigas ás mais modernas. Os mais antigos animaes tinham cinco dedos. Habitando-se á carreira, desenvolveram de preferencia a parte anterior do pé. Quando qualquer animal corre, todos sabem que elle não pousa em terra o calcanhar: faz toda a força sobre a parte bem anterior dos pés. Quanto mais rapida a carreira, mais o que toca no chão é apenas a extremidade dos dedos. Dentre estes, muito naturalmente, o que mais se firma é o dedo médio. Assim, no correr dos tempos, os outros dedos se foram atrophando, e o do centro chegou a ser o unico que toca no solo. Dos outros ha apenas vestigios, que se percebem nos embriões, mas, que se reduzem a quasi nada no animal adulto. — Tambem nós, nós homens civilisados que usamos andar calçados desde pequenos, tendemos a perder o dedo minimo do pé, que está em caminho de atrophia.

Foi, portanto, do fatidico numero *cinco*, que proveio o dedo unico do cavallo.

Mas não vale a pena que insistamos em discutir uma questão de numeros de dedos. Teriamos depois de discutir o numero de membros. Que numero de pés e mãos seria o ideal?

A crença popular parece ter fixado que o melhor, para se obter o maximo de rapidez,

(1) "Le cheval actuel est, comme vous le savez, pourvu d'un seul doigt a chaque membre; mais il descend d'ancêtres qui étaient pourvus de cinq doigts, comme tous les autres mammifères." GUSTAVE GELEY — "Les preuves du transformisme", p. 207.

"Si nous n'étions pas habitués à la vue du cheval, disait Sir William Flower, au point de ne plus guère regarder sa structure, nous serions émerveillés qu'on vint nous parler d'un mammifère construit si étrangement qu'il n'a qu'un simple orteil, terminé par un ongle, sur l'extrémité duquel il marche ou galope. Une telle conformation est sans exemple chez les vertébrés. A l'aide de fossiles nous pouvons retracer toutes les étapes par lesquelles ce pied extraordinaire a passé pour arriver à son état actuel de perfection; il nous est également facile de voir comment il est devenu de plus en plus parfaitement apte à remplir le rôle qui lui incombait; celui d'un support stable permettant au possesseur de parcourir un terrain dur à une grande allure." CH. J. COXISTU — Les animaux vivants du monde, I. p. 198.

seria sete. *Fugir a sete pés* de qualquer perigo, é uma phrase vulgar. Mas não ha, de facto, nenhum animal que tenha aquelle numero de pés. Depois, é um preconceito imaginar que a natureza faz sempre tudo do melhor modo. Ouve-se frequentemente dizer que na navegação aerea convém imitar o vôo dos passaros. A solução não está achada; mas pode-se desde já ter como certo que ella não será identica á da natureza. Para a locomoção em terra firme, o que ella achou de melhor foram os pés. Nós achamos a roda, que lhes é infinitamente superior! Para a locomoção na agua, a sua grande descoberta foi a barbatana. Nós construimos a helice, cujas vantagens são incomparaveis. Assim, qualquer que seja a solução da direcção dos balões, só muito provavelmente não será a imitação da aza dos passaros.

Si os sete pés que o dictado popular reclama não existem, acha alguém que cinco seria um numero razoavel? Com cinco pés os artistas da antiquissima Ninive representavam animaes monstruosos. Mas não era proposito. Não passava de ignorancia. Desconhecendo as regras da perspectiva, arranjavam-se de modo que os animaes eram representados como si tivessem cinco pernas. (1)

E quatro? — Quatro, tratando-se de pés, é um numero desmoralizado. Todos sabem que é um insulto grosseiro dizer de alguém que, *si cahir de quatro*, não poderá mais se levantar.

Dir-se-á que «de quatro» — com quatro mãos — andam os macacos? — Mas não é verdade! Apesar da auctoridade de Blumenbach, que propoz esse nome, e de Cuvier, que o sustentou, chamando aos macacos *quadrumanos*, o certo é que elles não têm quatro mãos: têm duas mãos e dois pés. A anatomia dos membros desses animaes demonstra isso de um modo peremptorio. (2) E' verdade

(1) ELISÉE RECLUS — "L'homme et la terre", I. 456.

(2) ERNEST HAECKEL — "Anthropogénie" p. 421 e 422.

que elles podem utilizar os pés para muitos misteres, que melhor se coadunam com as funcções das mãos. E', porem, uma questão de habito. Ninguem aliás ignora que os selvagens pegam nos objectos, trepam nas arvores, atiram, fazem em summa numerosos exercicios *manuaes* com os pés; mas o esqueleto destes diverge profundamente do das mãos. Assim, quatro pés ou quatro mãos seria sempre de mais.

Tres seria um bom numero? Talvez. Mas onde o animal trípede? Só a esphinge o descobriu.

A antiguidade nos transmittiu, de facto, o enigma, que ella formulou a Edipo, perguntando-lhe qual era o animal que de manhã tinha quatro pés, ao meio-dia dois e á noite tres. Edipo lhe respondeu que era o homem, — porque o homem de manhã gatinha, ajudando-se com as mãos; na força da idade, anda erecto e firme, só com o auxilio dos dois pés, e chegando á velhice, se arrima a um bordão, que é como um pé supplementar.

Mas não é um pé «de verdade». Assim, a conta de *tres* para pés não existe na natureza. Si fôssemos apurar as cousas desse modo, admittiríamos que o kangurú tinha um pé supplementar na cauda, porque, como todos sabem, o kangurú, quando está em repouso, firma-se nos dois pés e na cauda.

Na mythologia escandinava ha um exemplo de animal de tres pés: é o cavallo da deusa Hela, a personificação da morte. Mas tambem isso é uma fantasia, que apenas parece ter passado um pouco para a França, onde subsiste nas crenças populares de algumas regiões. (1) De tudo isto se deduz que a conta é antipathica á natureza.

Um pé seria muito pouco. Assim, não ha sêr nenhum unípede. (2) Apenas uma lenda

(1) Dictionnaire des superstitions, p. 199.

(2) Pôde-se aqui notar que durante muitos seculos nenhum estatuario ousou representar uma figura qualquer tendo apenas um pé apoiado no chão. Quando, no seculo V, Polyeto teve essa audacia, ella foi assignalada. REINVEN — "Apollo", Histoire General des arts plastiques, p. 47.

brazileira falla num passaro de um pé só: o sacy-pêrêrê. Mas o sacy é a incarnação do Diabo. E o que faz crêr que o Diabo tem horror aos pés é que a primeira das suas incarnações, a acreditar na Biblia, foi em uma serpente—e a serpente não tem pés. E' bom notar que não tem; mas já teve. No embrião das serpentes, se acha a indicação de membros, que não chegam a se desenvolver. As serpentes primitivas tinham patas. Mas a da Biblia, a julgar por auctorisados calungas de varias historias sagradas, não os possuía.

Assim, correndo a variedade de pés e patas, que os varios sêres possuem, verifica-se que *dois* é um numero muito accetavel. Nem de mais, como o burro, que se firmou em quatro; nem de menos como a cobra, que supprimiu todos elles—processo radical, mas excessivo.

Tão excessivo que varios santos se distinguiram pela reparação de pés amputados. Foi esse o caso de S. Pedro de Verona. Referem que um filho tinha dado um pontapé na mãe. Dias depois, foi contar o facto ao santo. Este, naturalmente indignado, lhe disse que um pé que tinha feito isso merecia ser cortado. O rapaz tomou o conselho ao pé da letra. Partiu para casa e—zás!—cortou o pé. Como era natural, sentiu logo as mais cruciantes dôres. A mãe, que o ouviu chorar, indagou do motivo porque o fazia e, sabendo, foi chamar o santo. Este não teve a minima difficuldade em regrudar o pé cortado. (1) Milagre inteiramente identico é referido de Santo Antonio. (2) Seria uma pesquisa digna de eruditos indagar si é o mesmo facto, attribuido a dois santos, ou si ambos tiveram occasião de fazer a mesma cousa.

Em todo caso, isso confirma que ao céu não é grato vêr pares de pés desirmanados.

(1) Padre Diogo do Rosario — "Flos sanctorum", vol. IV, p. 286.

(2) Op. cit. vol. VI, p. 147.

Mas que pés são mais agradáveis ao Senhor: os grandes ou os pequenos? Faltam indicações precisas a este respeito.

De que tamanho era o pé de Adão? Metro e meio! (1) Que ninguém se espante de uma tal affirmativa. Naturalmente, é impossível achar fiador idóneo da sua veracidade. Mas ha—todos o sabem—na ilha de Ceylão, uma montanha na qual se acha gravado um pé humano, que uma lenda diz ser o do primeiro homem. Chama-se ao monte, por este motivo, o «pico de Adão». O pé, que ali está marcado, tem metro e meio de comprimento. Exigiria um par de sapatos numero 224!

Bocage, disse, fallando dos enormes pés de Nicolau Tolentino:

Si o Padre Santo tivesse
um pé tão largo e tão máo,
podia, mesmo de Roma,
dar beija-pé em Macau.

Com certeza Tolentino não chegava ao metro e meio de Adão!

A admittir a Biblia, lembrando que foi Deus, directamente, quem fez Adão, deve suppôr-se que os grandes pés são a forma normal, agradável ao Senhor. Os grandes pés masculinos.

Aliás aqui se póde notar, como já o fez Gubernatis, que a poesia italiana—e a portugueza e brasileira—adoptaram uma metaphora para fallar de pés, que dá antes de tudo a ideia de solidez: chamar-lhes *plantas*. (2) E' verdade que Virgilio chegou a fallar de uns pés que fugiam como «voadôras plantas»; mas a metaphora ali era desastrada. Os italianos dizem bem, quando chamam a um homem robusto, de largos pés bem pousados no chão, um homem «*ben piantato*» e a metaphora ainda é talvez melhor quando a um emigrado

(1) JULIEN VINSON—"Les religions actuelles", p. 149. A marca do pé a que ali se allude é também attribuida a Siddharta, a Civa e a S. Thomaz. Na Arabia ha uma montanha em que se mostram as marcas dos pés do camêlo de Mahomet. Op. cit. pag. 352.

(2) Gubernatis—"Mythologie des plantes", I, p. 37

chama — *uno spiantato* — o que equivale bem aos *déracinés* de Maurice Barrès.

Dos pés de Eva nós não temos — e felizmente! — nenhuma medida.

E' bom, entretanto, não esquecer que durante muito tempo houve quem acreditasse que os primeiros homens foram gigantes. O *Deuteronomio* diz que Og, rei de Baschan, tinha 4^m, 99 de altura. (1) Moysés entrando na terra promettida, lá encontrou ainda povos gigantes e um escriptor que teve, no seculo 18 certa celebridade, garantia que Adão media 18 metros de altura. Depois, a estatura humana foi descendo. Com Abrahão, era já de 9 metros; com Hercules, de 3; com Alexandre o Grande, de dois. (2) Essa theoria do rebaixamento progressivo da estatura humana é falsa. No contrario, é que está a verdade. Si, porém, Adão tivesse sido um gigante de 18 metros de altura, os seus pés de metro e meio seriam pequeníssimos. O razoavel seriam pés de 3 metros de comprimento.

Nós temos, entretanto, do typo feminino que mais homenagens recebe no mundo inteiro a medida exacta do pé. Na Cathedral de Saragoça, na Hespanha, ha um sapato de Nossa Senhora, exposto á adoração dos crentes. (3) Por elle se sabe que o pé da Virgem Maria tinha justamente 194 millimetros. Calçava 29. E' um pé de criança. A nossa tarifa das alfandegas acceta como sapatos de criança os que têm até 22 centimetros — o que vem a dar, mais ou menos, 32 pontos.

Assim, trata-se effectivamente de um pé muito pequeno. Comtudo os das chinezas ainda são menores. Elles chegam a ter 13 e 14 centimetros. (4) Mas um pé de chineza é uma abominação!

(1) LEDRAIN — "La Bible", vol. IV, p. 253 [nota]. As traducções vulgares da Biblia dizem, por erro, que essa era a medida do seu leito. Não é o que está no texto. O texto allude ao seu sarcophago.

(2) JEAN FINOT — "Le préjugé des races", p. 152 a 153.

(3) J. VINSON — Cap. cit. p. 602.

(4) J. J. MATTIGSON — "Superstition, crime et misère en Chine". 2^e edition, p. 311 a 326.

Aleijam-n'o desde pequeno. Dobram os dedos para baixo da planta. A mulher não pisa sobre a sola: apoia-se sobre o calcanhar e sobre o dorso dos dedos, em cada um dos quaes se forma um callo. A pelle, que passa durante annos amarrada em compressas, embebidas em alcool— alcool de sorgho— acaba por tomar a côr de cêra. Fica com o tom desses fetos que se veem conservados em grandes frascos: macerada, enrugada. E' hediondo!

Hediondo para nós. Para os chinezes é sublime. (1) Ha tempos, uns missionarios americanos dirigiram uma petição ao ministerio do exterior, para que o Imperador da China fizesse cessar esse uso barbaro. A representação foi remetida dentro de uma bella caixa de prata artisticamente lavrada. O ministro tomou conhecimento do caso. Respondeu que Sua Magestade dava aos seus subditos o direito de fazerem o que quizessem. Mas, como a caixa era bonita e rica resolveu ficar com ella...

Um medico francez, que clinica na China ha muitos annos, escreveu a proposito dessa petição, perguntando que diriamos nós, si uma sociedade de chinezes viesse entre nós fazer campanha contra o collete feminino? Deformação por deformação, accrescentava elle, qual é mais ridícula: a que tem como resultado produzir uma certa difficuldade do andar ou a que produz a compressão do estomago, a luxação dos rins, o esmagamento do figado, o embaraço de toda a circulação?

Seria bem curioso, si um litterato da China, não conhecendo nossos costumes, pudesse lêr, no original ou em traducção, o que dizem os nossos poetas sobre os pés femininos. Bem certamente elle acreditaria que por aqui temos a mesma aberração de lá, porque num cres-

(1) H. D'ALMÉRAS— "Le mariage chez tous les peuples", 56.

cendo de hyperboles, todos elles cantam com exaggeros incriveis a sua exiguidade. Os «pequenos pés sob infantis artelhos» de que fallou Castro Alves são o desejo geral. Ha uma poesia celebre de Fernando Caldeira, que é talvez a melhor sobre o assumpto:

Scismo, scismo e não sei inda
como tu, sendo tão linda
e tão vaidosa de o ser,
tens ahi no chão pousados
os teus pésinhos, coitados!
ahi como uns pés quaesquer!...

Eu não sei, não comprehendo
quando te vejo correndo,
mesmo que vás devagar,
como uns pés tão pequeninos
tão delicados, tão finos,
assim te podem levar!

Faz-me pena, coitaditos !
tão galantes, tão bonitos
vê-los assim pelo pó!...
Muita pena !... ainda ao menos
se não fossem tão pequenos...
mas assim faz mesmo dó!...

Ainda se toda estrada
te fosse ao menos juncada
de rosmaninho e alecrim,
como a santa da capella
quando sahe no andor... Mas ella
nunca teve uns pés assim!...

Olha! ás vezes endoudeço
quando t'os vejo e appeteco
duas semanas... um mez...
dous mezes... nem sei eu quanto,
ser um sapato, comtanto
que tu me tragas nos pés!...

A's vezes, quando á tardinha
tu vaes scismando, sósinha,
por sobre a relva, ao de leve,
suspira cada folhita
de inveja á mais pequenita
que o teu pesinho conteve.

E se páras distrahida
junto d'alva margarida
ou malmequer, ou bonina
faz gosto vêr o geitinho
com que a flôr torce o pésinho
e sobre um dos teus s'inclina!

Que amor! que amor, oh meu Deus!
e não é por serem teus
que os amo tanto, não é
Esse teu pé pequenino
foi obra d'algun destino
que eu tinha de amar um pé.

.....

E verás que dentro em pouco
nem sei da cabeça, l'uco
por elles... e seus desdens!...
Que tu tambem, coitaditos!
tens uns pés tão pequenitos
que por um triz que os não tens.

Esconde-me, esses traidores,
esconde-m'os. Seductores!...
nem são pés, são um feitico!...
Esconde-me esses ingratos
nem as pontas dos sapatos
quero vêr-lhes... Antes isso!

.....

Oh! ao menos, se as pedrinhas
onde os pões quando caminhas
fossem todas beijos meus,
que, nem indo a pé descalço,
pozesses um pé em falso...
mas assim!... valha-me Deus!

Olha, a dizer-te a verdade,
eu acho que é crueldade
deixa-los ir pelo chão...
Se queres, poupa-lhes passos,
levo-te a ti num dos braços
e elles ambos n'outra mão.

Camillo Castello Branco incluiu esta poesia
no seu Cancioneiro Alegre. Incluiu tambem
outra, de Simões Dias, sobre o mesmo as-
sumpto:

Pés como os teus, mulher, ai! não ha nada
no mundo tão gentil.
Nem miniatura alguma cinzelada
por inclito buril!

E que são elles? duas miniaturas
do n'ais extremo ideal,
feitura sublimada entre as feitura
do artista sem igual!

Que perfeição de pés! que exiguidade!
são tão pequenos, são,
que me cabiam ambos á vontade
dentro duma só mão!

Mas o que mais estranho, o que eu mais acho
d'admiravel, emfim,
é como tu não cahes delles abaixo,
sendo elles assim!

Tu sabes que eu não sei ser lisongeiro,
ouve o meu coração:
se os teus pés se vendessem por dinheiro
em publico leilão,

que enorme somma d'oiro não viria
cahir-te aos lindos pés!
Eras capaz de arruinar n'um dia
algun banqueiro inglez!

Mas o que eu mais estranho, o que mais acho
d'admiravel, emfim,
é como tu não cahes d'elles abaixo,
sendo elles assim.

O critico portuguez faz notar que nas duas composições ha a mesma figura. Em ambas se falla na possibilidade dos dois pés das damas decantadas caberem em uma só das mãos do seu cantor. Camillo adverte que, embora isso dependesse tambem em muito do tamanho das mãos do poeta, era preciso que taes senhoras fossem aleijadas. Aliás já Musset tinha dito do pé de uma andaluza:

Il était si petit qu'un enfant l'eût pu prendre
dans sa main...

Figura identica Baudelaire usou.

O chinês, que lesse tudo isto, não poderia deixar de crêr que também nós eramos partidários dos pés microscopicos.

Hoje, effectivamente nós os consideramos, embora sem as hyperboles dos poetas, uma das bellezas femininas.

Nem sempre, entretanto, foi assim. No século 16, na França e na Inglaterra, os pés grandes estiveram em moda. Para os homens os sapatos tomaram mesmo proporções exaggeradas. Havia alguns tão grandes que para tornar a marcha possível, era necessario amar-rar-lhes a ponta aos joelhos de quem os calçava!

Parece aliás que a origem dessa moda foi um aleijão de Godofredo Plantagenet, conde de Anjou e que era o *arbiter elegantiarum* do seu tempo. Elle tinha na ponta do pé uma excrescencia carnosa, que reclamava sapatos especiaes para cobri-la. D'ahi o tê-los adoptado. Adoptando-os, os cortezãos pensaram logo em imita-lo. (1)

Mas é bom dizer que ninguem usava o tamanho que queria: tudo isso estava regulamentado. Simples cavalleiro só podia ir até botinas de 48 centímetros. Grandes fidalgos tinham o direito de calçar botinas de 64 centímetros. Só os principes podiam attingir a 80 centímetros! (2)

O exaggero foi tão longe que se tornou necessaria a intervenção da lei para cohibi-lo e Carlos V acabou prohibindo-o sob pena de multa. Começou então o excesso da largura.

(1) SCARLATTI— "Et ab hic et ab hoc", II, p. 71.

(2) L. BOURDEAU — "Histoire de l'habillement et de la parure", p. 261 a 262. O auctor allude ali á rainha Bertha, que elle diz ter ficado celebre na historia com o cognome de Berthe "aux grands pieds". É um engano. O cognome de Bertha, mãe de Carlos Magno, era o de Bertha "do pé grande". Pé, no singular, porque ella tinha um pé muito maior do que o outro. Ha mesmo uma lenda a seu respeito. Contam que na noite de seu casamento, sentindo-se fatigada, pediu a uma das suas damas de honor que a fosse substituir, introduzindo-se furtivamente no leito real. A dama, que se parecia muito com ella, assim fez. Foi, esteve com o rei, convenceu-o de que era a verdadeira rainha e de que devia mandar matar Bertha, a quem fez passar por uma impostora. O rei assim o ordenou; mas um velho servidor fiel, que a conhecia, logrou salva-la. Conservou-a por alguns annos em sua companhia, até que afinal o monarca veio a saber de tudo, restabeleceu no throno "Bertha do pé grande" e fez queimar a falsa esposa. V. art. "Berthe" na "Grande Encyclopédie".

O grande *chic* eram os sapatos esparramados. Isso durou algum tempo. Afinal, chegou-se ao exaggero na ultima dimensão. Tentado o comprimento, tentada a largura, veio a ideia de tentar a altura: fizeram-se então os saltos cada vez mais altos. A gente do bom tom só usava sapatos de saltos bem elevados. (1)

Por isso, dos burguezes e dos homens da plebe, que não tinham direito a isso, se fallava com desprezo chamando-os «pés chatos». — A grande ambição destes era — que mesquinha aspiração! — poderem usar botas formidolosas.

E' bom notar que ha uma certa razão em ninguem querer ser *pé chato*. A razão aristocratica. Effectivamente pela pratica dos trabalhos manuaes e sobretudo a de carregar pesos, o pé se espalha, se esparrama no chão para offerecer uma base mais solida. Por isso, no Norte do Brazil o povo falla com desdem nos «calcanhares de frigideira». Os anthropologistas verificam que os individuos de profissões liberaes teem o pé mais alto que os de serviços braçaes. (2)

Por onde se vê que, até certo ponto, pelo pé se pode medir a cabeça, o que a alguns pareceria uma affirmação sem pé nem cabeça...

A moda dos sapatos femininos *cambrés* é o exaggero de uma belleza natural.

E' aliás sabido que muitas vezes as modas provém da imitação de deformidades ou extravagancias dos ricos e poderosos. Sem sahir do meu assumpto pode-se aqui lembrar que um certo modo affectado de apertar a mão foi posto em uso, porque a então Princeza de Gales, hoje rainha Alexandra, tinha um tumor perto do cotovello e não queria que algum *shake-hands* excessivamente energico o magoasse.

(1) Ch. Rozan — "Petites ignorances de la conversation", 12e. édition, p. 193.

(2) JEAN FINOT — "Le préjugé des races", p. 204: "En indiquant la grandeur des corps par 100, la cambrure des pieds des différentes professions américaines était chez l'ouvrier: 3, 83; l'Indien: 3, 94; le Nègre: 4, 04; les intellectuels: 4, 09." E' uma escala de ociosidade. Ociosidade quanto a trabalhos manuaes. O operario que trabalha mais, tem os pés mais chatos. Vem depois o indio — o indio americano do Norte —, o preto selvagem mais ocioso e afinal o homem de letras, que não faz nenhum serviço braçal.

Quanto á ideia que levou os chinezes a tanto prezarem os pés deformados, ha quem explique o facto dizendo que elle proveio da ordem da imperatriz Ta-Ki, que reinou na China, 1.100 annos antes de Christo. (3) Ella tinha os pés tortos. Quiz então que tambem as outras mulheres o tivessem. Creou regulamentarmente o «pied-bot». Resta saber si foi necessaria lei, ou si bastou a adulação dos cortezãos.

O positivo é que não ha, para um poeta chinez, belleza maior que esses pés tortos. Aqui nós os tratamos nos hospitaes. Lá elles são cantados nos livros de versos. Um poeta já chegou a dizer que um pé não deformado é uma deshonra!

N'essa monstruosidade elles veem uma certa semelhança com a lua. Chamam-se tambem aos pés das chinezas os *lirios de oiro!*

Não imaginem que haja nisso a metaphora avulsa de algum poeta extravagante. E' uma dessas figuras consagradas: o que se pode chamar uma «chapa», tão corrente lá, como o dizer-se aqui uma «boquinha de rosa».

Aliás entre as numerosissimas poesias sobre pés, em poetas brasileiros, se acha mais de uma vez a comparação de pés e lirios, de pés e lua. Diz, por exemplo, Sabino de Almeida:

«Lirios por noite calma
desabrochando divinaes, serenos,
são os teus pés mimosos e pequenos
Maria de minh'alma!» (2)

Antes d'elle já Luiz Guimarães Junior tinha feito a mesma comparação em soneto intitulado *A Borralheira*:

Meigos pés pequeninos, delicados
como um duplo lilaz — si os beija-flores
vos descobrissem entre as outras flores
que seria de vós, pés adorados!

(1) MATTIGNON—Loco citato.

(2) "O livro de Maria", p. 68.

Como dois gêmeos sylphos animados,
vi-os hontem pairar entre os fulgôres
do baile, ariscos, brancos, teutadores..
Mas — ai de mim! — como os meus pés, calçados.

Calçados como os mais! que desacato!
— disse eu. Vou já talhar-lhes um sapato
leve, ideal, fantastico, secreto...

Ei-lo. Resta saber, anjo faceiro,
si acertou na medida o sapateiro:
— mimosos pés, calçai este soneto.

A ideia é singular. Mas lá está a comparação com um *duplo lilaz*.

Luiz Rosa, falla, a proposito de outros pés,
no luar. Não quer, porém, como os chinezes
comparar a forma dos pés com a forma
da lua, que é o que elles acham identico. O
poeta brasileiro compara apenas a alvura:

... Uns pés assim: delicados,
dois leves sylphos nevados,
que, como as aves, saltavam.

Dois pés tão leves que a gente
em vendo-os, todo trememente,
queda-se logo a scismar
si vêm das leiras singellas,
si elles são feitos de estrellas,
ou si são feitos de luar. (1)

Por que, entretanto, nós chegamos, em
materia de pés, a ter o mesmo ideal dos chinezes? E' bom não esquecer que esse ideal
não está apenas nas obras litterarias. A poesia
popular insiste nessa nota de todos os modos.
Numa collecção de mil trovas populares portuguezas, ha, para só citar estas, as seguintes
quadras:

Tendes o pé pequenino
do tamanho de uma flôr;
não sei como se não quebra
com tanto peso de amor.

(1) "Imagens e Visões", p. 54.

Tendes o pé pequenino
da marquinha de um vintem ;
devia calçar de prata
quem tão pequeno pé tem.

Tendes o pé pequenino,
daes a passadinha curta.
Mal haja o pae que te tem,
O ladrão que te não furta. (1)

A aristocratica origem da *gata borralheira* se conheceu pelo tamanho do pé.

Assim, o pé pequenino é uma aspiração geral. Por que? Naturalmente porque elle ficou sendo o que Darwin chamaria um *character sexual secundario*, como os cabellos longos, a brancura da tez e outros predicados identicos. Orgam que não se exercita não se desenvolve. A mulher, em geral occupada em trabalhos domesticos, não desenvolve o pé tanto como o homem. Quanto mais nobre e rica, mais ociosa. Essa é, pelo menos, a regra. D'ahi o facto da desproporção entre os pés masculinos e femininos. O que a moda faz é exaggerar esse dado natural. A poesia borda a esse respeito as mais extraordinarias hyperboles. Tanto, porem, deve ser aquella a explicação, que assim que a lucta pela vida chama á forma as mulheres, a preocupação dos pés diminue. Os europeus, em regra, não fazem disso, hoje, tão grande cabedal como nós. Prezam mais o que chamam os «pés praticos». E como os menos praticos, os mais fantasistas dos povos da Europa são os da Peninsula Iberica, a um pé de senhora muito pequeno, mas alto, chamam os sapateiros francezes: «pé hespanhol». Muito frequentemente em Paris as brasileiras precisam encommendar especialmente o seu calçado, com essa fôrma.

O pé da franceza elegante é maior que o da brasileira, mas, quasi sempre, esguio e baixo.

(1) AGOSTINHO DE CAMPOS E ALBERTO DE OLIVEIRA— "Mil trovas" p. 111, 114 e 132.

Mas voltemos ao pé chinez.

Outra explicação o dá como um recurso de maridos ciumentos, que assim prenderiam em casa mais facilmente as respectivas mulheres. (1) Mas a explicação é falsa. Dizem os europeus que teem vivido na China que as mulheres de lá, andam, correm, dansam perfeitamente bem, com os pés deformados.

Não ha nada, porem, que mereça maior recato de uma filha do Celeste Imperio. O pudor das chinezas fica nos pés. Só o marido logra vêr os da mulher. E' a concessão suprema do amor. Um apaixonado não faz caso da cara que elle vê, mas do pé que elle advinha.

Afinal, o pudor depende em grande parte de convenções. Pensem no que a nossa sociedade prohiibe e consente acerca do decote e verão as suas incoherencias... A certas horas do dia, diante de duas ou tres pessoas, seria impudico mostrar uma pollegada de collo. A outras, diante de duas ou tres mil, em um baile, em um theatro, pode-se exhibir sem impudicicia, mais de um palmo!

Mas o pudor dos pés já existiu na Europa. Já existiu—e existe ainda na Asia Central, onde, quando uma mulher vê outra passar mostrando os pés, vela a face corada, como si estivesse assistindo á ultima das inconveniencias! E' positivamente como si a estivesse vendo passar inteiramente despida. Na China succede o mesmo. Fallar em pés femininos é positivamente uma obscenidade. Nenhum pintor ousa representar uma mulher de modo que os pés estejam á vista. (2) E si isso acontece na China é bom dizer que tambem o Alcorão recommenda ás mulheres que escondam os enfeites dos pés. (3)

Na Hespanha já foi tambem assim, até o fim do seculo XVII. (4) As mulheres usavam

(1) PELLETAN — "La mère", citado em Pinheiro Guimarães — Da hy-perthermia, p. XXIV.

(2) ELISÉE RECLUS — "L'homme et la Terre", p. 243.

(3) Cap. IV, v. 31.

(4) SALOMON REINACH — "Mythes, cultes et religions", I. p. 105 a 110.

vestidos muito compridos — compridos na frente — roçando bem largamente pelo chão para impedir que se lhes vissem os pés. Quando a rainha Luiza de Saboia, mulher de Felippe V, pediu que encurtassem um pouco as saias para não fazerem tanta poeira, alguns maridos declararam solemnemente que preferiam vêr as mulheres mortas do que deixando vêr ainda que fosse apenas a pontinha dos pés!

E pelo pudor dos pés essa rainha passou um mão quarto de hora e esteve quasi a morrer.

Luiza de Saboia foi a primeira rainha de Hespanha que teve a audacia de ir à caça com o rei. Para que ella passasse do carro para o animal approximavam este e ella, da portinhola do carro saltava para o animal, procurando cahir sentada na sella. Ninguem tinha o direito de lhe tocar nos pés! De uma vez, o cavallo assustou-se com esse manejo, furtou o corpo e ella cahiu redondamente por terra. De outra, foi ainda peor: chegou a sentar-se e a metter o pé no estribo. Mas o animal corcoveou, cuspiu-a fora da sella e começou a rodar no pateo do castello, onde felizmente occorreu a scena, arrastando-a com o pé preso. E' facil de calcular como ella ia, assim arrastada...

Pois bem, para salva-la dessa situação em que a sua vida e o seu pudor tanto deviam soffrer, os fidalgos não ousavam fazer nada porque nada lhes parecia mais impudico do que puchar o pé da rainha do malfadado estribo. Afinal, dois cavalleiros, Don Luis de las Torres e Don Jaime de Soto-Maior se atreveram. Um deteve o cavallo, o outro tirou o pé da rainha. Tirou, deixou-a mesmó no chão e, immediatamente os dois, sentindo que — embora salvando a rainha! — tinham commettido um crime, procuraram os seus proprios cavallos e fugiram, fugiram a todo galope, fugiram para se esconder, até que o rei, por um acto de magnanimidade, se resolveu a perdoá-los.

E foi magnanimidade, porque o conde de Villa-Mediana, que salvou a rainha Izabel de

um incendio, foi morto por um tiro de pistola dado pelo rei, não porque, ao salva-la, a tivesse carregado ao collo; mas porque, ao carrega-la, tocou-lhe nos pés!

Vejam como o caso era sério!

A rainha, conhecida na Historia pelo cognome de Isabel-a-Catholica, fez mais. O ritual da Igreja exige que na extrema-uncção se unjam os moribundos com os Santos Oleos, fazendo-lhes com o pollegar pequenas cruces nos dois olhos, nas orelhas, nas duas narinas, nas mãos e nos pés. Nas mãos e nos pés o ritual tem variações. Si se trata de padres, a uncção é feita do lado de fora, nas costas da mão; das outras pessoas, na parte interior. Quanto aos pés, ungem-se indifferentemente no peito ou na planta. (1)

Pois bem. Mesmo na hora da morte, apesar da sua extrema devoção, Isabel-a-Catholica não consentiu que lhe descobrissem os pés para aquelle fim! Cumpre dizer que isso não infirma o sacramento; mas a tenacidade desse gesto de pudor em tal momento e em uma rainha, que ficou celebre pela sua exaltação religiosa, prova bem como o sentimento era forte.

Nem era preciso vêr o pé. Fallar nelle já constituia positivamente, uma indecencia.

Maria-Anna vinha da Austria para se casar com Felipe IV de Hespanha. Vinha com uma embaixada especial. Passando por certa cidadesinha do paiz, os habitantes lhe offereceram diversos presentes, entre os quaes varios pares de meia de seda ricamente bordados. O mordomo-mór, quando os viu, atirou-os ao chão, indignado, e disse-lhes esta phrase: «*Haveis de saber que as rainhas de Hespanha não têm pernas!*» A futura rainha desatou a chorar. Quiz, apavorada, voltar para a Austria, convencida de que lhe iam cortar as pernas. Só depois que lhe explicaram o caso, foi que se decidiu a continuar o caminho. (2)

(1) LE VAVASSEUR "Cérémonial selon le rit romain", I, p. 681, II 181

(2) ROBERT DE LA SIZERANNE "Le miroir de la vie", I, p. 220.

Um trovador dessa epoca, extranho ao meio official poderia talvez cantar uns pés adorados; mas na situação que occupava como estadista, homem publico, portador de um nome respeitavel, nunca, nesses remotos tempos, um homem como José Bonifacio teria escripto a poesia que elle nos deixou e é, de algum modo, classica:

Adorem outros palpitantes seios
seios de neve pura :
de angelico sorrir meiga fragrancia,
ou sobre collo de nevada graça,
cahindo a medo em ondas alouradas
bastos anneis de tranças perfumadas.
Adorem o coral do labio ingrato,
na alvura do alabastro,
a voz suave, o pallido reflexo
da luz do céu em face de criança:
ou sobre altar erguido á formosura
na fronte eburnea a morbida brancura.

.....
Adorem outros de um airoso porte
relevados contornos...
.....

A magestade da belleza altiva,
o desdenhoso riso, o collo, o gesto,
a desdenhosa mão que a trança alisa,
na tripode infernal a pythonisa :
não ! não quero pameis de tal encanto !
Tenho gostos humildes :
amo espreitar a negligente perna,
que mal se esconde nas rendadas saias,
ou ver subindo o patamar da escada
sem azas, a voar, um pé de fada,
um pé, como eu já vi, de tez mimosa,
de tez folha de rosa,
leve, esguio, pequeno, carinhoso,
apertado, a gemer num sapatinho,
um pé de matar gente e pisar flores,
namorado da lua e pai de amôres !
Um pé, como eu já vi, subindo a escada
da casa de um doutor :
da moçoila gentil a erguida saia
deixou-me ver a delicada perna...

Padres, não me negueis, si estais em cahna,
um coração no pé, na perna uma alma !

Um pé, como eu já vi, junto à ottomana,
em fêvrido festim,
tremendo de valsar, envergonhado
sob a meia subtil a côr do pejo
deixando fluctuar na meia azul...
Requebro, amôr, feitiço — um pé taful!

Poeta do amor e da sandade,
depois de morto, peço,
em vez de cruz sobre a funerea pedra,
a fôrma do teu pé : foi o meu culto...
Quero sonhar... o resto, emquanto a lua,
Chorosa e triste pelo céu fluctua...

Francisco Octaviano tambem exprimiu desejo até certo ponto identico:

Nesse dia vem calçada
de botinas de setim:
quero a terra bem pisada
tendo teu pé sobre mim.

E a proposito de pés e de sepulturas, é justo citar o epitaphio a um pé, feito pelo poeta portuguez Alfredo de Moraes Pinto:

Em doce, eterno remanso,
pé pequeno, airoso e breve
neste sepulchro se encerra
p'ra seu eterno descanso.
Que a terra lhe seja leve,
como elle foi leve á terra ! (1)

Na ultima estrophe de José Bonifacio está talvez a explicação do motivo pelo qual o pudor se foi collocar nos pés femininos, durante tanto tempo. Lá diz o nosso poeta: «Quero sonhar... o *resto*, emquanto a lua, chorosa e triste pelo ceu fluctua.» Reinach adverte que talvez em outro tempo a opinião geral fosse a mesma de Alfredo de Musset:

Car le bas—de la jambe est l'espion malin
Et, quand on voit le pied, la jambe se devine.

(1) As duas citações de Francisco Octaviano e Moraes Pinto achei-as em um artigo de Lindolpho Gomes, n.º "O Pharol". Nelle havia outras, a que eu já me referia.

Si realmente a meia é o espião malicioso da perna e quando se vê o pé, facilmente se adivinham as bellezas desta, o pudor do pé se justifica.

Herodoto — diz Bourdeau — falla de um povo que morava perto do Egypto, os Guidanos, cujas mulheres traziam em volta dos tornozellos « tantos anneis de couro, quantos amantes tinham tido. Aquella que trazia maior numero era a mais admirada, porque tinha sido amada por mais homens. » Assim, commenta elle, era uma especie de condecoração militar para uso das heroínas da galanteria. (1)

Onde o pé nos reserva surpresas é na linguistica. Que elle venha do radical sanskritto *pad*, que deu o *pes*, *pedis* latino, radical que quer dizer *andar*, nada mais logico. (2) Ha porém, um caso curioso: as relações do pé com a intelligencia.

Nós temos em português o verbo *estar*, que vem do latim *stare*, e cuja verdadeira accepção é a de *manter-se de pé*. Pois bem: o grego, o allemão e o inglez — além de outras linguas — aproveitaram o radical que significava *manter-se de pé* para com elle fazerem verbos e substantivos, que querem dizer *sciencia* e *comprender*. Assim, por exemplo, o termo inglez *understand*, deveria, decomposto, exprimir: *stand* = manter-se de pé, *under* = sobre, e, portanto « *estar de pe em cima* ». No emtanto, o significado de *understand* é *comprender*. Por que? E' uma modificação de sentido, que só historicamente se explica. (3)

As primeiras artes que os homens precisaram aprender não as acharam em livros. Eram ensinios praticos, que se faziam *de pé*. De pé se guiavam os carros, *de pé* se lançavam dardos, *de pé* se fazia o fogo... De modo que o individuo que sabia essas cousas, é porque as tinha aprendido *de pé* e *de pé* sabia conservar-se fazendo-as, o que não acontecia

(1) L. BOURDEAU — Op. cit. 288.

(2) F. GARLANDA — *La filosofia delle parole* — pag. 271

(3) MICHEL BRÉAL — *Essai de sémantique* — 3^e édition — pag. 198.

ao inexperto. Nós temos uma expressão exactamente opposta para dizer que um individuo falla do que sabe; dizemos que elle falla *de cadeira*. E' nesse caso uma allusão ao modo pelo qual os professôres fazem o ensino. O *understand* dos inglezes, que tem expressões parallelas em grego e allemão, é um exemplo do tempo em que a sciencia se fazia sem cadeiras e antes de tudo era preciso saber manter-se a pé firme atirando a setta, domando cavallos furiosos, fazendo da fricção dos troncos seccos saltar o fogo. E', portanto, a lembrança de uma época em que, com algum paradoxo, se póde dizer que os homens tinham o talento nos pés, o que subsiste no verbo inglez.

Mas apesar de todas essas etymologias, o incontestavel é que, hoje, o pé está em franca decadencia, na litteratura e na arte.

Um caricaturista norte-americano da revista *Life* pretendeu, entretanto, fazel-o disputar a Marconi o que faz a gloria do sabio italiano. Num quadro muito gracioso, intitulado *Telegrapho sem fios*, elle representava, em torno de uma meza, uma velha senhora de oculos, a filha e o namorado desta. Enquanto a velha lhes mostrava no jornal qualquer cousa, a que elles fingiam prestar grande attenção, o moço pisava levemente o pé da namorada. Telegrapho sem fios! Mesmo nessa funcção namoratoria o pé não é mais usado sinão entre camponezes, gente que, ou anda descalça, ou com sapatos tão grossos que equivalem a couraças. Nas cidades, isso era bom no tempo dos escaupins de seda, que não eugraxavam. Hoje, o desasado que se lembrasse de pisar o pé da namorada, arriscava-se a fazela dar algum grito de dôr machucando-lhe um callo e, de mais a mais, estragar-lhe-ia o brilho da botina — o que ella, de certo, não lhe agradeceria.

Ha, é verdade, uma formula mais moderna para esse *marconismo* de debaixo das mezas: não se pisa, aperta-se... Aperta-se de vagarinho, um pé querido entre os dois do

apaixonado... O processo é mais aceitavel. Aceitavel, mas não recommendavel.

Positivamente tudo isso é *vieux jeu*...

A verdade é que o pé não se presta muito a caricias. Elle passa por ser o ponto mais sensivel ás cocegas de todo o corpo humano (1) Mas a sua delicadeza para esse caso especial não o habilita a funcções mais elevadas. Em alguns povos barbaros era costume, para significar que se aceitava a vassalagem a alguém, tomar-lhe o pé e collocal-o ou sobre a cabeça ou sobre a face. (2)

Póde-se mesmo dizer que não ha mais pés bonitos. Não póde haver, para quem anda de botinas desde a mais tenra infancia. Assim, quando nós manifestamos grandes admirações por uns pés delicadissimos, elegantissimos, mimosissimos—deve-se sempre entender que nos referimos a pés devidamente calçados, em sapatos bem feitos, em meias de seda ou fio de Escossia...

Entre nós è muito raro que nas praias de banhos se vejam moças com os pés descalços. Preferem usar os sapatos proprios para isso. Na Europa, entretanto, o caso é corrente. Em Trouville, em Ostende, em outras praias elegantes, usa-se muito ir á pés nús: a sensação gostosa de pisar a areia fina, de entrar assim pelo mar tenta muita gente da mais caprichosa elegancia. E' então que se póde ver que desencanto! Quanto pésinho que nos parecia adoravel, alli se vê com os dedos acavallados uns sobre os outros, cheios de callos, ou, pelo menos, do signal dos logares de onde foram tirados!

A decadencia do pé é um facto...

No direito, elle já serviu para attestar a posse. Quando alguém reclamava um immovel devia pôr-lhe o pé em cima. Era uma formalidade processual symbolica. (3)

(1) JAMES SULLY. *Essai sur le rire*—pag. 48.

(2) MANFEGAZZA. *La physionomie et l'expression des sentiments*— pag. 120.

(3) TH. BRAVA. *Poesia do Direito*—pag. 71.

O pé dos ladrões reincidentes tinha de ser cortado.

Pelo pé ainda hoje o povo, em alguns lugares, acredita que é possível prendel-os, desde que delles se encontrem vestígios perto do lugar onde se perpetrrou o roubo. Para conseguir aquelle effeito, arranjam-se tres cravos que tenham servido em uma ferradura de cavallo e um quarto que provenha de algum caixão de defunto, o que se póde obter facilmente nos cemiterios. Pregando todos quatro no chão, bem em cima da pégada que o ladrão deixou impressa, elle fica preso no lugar em que estiver, incapaz de andar até que o apanhem. (1)

O povo acredita tambem que o pé tem impetos propheticos. Quando elle começa a coçar presagia uma viagem proxima—do mesmo modo, sabem-n'o todos, que a coceira nas mãos é presagio não menos seguro de que se tem de receber dinheiro. São superstições essas muito espalhadas por quasi todo o mundo. (2)

Por ser talvez um servidor modesto, que anda perto do chão; o pé foi muitas vezes despresado. Manú, o lendario reformador religioso do Oriente, disse que Deus tirou da sua bocca os brahmanes, do seu braço os guerreiros, de sua coxa os negociantes e do seu pé, os párias—os seres mais infimos, mais miseraveis! (3)

Pelo pé a Biblia distingue os animaes puros e impuros e o Levitico assegura que o pé de boi, queimado, offerecido em holocausto ao Senhor era para elle, um «cheiro suavissimo». (4)

De tão auctorisado texto não vale a pena partir, para discutir as excellencias do mócó-tó... Convem apenas lembrar que tambem elle,

(1) L. F. SAUVÉ—*Le folk-lore des Hautes Vosges*, pag. 211.

(2) G. GEORGEAKIS et L. PINEAU—*Le folk-lore de Lesbos*—pag. 334.

(3) *Les livres sacres de toutes les religions*. I, p. 335. Lois de Manou—Livro I, 31.

(4) Levitico—I, 13: "Os intestinos, porem, e os pés lavam-se em agua: e o sacerdote queimará em cima do altar toda a offerta em holocausto e cheiro suavissimo para o Senhor."

em nosso tempo, perdeu a fama que d'antes gosava, de ser um alimento muito nutritivo. Sabe-se agora que é um engano. Tanto tem de difficil digestão como de pouco alimentício.

Assim até dos pés de bois já se não faz caso! Nem dos pés de bois, para os repastos substanciaes, nem dos pés-de-moleque para as crianças comprarem nos taboleiros das pretas minas.

Seria um trocadilho desgracioso, mas exacto dizer que o pé está perdendo pé, no amor e na poesia.

No amor, ninguem mais pensa em fazer «pé de alferes» á sua namorada. Os apaixonados de esquina não tem mais o ar marcial que os faziam parecer alferes. Por que alferes e não capitães ou, para ir logo ás do cabo, marchaes ou generalissimos? Porque era naturalmente nesse primeiro posto que elles estavam em plena mocidade e rondavam as portas de suas Dulcineas, com ares juvenis e provocantes, uma das mãos no punho da espada a outra no bigode. Isso passou.

Na poesia, igual phenomeno. Os nossos grandes poetas contemporaneos não tratam mais de pés. Fallam disso rapida e quasi desdenhosamente. João de Deus ainda cantou os pés de uma rapariguita pobre e descalça:

Quem és, que ao ver-te o coração suspira
e em puro amor desfaz-se?
Raio crepuscular do sol que nasce
de lampada que expira?

Como os teus pés são lindos! Como é doce
a curva do teu peito!
Oh! se o meu coração fosse o teu leito
e o teu amado eu fosse!

Que preciosas perolas descobre
teu meigo, humido labio!
E virgem! Como Deus foi justo e sabio
em te fazer tão pobre!

Não tens fofu velludo onde se atole
tua angelica imagem,
mas quando é bello o céo, bella a paizagem ?
E quando é bello o sol ?

Limpo de nuvens, nú, derrete a neve,
e a aguiá até desmaia!
Tu não tens mais do que uma pobre saia,
e essa, curtinha e leve:

Onde o corpo te alteia, a saia avulta ;
onde te abaixa, desce...
E's como a rosa ; a rosa nasce e cresce,
Não para estar occulta

A ti pois que te falta ? Os teus desejos
quaes são ? de que precisas ?
Ah! não ser eu o marmore que pisas...
Calcava-te de beijos.

Bilac falla tambem nuns «pequenos pés
que as sandalias soffregas osculam». Falla ;
mas não insiste. Só a musa popular ainda é
fiel a esse elemento de poesia. E' uma trova
anonyma a que diz :

Já vi chorar uma pedra
no meio de uma calçada
por tu passares por ella
e não ter sido pisada...

E outra, do mesmo genero, ainda diz mais
apaixonadamente :

Pelas alminhas te peço :
— dá de vagar os teus passos
Debaixo desses teus pés
anda a minh'alma aos pedaços

Raymundo Correia disse de alguém num
final de soneto :

Vôa, as papoilas esflorando e as rosas...
Passa entre os jasmineiros que se agitam,
às vezes célere e pausada às vezes,

e, sob as finas roupas vaporosas,
seus leves pés, precípités, saltitam,
pequenos, microscópicos, chinezes...

Afinal isso é uma apologia comedida. Mas nem Machado de Assis, que não perde nos seus romances ocasião de insistir sobre as bellezas dos braços das suas heroínas, nem nenhum, em summa dos grandes poetas contemporaneos se extasia mais, com excessos lyricos diante de pés femininos.

A mão ainda conserva um certo prestigio. Mas é que não ha instrumento mais maravilhoso!

Si, tratando do pé, eu fiz apenas um numero diminutissimo de allusões á sua importancia — tratando das mãos não posso sinão dar meia duzia de indicações.

Um pouco de meditação mostra logo que não é possivel pensar em nada de humano: arte, religião ou sciencia, sem que o trabalho das mãos appareça, sem que o seu valor se destaque.

Um auctor inglez, Sir Charles Bell, escreveu um volume cujo titulo diz bem a importancia que elle attribue a essa parte do corpo humano. Chamou-o: «*A mão, seu mecanismo e propriedades, provas da criação providencial.*» Na sua opinião, si ha uma prova solida da existencia de Deus é a existencia da mão: acha elle que só um Deus a podia fazer. E escreve, enthusiasmado: «A mão humana é tão admiravelmente formada, possui uma sensibilidade tão fina, a sua sensibilidade governa com tanta precisão todos os seus movimentos, responde tão instantaneamente aos impulsos da vontade, que se tem a tentação de crêr que é ali que a vontade reside. Todas as suas acções são tão energicas, tão livres e, todavia, tão delicadas, que parece ter seu instincto á parte e que não se pensa, nem na sua complicação como instrumento nem nas relações que a prendem ao espirito. Nós nos servimos da mão como respiramos: sem pensar nisso. Perdemos toda a lembrança, tanto dos seus fracos e primeiros esforços, como do lento exercicio que a aperfeçoou.» (1)

(1) O L'ANNÉE - *L'art et les artifices de la beauté* — p. 278.

Sir Charles Bell não é o unico da sua opinião.

Montaigne pensou em lembrar algumas cousas do muito que fazem as mãos em uma enumeração que ficou celebre.

«Com as mãos? Com as mãos, nós sollicitamos, nos obrigamos, chamamos, expulsamos, supplicamos, negamos, recusamos, interrogamos, admiramos, nomeamos, confessamos, nos penitenciamos, nos intimidamos, envergonhamos, duvidamos, ensinamos, ordenamos, incutimos, encorajamos, juramos, testemunhamos, accusamos, perdoamos, injuriamos, despresamos, desafiamos, despeitamos, adulamos, aclamamos, abençoamos, humilhamos, zombamos, reconciliamos, recommendamos, exaltamos, festejamos, alegramos, lastimamos, contristamos, desanimamos, desesperamos, espantamos, exclamamos, calamos...» (1)

A medicina dos Arabes, toda ella baseada nos preceitos do Alcorão, assevera que de todo o corpo humano «o organo mais bem equilibrado é a polpa do dedo indicador; em seguida a polpa e a pelle dos outros dedos.» (2)

Helvecio chegou a dizer que era á mão que o homem devia a sua superioridade sobre todos os animaes. (3) Ha nisso evidentemente um exaggero. Mas, de facto, a mão permite a verificação immediata de um grande numero de noções, que os outros sentidos só nos dão incompletamente.

Diante de um bom espelho, quando a imagem é nitida a vista nos garante a perfeita realidade de uma verdadeira creatura. A mão nos desillude immediatamente. Corrige a vista.

Uma corda que vibra é um phenomeno perceptivel ao olhar. Um som é um phenomeno auditivo. A mão fazendo parar simultaneamente a corda e o som mostra a relação entre os dois. D'ahi a phrase justa de Hel-

(1) MONTAIGNE—*Essais*—[Ed. Garnier] I, 417.

(2) P. BRUSON—*La médecine et les religions*—p. 148.

(3) G. L. CERRETIARI—*Chiromanzia e tatuaggio*—p. 5.

vecio: que a mão permite regularisar o julgamento.

Já alguém disse que a mão não é apenas o orgam do tacto, é «o sentido da intelligencia», o seu órgão mais directo.

A verdade é que a intelligencia aperfeiçôa a mão e a mão dilata os dominios da intelligencia.

Já, ao começar esta conferencia, lembrei que os animaes de maior intelligencia tinham mãos ou succedaneos de mãos—si assim se pode dizer... E' o caso do macaco; é o caso do elephante... Quanto ao elephante, ha mesmo uma cousa interessante a referir. Entre os Cafres, quando succede que por engano matem um elephante, vão dar desculpas ao seu cadaver. Depois, por mais precaução, cortam-lhe a tromba enquanto em côro vão dançando e cantando: «O elephante é um grande chefe; sva tromba é sua mão. (1) E', portanto, ha muito tempo conhecido que a tromba accumula as funcções de mão e de nariz. (2)

Por modestia de deputado, não lhes quiz fallar na ave mais intelligente que se conhece e que precisamente utiliza as suas garras como mãos, ora estendendo-as, ora tomando os objectos, e approximando-os da bocca. Ninguém terá deixado de evocar, diante destes rapidos traços biographicos, o animal que os maledicentes dizem ser o symbolo glorioso da eloquencia parlamentar: o papagaio...

A solidariedade de classe, tornando-me suspeito, me impede de lhe fazer aqui o elogio.

Fiquemos, portanto, nas mãos humanas.

Para ellas, como para os pés, o ideal é a pequenez. Os poetas, em todas as linguas, não deixam de alludir a ella. Mas, relativamente, já se não faz da pequenez das mãos uma exigencia tão capital. Ha um outro requisito para que ellas sejam consideradas aristocraticas e elegantes: é que tenham a palma menor que os dedos. Os longos dedos finos, muito mais

(1) LÉROURSEAU. Psychologie ethnique—pag. 119.

(2) HACHET SOULET. Le dressage des animaux—pag. 134.

compridos que a palma e tão afilados quanto possível passam por ser uma distincção.

Ainda disso a razão é facil de achar: é uma nova apologia da ociosidade. *A mão practica*, que pode bem servir de instrumento, pegar nos objectos, utilisal-os, é a que não tem os dedos menos longos que a palma e á qual, por conseguinte, esta offerece um bom ponto de apoio. Por outro lado, é claro que os dedos que traballiam tem natural tendencia a desenvolver a parte superior, o que se chama geralmente *a cabeça*. O affilamento da ultima phalange é, por isso mesmo, um signal de provavel desageitamento para os serviços materiaes—e quem se lembrar de que, por longos seculos, o trabalho material foi considerado um mistér inferior, digno das classes baixas e dos escravos, verá logo como se formou esse typo esthetico das mãos aristocraticas. E talvez, por isso mesmo, attendendo a que a gente das classes superiores é forçosamente levada a dissimular os seus sentimentos—não ha regras de civilidade possiveis sem dissimulação—a gente do povo em varios logares acha que as mãos longas não são francas. (1) Ha realmente mãos longas, finas, quasi sem consistencia, que parecem escorregar entre as nossas, quando as tentamos apertar. Dão na verdade uma sensação physica desagradavel, de quem dissimula, de quem foge, de quem se quer escapar...

Na China, a mão aristocratica por excellencia é a do mandarim, que deixa crescer as unhas, a ponto de terem alguns decimetros de comprimento! E' bem de ver que com essas mãos terminadas em immensas unhas frageis e retorcidas elles não podem fazer nada. Razão de mais para que as considerem bonitas. (2)

Alguns grandes homens que muito influiram no mundo, entre outros, generaes, como Alexandre, Cesar, Carlos Magno e Napoleão, ti-

(1) J. VINSON—*Le folk-lore du pays basque*—pag. 354.

(2) REGNAULT—*L'hygiène chez les Chinois*—*Revue Scientifique*.

nham mãos muito pequenas e mesmo bonitas
Mas nenhum delles se entregava a trabalhos
de força.

Ainda a brancura, a maciez da pelle, tudo
se prende a isso: só as mãos ociosas, que
não se expõem ao sol e que vivem macia-
mente enluvadas é que podem reunir tantos
predicados... Um poeta francez, pensando nessa
requerida alvura, comparava-as ao pescoço dos
cysnes: «Mains de pâleur et majesté comme
des cygnes.» (1)

Gonçalves Crespo resumiu tudo o que se
deve pedir a mãos femininas: côr, compri-
mento de dedos, maciez e perfume.

As mãos d'essa franzina creatura
são feitas das camelias setinosas:
resumbra na suavissima textura
o azul das tenues veias caprichosas.

Levemente compridas, graciosas,
eseurecem das teclas a brancura,
e desprezam as lindas preguiçosas
os finos arabescos da costura.

Os dedos são de jaspe modelado,
e as unhas. . . só podiam as paletas
de um chinez imitar-lhes o rosado.

Se alguém as beija em curvas etiquetas,
sente um aroma doce e delicado,
como o aroma subtil das violetas.

Victor Hugo, em uma poesia intitulada—
O dedo da mulher—conta como Deus o fez.
Tomou, não o barro vulgar de que fôra fa-
bricado o homem, mas o kaolim mais puro.
Com isso, com um pouco da luz celeste de
que acabava de fazer a aurora, com tudo
quanto encontrou de mimoso e encantador, fez
a mão da mulher. Era a sua obra-prima. Ao
acabal-a, elle adormeceu fatigado.

Veio o diabo. Veio, admirou aquella per-
feição e resolveu completal-a a seu modo. Fez

(1) VICTOR-EMILE MICHELLET—La Porte d'Or—pag. 13.

então as unhas—as unhas femininas que tantas vezes parecem antes garras—garras para prender e garras para ferir. Deus e o diabo collaboraram na joia mais artistica da criação (1)

E, no entretanto, nunca houve instrumento mais perfeito para todo o trabalho! Sobretudo nos primeiros estadios da Humanidade, quando os povos, depois de terem vindo da caça, passaram a ser pastores, não podiam ter outro utensilio mais apto para todos os fins. (2)

Os homens desse tempo eram nomades. Levavam diante de si rebanhos immensos de carneiros : milhares e milhares ; iam tambem com elles algumas cabeças de gado vaccum, alguns cavallo. Quando os rebanhos acampavam n'um ponto, armavam-se as tendas de pelles. Era um serviço de momentos. Dentro em pouco, os rebanhos tinham devastado a herva dos arredores. Não restava mais nem uma folha. Era preciso, tornar a partir para outro lugar, onde houvesse vegetação. Os animaes forneciam tudo o que elles precisavam, quer para a alimentação, quer para a roupa, quer para a morada em barracas de pelles. Assim, esses povos viviam numa verdadeira solidariedade com os seus rebanhos. Estes lhes forneciam tudo, mas os forçavam a não parar. Só muito mais tarde, apparecem os povos agricultores e depois os industriaes.

Em regra, os pastores vão de um extremo a outro da steppe, lentamente, em pequenas pousadas. Depois, refazem em sentido inverso o mesmo caminho. Já a herva cresceu de novo. Já ha pasto para os rebanhos. Quando chegam aos limites em que vivem outros grupos, trocam com elles pequenos objectos de sua fabricação.

Mas para ella que podiam elles utilizar sinão as mãos ? E' a unica força que está directamente ás suas ordens. Os moinhos de vento, as rodas hydraulicas, as mós, que os animaes fazem rodar, precisam uma installa-

(1) *Chanson des rurs et des bois.*

(2) EDMOND DESMOULINS—Comment la route crée le type social—I.

ção especial. A mão está sempre prompta. O vento sopra, quando não é preciso; pára, quando se requer o seu concurso. A mão é docil e bôa. Tem a dose necessaria de força para a manufactura dos pequenos objectos, deixa-se governar com intelligencia. E' a primeira arma, o primeiro utensilio, a primeira machina.

Por isso um auctor italiano, Cercchiari, pensou em reduzir a uma poesia todas as utilidades da mão :

La nostra mano a tutto é buona,
la mano scrive, la mano suona
la mano fila, la man dipana,
la mano tesse, la mano spiana,
la mano riempie, la mano vuota,
la man s'arrampica, la mano nuola.
Più che ogni membro del corpo umano
viva la mano, viva la mano !

La man solleva, la mano afferra
la man rivolta, la mano atterra,
la mano allunga, la mano torce
la mano abbassa, la man contorce,
la mano tira, la mano allenta.
la mano mostra, la man presenta.
Piú che ogni membro del corpo umano
viva la mano, viva la mano !

La mano stringe, la mano scaglia,
la man raduna, la man sparpaglia
la mano piega, la mano stende,
la mano lega, la man sospende
la mano acceta, la man rifinta.
Piú che ogni membro del corpo umano
viva la mano, viva la mano !

La mano attesta, la mano nega,
la man ringrazia, la mano prega,
la mano porta, la man minaccia
la mano chiana, la mano scaccia
spiega la gioia, spiega il dolore
con una stretta ci parla al cuore.
Piú che ogni membro del corpo umano
viva la mano, viva la mano !

«Com um aperto, ao coração nos falla» --
diz um dos ultimos versos. E' a opinião de

Stendhal! Elle asseverava que «a primeira felicidade que nos póde dar o amor é o primeiro aperto de mão da mulher amada.» No entanto, si alguém pensa na paixão violenta que Henrique VIII teve por Anna Bolena, parece que, quando pela primeira vez elle lhe apertou a mão, não devia ter gostado muito, porque, precisamente na mão direita, ella tinha seis dedos. Seis dedos em uma só das mãos é dedo de mais! Mas elle gostou! Anna de Bolena tinha aliás outras cousas de sobresalente: um dos dentes incisivos supernumerario e no seio uma excrescencia carnosa. Henrique VIII era talvez de opinião que antes mulher de mais, que mulher de menos. (1) *Quod abundat uon nocet...*

«Com um aperto, ao coração nos falla...» E' certo. Mas tambem a mão feminina si sabe ter as melhores carícias, sabe ser ferocíssima. Mantegazza diz que ella é «o orgam da caricia.» E accrescenta, fallando das caricias, que as mães fazem, passando as mãos pelo rosto dos filhos, que não se podia achar «imagem mais suave e mais natural da affeição.» (2) Em compensação, ella é talvez o «orgam da ferocidade,» quando em resposta a um olhar que supplica o menor signal de amor, se estende fria, desdenhosa, cruel, justificando os versos do grande poeta peruano:

Màs terrible suele ser
que una zarpa de jaguar
una mano de mujer! (3)

« Com um aperto, ao coração nos falla...» Falla, sim, mas tanto para dar vida, como para assassinar,— que ha apertos de mão verdadeiramente assassinos!... Tendo notado que, por occasião das grandes emoções, é muito frequente que o sangue afflúa todo para o coração e, portanto, fiquem as extremidades

(1) AMERICO SCARLATTI - Et ab hic et ab hoc — II, 213.

(2) MANTEGAZZA - La physionomie et l'expression des sentiments - p. 120.

(3) SANTOS CHOCANO - Alma America — p. 64

frias, um dictado popular affirma que, si a mão fria é signal de amor, o contrario é tam-
bein certo: «mão quente, coração frio, amor
vadio.»

«Con una stretta, ci parla al cuore...» Nada
nos parece hoje um gesto mais natural do
que o de apertar qualquer mão querida. E'
uma questão de elementar delicadeza.

Está, porém, longe de ser um gesto uni-
versal. Os selvagens acham ridiculo o nosso
processo de cumprimento. Já alguém notou
que realmente quando dois homens apertam
as mãos longa e calorosamente tem o gesto
de quem está fazendo funcionar uma bomba.

Mas dentro em pouco, pela supremacia da
nossa civilisação esse modo de cumprimentar
se espalhará. Já os chinezes, que cumprimen-
tavam unindo os pollegares das mãos fecha-
das, estendem-n-as hoje. Os japonezes tambem
não usavam o aperto de mão. Nem isso, nem
os abraços. Quando eu digo: «nem os abra-
ços» — quero apenas alludir aos abraços...
que não sejam de amor, porque estes são uni-
versalissimos. Assim por exemplo, quando um
filho partia para a guerra e ia despedir-se da
mãe — mãe e filho ficavam frente a frente,
chorando, com as mãos cahidas, como dois
estafermos, sem nenhum pensar em abraçar o
outro. Hoje, a civilisação occidental levou
para lá os abraços e o aperto de mãos. E'
bom a este proposito dizer que o beijo que
aliás nunca foi tambem um uso universal, foi
uma formula de cumprimento muito mais
usada que o aperto de mãos. Ainda hoje, por
mais que se irritem os hygienistas, elle per-
severa.

O beija-mãos já nos parece, entretanto, um
signal de vassalagem, incompativel com a di-
gnidade humana. Só se beijam hoje mãos de
paes e mães — e mãos... amadas. Só entre
nós é que ainda se vê o costume de senho-
ras e crianças beijarem as mãos de todos ou
quasi todos os padres e frades e irmans de
caridade. Mesmo as pessoas de mais ardente
piedade, na Europa, não tem esse habito.

O beijo ás mãos dos reis ainda perseverou até o século 19. Entre nós, foi D. Pedro 2º quem, em certa época, o aboliu.

A proposito de beija-mãos talvez se podesse fallar numa tentativa invasora e indiscreta das mãos, querendo substituir-se aos labios. A ideia de com a ponta dos dedos jogar beijos á distancia é uma ideia manifestamente infeliz. Por mais que eu deva fazer a apologia da mão, não posso deixar de concordar com o poeta, a quem a namorada atirou assim um beijo com as pontas dos dedos e que lhe respondeu:

Jogaste um beijo de longe,
beijo assim—beijo não é...
Esse fructo é tão mimoso
que só colhido no pé...

Entre os beija-mãos celebres de que a historia falla, nenhum deve ter sido mais pavoroso do que o de Ignez de Castro. Todos se lembram de que Pedro I, de Portugal, depois de ter feito matar os assassinos da sua bem amada, fê-la desenterrar, sentou-lhe o cadaver a seu lado no throno e obrigou os cortezãos a beijarem a mão da «misera e mesquinha», que, como Camões disse, «depois de ser morta foi rainha.» (1)

Devia ser repugnante!

Mas afinal a gente d'aquelle tempo não olhava muito de perto para essas cousas. Lavar as mãos—foi uma operação bem pouco vulgar durante seculos. Quem, pensando nisso, lê por exemplo os versos de Petrarcha á mão de Laura: «o bella man che mi distringi 'l cuore», (2) fica a pensar: estaria lavada essa mão? Não é provavel...

Não me digam que eu estou estragando a poesia dessa figura ideal. Não vale a pena que ninguem se incommode mais do que a propria dona se incommodaria. Ninguem na-

(1) Num bello livro, aliás anonymo, publicado em Nancy, em 1888 e intitulado *Le Baiser*, se menciona, na pag. 292, um quadro natural de Lalande exposto em 1882, representando essa scena.

(2) Soneto CXLVII.

quelle tempo se gabava de ter esse elemental cuidado. Margarida de Valois, rainha formosa e intelligente, elogiava em um dos seus escriptos as proprias mãos, accrescentando calmamente: «embora ha oito dias eu não as tivesse lavado.» De Anna da Austria, de outras grandes damas nós temos informações identicas. Só falta accrescentar que ainda se lavava o rosto menos que as mãos—de tal modo que um compendio de civilidade, *Les lois de la galanterie française*, livro publicado no meio do seculo 17, falla num «luxo de asseio» —luxo, notem bem!—que se estava começando a introduzir e consistia em «lavar as mãos todos os dias» e o rosto «quasi outras tantas vezes.» Calculem o que era d'antes! Calculem o que succederia com as pessoas de baixa classe—quando Margarida de Valois podia passar oito dias com as mãos divorciadas de qualquer agua! (1)

Cousa interessante! Apezar de tudo isso, já nesse tempo as luvas estavam muito em moda. E como hoje, depois dos grandes jantares, servem-se aos homens que fumam bons charutos da Bahia ou de Havana, nessa epoca se serviam ás senhoras bandejas cheias de luvas. (2)

Assim, muito provavelmente, os versos de Petrarcha não attendiam a essa bagatella. Hoje, o mais réles versejador se recusaria a cantar mãos que se não lavassem com frequencia—não de oito em oito dias, mas no correr de cada dia. Até a poesia popular as quer bem branquinhas:

Tuas mãos são branca neve,
teus dedos são lindas flores;
teus braços cadeias d'oiro,
laços de prender amores. (3)

Mas, ao lado da belleza physica da mão, ha o que se pode chamar a sua belleza moral: a lembrança de todos os varios misteres

(1) L. Borellet - Op. cit. pag. 155.

(2) Octave Uzanne—L'art et lesartifces de la beauté—p. 268.

(3) Miltrovas—p. 235.

a que ella pode servir. E' exactamente por isto que os milagres a respeito de mãos são numerosos.

S. João Damasceno teve a mão cortada pelo Principe de Damasco. Como, assim, escrever os louvores de Nossa Senhora—o que constituia o seu mais alto desejo?—Rezou—e Nossa Senhora permittiu que, juntando elle a mão cortada ao braço, todo defeito desaparecesse. (2)

Com S. Melor, o caso ainda foi mais extraordinario. S. Melor era filho do Duque de Cornwall. Seu tio, tendo-se apossado do governo e não desejando que o filho da victima podesse mais tarde levantar qualquer pretensão, cortou-lhe um pé e uma das mãos. Era então de lei que um aleijado não podia governar. S. Melor foi mandado para um mosteiro. Certo dia, porém, appareceu inteiramente reconstituído. Do céu lhe tinha vindo um pé de bronze e uma mão de prata—com os quaes elle lidava tão facil e perfeitamente como si fossem naturaes.

S. Guilherme de Oulx tambem foi beneficiado com um milagre desse genero. Veio um anjo dizer-lhe que fosse annunciar ao prior de certo convento a necessidade de mudal-o para outro ponto. Duas vezes São Guillherme fez essa comunicação; duas vezes, o prior não o quiz acreditar. Da terceira não se poute furtar á evidencia, porque S. Guilherme, que nascera sem uma das mãos, lhe appareceu com a que faltava, inteiramente restaurada.

Mais tarde, elle veio a morrer. Enterraram-no. No dia seguinte, acharam a mão vinda do céu, erguendo-se acima da sepultura. Cobriram-n'a de terra, varias vezes; mas varias vezes o prodigio se renovou. Resolveram então destacad-a do corpo e guardal-a como uma reliquia. (2)

Infelizmente faltam informações sobre o seu tamanho e forma, para saber quaes as dimen-

(1) V. *Flos Sanctorum*—vol. V pag. 100.

(2) Rev. E. Cobham Brewer *Diet. of miracles*—p. 399-400.

sões e formas das mãos mais gratas ao céu. Sem esse elemento precioso de informação, o melhor a proposito de mãos divinas, é crêr que só merecem esse qualificativo as de mulheres formosas, a quem os poetas se dirigem, supplices, pedindo uma benção ou um affago.

E si a poesia pensa tantas vezes em mãos, também a sciencia não as pode esquecer.

Das sciencias, precisamente a mais exacta — a mathematica — começou estabelecendo a numeração pelos dedos. Quando as crianças recorrem hoje a esse processo, põem em pratica o mais velho dos systemas.

Alguns povos primitivos chegaram espontaneamente á numeração decimal, por causa do numero de dedos das mãos. «Mão» e *cinco* — foram palavras synonymas em muitos delles. Em outros se dizia, em vez de *dez*, «meio homem» — alludndo aos dedos das mãos e em vez de *vinte*, «um homem», sommando os das mãos e dos pés. (1)

Muitos povos não passaram do numero *cinco*, representado pela *mão*. Não concebiam numero maior do que este. Sua capacidade de attenção não ia mais longe.

Um viajante francez conta que, tendo comprado a um Hottentote cinco carneiros por cinco pacotes de fumo, elle não os quiz receber em grupo. Para verificar si a conta estava certa, espalmoua mão aberta e collocou cada pacote diante de um dedo. Só assim se convenceu. (2)

(1) "Il est incontestable que l'enfant qui apprend à compter sur ses doigts reproduit un des procédés de l'histoire mentale de la race humaine: qu'en fait les hommes comptent leurs doigts avant de trouver des mots pour exprimer les nombres: que dans cette branche de la culture le langage des mots non seulement suit le langage mimique, mais qu'il en est sorti. La preuve du fait se trouve dans le langage lui-même, car nous voyons que chez nombre de lointaines tribus, lorsque l'on a besoin d'exprimer le chiffre 5 par un mot, on donne simplement le nom de la *main* que l'on tient levée pour l'indiquer; que de la même manière on dit *deux mains* ou la moitié d'un homme pour designer 10, que le mot *ped* sert à élever le calcul jusqu'à 15, puis à 20, qu'on énonce de la voix et du geste par les *maines* et les *pieds* à la fois, ou en disant: un homme tout entier..." Edward B. Tylor—La civilisation primitive.—I, p. 284.

"Tutti i popoli si servono delle dita per contare e spesso troviamo la parola "*mano*" col significato di "*cinque*", e "*due mani*" oppure un "*mezzo uomo*" col significato di "*dieci*"; "*mano e piedi*" oppure "un uomo" per venti". FEDERICO GARLANDA — La filosofia delle parole—p. 289.

(2) LETOURNEAU—La psychologie ethnique—pag. 106.

Aliás, quasi todas as medidas: pé, pollegada, braça, palmo etc., provieram do uso do pé e da perna, da mão e dos braços.

Póde-se dizer que a mão affeição todo o corpo. O corpo de um individuo dextro, que se serve da mão direita, e o de um canhoto, differem. Differem tanto, que foi possivel indagar si a Venus de Milo, a estatua celebre que passa por ser um typo de perfeição feminina era de uma mulher canhota ou dextra. Pois bem. Apesar dessa estatua não ter nenhum dos dois braços, se póde asseverar que ella era dextra. A cabeça do lado esquerdo e o corpo do lado direito tem um desenvolvimento um pouco maior que a cabeça do lado direito e o corpo do lado esquerdo. A superioridade do lado que se desenvolve mais sobre o outro é de 1'9.

E' bem evidente que o esculptor que fez a Venus de Milo, nem um momento pensou nisso. Elle copiou ou do natural ou de sua imaginação um typo de mulher formosa. Exactamente por isso se torna admiravel que feitas as mensurações se chegue ao resultado de ver que elle respeitou exactamente as proporções do corpo de uma mulher, que se utilisasse correntemente da mão direita. Lá estão na estatua, escapando aos observadores superficiaes mas accessiveis ás medidas rigorosas, desvios de olhos, de septo nasal, de orelhas, de proporções, que uma canhota não teria: isto é: que uma canhota teria exactamente invertidas! (1)

Pela mão, desde o mais longe que se conhecem processos de adivinhação, o homem procurou sondar o futuro. Não caberia nesta conferencia a exposição das pretensões da Chiromancia — sobre a qual ha, não dezenas, nem centenas; mas milhares e milhares de volumes em todas as linguas. Basta apenas lembrar os suppostos fundamentos dessa velha sciencia que tem mais de 6.000 annos.

(1) VAN BIERVLIET—*Etudes de Psychologie* pag. 18-19.— Todo o es-
tudo até pag. 144 é sobre a questão dos dextros e canhotos. Intitula-se
L'homme droit et l'homme gauche.

Os homens notaram que não ha duas mãos cujas linhas sejam inteiramente iguaes. Ha, portanto, qualquer cousa de caracteristico para cada individuo em cada mão. Ao tempo, em que essa observação foi feita já elles acreditavam na influencia dos astros sobre o nosso destino. Vendo que toda a vida na terra depende em grande parte da marcha das estações, pareceu-lhes que tambem os astros deviam influir sobre os individuos. Ora, precisamente nas mãos ha uns traços, que parecem ás vezes letras, ás vezes desenhos e que differem de pessoa para pessoa. Já na Biblia o redactor do livro de Job parecia ligar ao caso uma importancia especial. (1) Seria na mão, pensaram os antigos, que os astros imprimiam a sua vontade. De mais, conhecendo apenas poucos corpos celestes do nosso systema solar, verificaram que era facil dividir a mão de tal modo, que ficasse para cada um delles certa zona de influencia. O dedo minimo ficou para Mercurio, o annular para o Sol, o médio para Saturno, o indicador para Jupiter, o polegar para Venus; a parte central da mão para Marte e a parte que vem da base do dedo minimo ao punho para a Lua. Isso esgotava os astros conhecidos dos antigos no nosso systema solar.

Tem essa pretensa sciencia algum valor? Parece que não.

Comprehende-se que póde haver uma certa relação entre, de um lado, o temperamento e o caracter dos individuos; do outro lado, as linhas da sua mão. Não ha nisso o mínimo absurdo. O que, ao contrario, se não entende bem é que possa haver qualquer cousa posta ao acaso no nosso corpo. Tudo se deve prender e ligar. Ora, as linhas da mão representam o que ha talvez de mais caracteristico no homem.

Todos sabem que é imprimindo o desenho da polpa dos dedos que se guarda o melhor

■ DESBAROLLES--*Révélation Completes*—pag. 18.

■ Cap. XXXVII, v. 7— Deus "...põe como um sello sobre a mão de todos os homens, para que cada um conheça as suas obras...

retrato dos criminosos. E' o processo de identificação lembrado por Galton, aperfeiçoado por Vucetich e hoje adoptado na nossa policia. Pode o criminoso queimar ou cortar essa polpa. Quando ella se reconstituir, será com o mesmo desenho. Naturalmente, isso não tem nada que ver com os astros. E' frequente que varias crianças nasçam na mesma cidade, á mesma hora: si a astrologia e a explicação astrologica da chiromancia fossem verdadeiras, essas crianças teriam exactamente o mesmo destino. Depois, hoje, nós conhecemos mais planetas, nossos companheiros de peregrinação no espaço: Neptuno e Urano. (1) Por que só elles não influiriam sobre nós?

A chiromancia é, portanto, uma arte divinatoria possível—sem a explicação astrologica—mas até hoje, não constituida, sinão com fantasias. Si, entretanto, ella chegasse a provar a sua verdade, é claro que todos os prognosticos dos ledores da buena-dicha mostrariam a sua inanidade mórmente quando pretendem adivinhar cousas futuras, que não dependem do character da pessoa: achar na mão de uma moça que ella se casará com um rapaz louro, que será victima de um incendio, que descobrirá um thesouro occulto... Tudo isso pede o concurso de factos e pessoas extranhas, Não é possível que esteja nas linhas da mão, onde, quando muito, se encontrarão traços de character, tendencias, inclinações pessoaes.

Só os poetas é que podem dizer que o seu futuro está dependendo de mãos alheias. Os poetas, porem, não fazem com isso chiromancia. Fazem poesia e amor—o que é o officio delles... Dizem, por exemplo, como Affonso Celso, que, de certas mãos queridas estão dependendo todos os seus sonhos:

Na encantadora mão de minha amada
vê se das obras primas o segredo:
o artistico poder de alguma fada
pôz-lhe um mimo na palma e em cada dedo

(1) Vide na traducção em portuguez do livro excellente de COSTE — *Os Phenomenos Psychicos Occultos*, as observações feitas a este respeito, no prefacio.

Perante a **transparencia** delicada,
de a contundir com beijos — tem-se medo.
Deve lhe ser occupação sagrada
cuidar de flôres — fraternal segredo!

Salve, futuro meu! Montanha immensa
de sonhos, ambições. amor e crença,
que o sol da gloria esperançoso banha!

Salve! Nada os teus pincaros domina. . .
Aquella mão, porém, pallida e fina.
torna em pó, num momento, essa montanha.

Considera-se, em chiromancia que os dedos finos, longos e pontudos são os dos artistas, dos sonhadores, dos fantasistas. Talvez isso seja até certo ponto uma illação logica, embora mais ou menos inconsciente, do facto a que já alludimos anteriormente, tratando do typo de mão aristocratica: a mão menos habil para o trabalho material. Haverá, pelo menos, nessa conformação de dedos a indicação de que o individuo descende de pessoas que pouco se entregavam aos serviços manuaes: é portanto, até certo ponto provavel que sejam fantasistas e sonhadores.

Ao contrario, as cabeças dos dedos largos, em forma de espatulas, exprimem — no dizer dos chiromancistas — actividade material.

Ainda uma vez, aqui repito: eu não me faço fiador de nenhuma dessas affirmações, em que absolutamente não creio. Lastimo apenas que não haja quem as verifique scientificamente. Os chiromancistas, dizem, **por** exemplo, que, quando esse tem de ser o fim da pessoa, ha na mão o signal de que o individuo está fadado a uma morte violenta. Ora, si se tomasse a moldagem das mãos de todos os que vão ter ao Necroterio, seria possivel tirar a limpo essa questão. Quanto aos que succumbem victimas de assassinatos, é pouco de crêr que as respectivas mãos accussem o que é da culpa de terceira pessoa. Tratando-se, porém, dos suicidas, já é mais possivel.

E precisamente a unica prophesia certa de chiromancia, certa e absolutamente authen-

tica que eu conheço, é a de um suicidio. Em 1890, appareceu um volume de Edouard Drumont. Nelle, se diz, a proposito do celeberrimo General Boulanger, que estava então em pleno fastigio da nomeada.

«La ligne de vie brisée indique que le général mourra vers 58 ans de mort violente, probablement d'un coup de couteau ou de poignard.» (1)

O interessante nessa prophesia é que o auctor declara que na mão está, de um modo formal, o prénuncio de morte violenta e ajunta depois, por conta propria, como uma inducção sua, que talvez ella provenha de uma facada ou punhalada. Ora, a parte de interpretação de Drumont não se realisou, mas a morte violenta occorreu. Tendo então 55 annos — perto, portanto, dos 58 — o general, em 30 de setembro de 1891, se suicidou com um tiro de revólver.

Acaso? Coincidencia? — E' muito possivel. Em todo caso, é um facto curioso.

Parece mesmo que a mão é que deve ser si algum temos — o organ capaz de nos revelar o futuro. Mãos e pés têm a faculdade de sobreviver, mesmo depois de cortados.

Si do homem se tira qualquer parte interna — estomago, appendice ileo-cæcal, um dos rins, o baço, etc. — o organ que desaparece desaparece de todo. Não se faz lembrar. Si, porém, se corta a mão, o individuo continúa, a sentir, de vez em quando, dôres, formigamentos, impressões diversas. — na mão que não existe! O facto tem uma explicação natural. E' que pelos nervos e tendões que vão ter ás mãos nós só estamos habituados a receber as impressões que vem dos dedos e da palma. Cortando a mão, os nervos ficam cortados perto da cicatriz. Qualquer impressão n'elles feita dá em resultado que o cerebro, que por elles só tinha sensações vindas da mão, continua a localisar essas sensações na mão já desaparecida. E', portanto, como si ella con-

(1) ED. DRUMONT. — *La dernière bataille*, pag. 162.

tinuasse a viver — depois de morta. O «membro-fantasma», que é como o chamam os médicos, continúa a accusar até mesmo sensações de frio e calor — o frio e calor que fôr sentido pela cicatriz. (1)

E' curioso, pois que estamos neste assumpto, dizer que em Madagascar os crentes tinham uma ideia muito original sobre a utilidade dos dedos: era por elles que a alma sahia! Quando um enfermo estava agonizando o padre tomava-lhe a mão e começava a esfregar-lhe de leve o dedo do meio para favorecer a sahida da alma. (2) Aliás é bom não esquecer que na extrema-uncção dos catholicos não se deixa de ungir as mãos dos moribundos.

Mas a ideia de mão e a de morte ainda se acharam mais unidas em outros tempos, quando os conquistadores contavam as suas victorias cortando as mãos dos inimigos que cahiam em seu poder. Um dos antecessores de Assurbanipal, mais de mil annos antes de Christo, fazia gravar a enumeração dos seus titulos de gloria: «Meus carros de guerra, passando por cima de homens e animaes, esmagavam os corpos dos inimigos. Levantei trophes com grandes montes de cadaveres de que fazia cortar as extremidades. A todos os que cahiam vivos em meu poder eu fazia cortar as mãos.» (3) Menções analogas ha em muitas inscrições de velhos reis do Egypto.

Menção analoga existe na biographia de Vasco da Gama. Vasco da Gama foi, de facto, homem de máus bofes, sanguinario e crudelissimo. Certa vez, conta Oliveira Martins, parou diante de Kalikodu e mandou intimar ao Rajah que expulsasse immediatamente da cidade cinco mil familias de mouros.

(1) — "Si, dit un malade opéré par Weir Mitchell, si je disais que je suis plus sûr encore d'avoir la jambe que je n'ai pas que celle que j'ai, je crois bien que ce serait à peu près ça." — JAMES SULLY — *Les illusions des sens et de l'esprit*, pag. 46.

"Les douleurs des amputés sont effectivement dues à l'irritation des filets nerveux de la cicatrice et à son exteriorisation.

La sensation de température du membre fantôme varie comme la température réelle de la cicatrice..." — GEORGES CASTEX — *La douleur physique*, pag. 52.

(2) A. DE CHESNEL — Dictionnaire des Superstitions — art. *Doigts*.

(3) ELISÉE RECLUS — *L'homme et la terre* — I, 549.

«Como era de ver, diz o historiador português, o Rajah recusou ; e o capitão, que ao fundear apresára um numero consideravel de mercadores no porto, mandou cortar-lhes as orelhas e as mãos e, amontoados num barco, foram com a maré varar na praia, levando a resposta do Gama á recusa do afflicto principe...» (1)

Hoje ainda, os arabes applicam o preceito de Mahomet, que manda cortar a mão — não, porem, a dos inimigos: a dos ladrões. (2) Esse preceito figura aliás na legislação penal da Turquia: « *O ladrão convicto será condemnado a perder a mão direita, qualquer que seja a couza furtada* (um menino, um animal ou um objecto movel).» (3)

Em compensação o cortar, não da mão inteira, mas de uma phalange, é entre povos do golfo de Bengala uma prova de amor — de amor das viúvas aos maridos mortos. Quando o marido morre, enterram com elle um pedaço de dedo cortado das mulheres que ficam! (4) Mais valia o systema dos velhos Cimbros que faziam com que os noivos, como prova de amor, trocassem as aparas das suas unhas! Era mais brando... (5)

E pois que fallamos em remessas de aparas de unhas como prova de amor cabe aqui a lembrança de que as unhas já tiveram outra utilidade: foram consideradas um bom remedio. Cabanès cita um velho livro classico de Materia Medica em que as raspas de unhas humanas postas de infusão em vinho são consideradas um vigoroso emeto-cathartico. Tão vigoroso que, segundo dizia o auctor «é um remedio de exercito, que só convem a pessoas robustas como os soldados.» (6)

Mas cada vez mais eu sinto que não chegarei nunca a enumerar todas as possibilidades

(1) OLIVEIRA MARTINS — Hist. de Portugal — I, 231.

(2) Les livres sacrés — I, Le Koran, sourate V, v. 42.

(3) Art. 77 das Instituições de Direito Penal de Khalil. V. Instituciones de los pueblos modernos — X, pag. 870.

(4) F. NICOLAY — Histoire des Croyances — II, 81.

(5) Encyclopédiana — pag. 82.

(6) CABANÈS — Les remèdes d'autrefois — pag. 3.

da mão humana. Os poetas que a quizeram cantar integralmente, perderam-se em divagações. Aqui está um, Antonio Patricio, que pretendeu apenas pedir á mulher querida que lhe mettesse as mãos esguias por entre os aneis do cabello, num gesto de affago. Para dizer só isso, na ultima quadra, lembrou em todas as anteriores varias utilidades e bellezas dessa mão querida :

Mãos sem aneis, mãos frias de mendiga,
mãos que pedem esmola,
mãos viúvas de beijos, de ballada antiga,
fanadas a resar e que ninguem consola...

Mãos de perdão e tristes como as cruzes
que ouvem o mar nas rochas silenciosas...
Mãos que fogem do sol, dos astros e das luzes
e vão pelas penumbras a affagar as rosas...

Mãos de piedade sobre o meu cabello,
mãos de mysterio sobre a minha bocca,
mãos em que dormem minhas mãos de gelo,
mãos que são amas da minha alma louca...

Mãos para um berço, para a cabeceira
d'almas que vão morrer ainda evocando,
mãos doces de creança e de enfermeira,
mãos que dizem adeus abençoando...

Mãos que tem gestos tristes d'embalar
e sem ninguem que reze a Deus por ellas,
mãos d'orgão, mãos de ingenuas sempre a errar
como os pobres, as azas e as velas...

Mãos que soffrem a dôr dos corações sósinhos
que a morte d'algum sonho desgraçou...
Mãos precoces que vão nos lividos caminhos
colhendo cardos que o luar gelou...

Mãos que ás tardes de cinzas vem beijar-me,
quando a minha alma morre de cansaço,
mãos que eu invoco pallido d'alarme,
quando o sol ri de mim pelo ceu baço.

Mãos de esquecida, mãos sacrificadas,
a abençoar a Vida que tortura...
Mãos pequeninas, mãos martyrisadas
e sem destino pela noite escura...

A minha alma ajoelha si vos beijo
e reza dentro em mim ave-marias...
O' berços em que dorme o meu desejo,
dormi no meu cabello, ó mãos esguias!

Mas em toda a sua graça, esse gesto meigo não é o mais bello, nem o mais terno que as mãos femininas podem fazer. Vós todas que me ouvis sonhaes ou sonhastes com o gesto das noivas, entregando a mão ao padre para que, collocada sobre a do noivo, elle as reuna para a vida inteira.

Velha cerimonia! Na India antiga — a India antiquissima, do tempo das leis de Manu! — a cerimonia do casamento já se chamava — «a união das mãos.» Lá, entretanto, ella variava conforme as castas dos que se uniam. Quando marido e mulher eram da mesma casta, davam as mãos; mas quando a mulher era da casta dos guerreiros e o marido da dos sacerdotes, não se tocavam: punham ambas as mãos sobre uma flecha; — sobre um aguilhão, quando a mulher era da casta dos negociantes e o marido de qualquer outra e apenas sobre a orla de um manto, quando ella pertencia ao grupo humillimo dos párias. (1)

Para quê essas distincções? Hoje felizmente nós não as conhecemos.

A dádiva da *mão* é a vossa dádiva completa. Por isso, pedindo esmola para uma festa de caridade, Macedo Papança, em versos magníficos, promettia que as mãos mais generosas seriam tambem as mais intimamente unidas pelo sacerdote, quando, elle as apertasse sob a sua estola, na occasião do casamento:

O' mãos aristocraticas e finas,
de tradições tão nobres,
como o orvalho que cae dos arvoredos
deixae cahir as perolas dos dedos,
sobre as louras cabeças pequeninas
das criancitas pobres.

Desnuda-las de anneis, muito ao de leve,
em virginaes afagos,
como as azas das pombas côr de neve,
roçando á flor dos lagos,
acariciae as desmanchadas tranças,
que emolduram os rostos das creanças.

(1) Leis de Manu—L. III, v. 43, 44.—Les livres sacrés—I, 354.

Vereis depois, ó dedos delicados,
que inspiração tão grande,
em sorrisos e lagrimas se expande
quando em Dezembro, nas chorosas tardes,
electricos e finos vos poisardes
no dorso harmonioso dos teclados.

Será mais terna e funda a nostalgia
que se evolva da musica sombria
de Schubert, e tambem
terá mais fel na sua dôr convulsa
o rude coração que geme e pulsa
nas valsas de Chopin.

O' mãos, estrellas de marfim polido,
com petalas de rosa em cada raio,
tendes ainda algum brilhante — dai-o
às creanças de olhar desfallecido,
para as quaes nasce o sol sempre escondido
e são geladas as manhãs de maio.

Tereis, um dia a recompensa, quando
na egreja, ao pé do altar,
sobre as dos noivos tremulas poisando
o proprio Deus vos fôr abençoar.

E', ó brancas mãos patricias
que tendes o segredo de caricias
que ninguém mais couhece,
quanto maior for hoje a vossa esmola
Deus tanto mais apertará na estola
as duas mãos que um só desejo aquece.

Mas o gesto da esmola não é ainda o mais nobre. Ha alguém humilhado por elle! O sonho do futuro não póde ser esse. O sonho do futuro, a apotheose da mão, — sonho chimerico ou realisavel — ha de ser quando sempre que dois homens se encontrem, sejam de povos, sejam de raças, sejam de classes diversas, possam apertar as mãos como amigos. Nao ha sonho mais nobre que o da grande fraternidade humana.

E aqui eu termino. Termino, pedindo-lhes perdão pela desillusão que lhes inflingi. Terão todos verificado que havia uma excellente conferencia a fazer: exactamente a que esperavam; exactamente a que eu não fiz...

BEIJOS

CONFERENCIA REALIZADA NO
INSTITUTO NACIONAL DE MUSICA,
EM 14 DE OUTUBRO DE 1905.

FALAR do beijo não é talvez muito difficil: o assumpto é agradável e tentador. Mas além da difficuldade que terá sempre para mim qualquer assumpto, o beijo tem uma outra que lhe é peculiar: a custo se contém dentro dos limites do que pode ser ouvido por um auditorio como o que me dá a honra de assistir a estas conferencias. Quasi irresistivelmente, elle nos arrasta para o terreno equivoco da malicia.

Mas a proposito da malicia é conveniente lembrar a calinada celebre daquelle policial que declarava não querer nas ruas grupos de mais de um. Por definição, os grupos tem forçosamente de se compôr de varias pessoas. — Pois bem: caso analogo ocorre com a malicia. Ella está no que disse e escreveu a phrase; mas está tambem no que a ouviu. Um só não basta para que ella nasça. Assim, ás vezes, phrases ditas com a mais perfeita candura assumem a certos ouvidos significados especiaes, em que o autor nunca cogitára e quanto mais, com grandes gestos de indignação, certos ouvintes protestam contra algumas expressões, mais, por isso mesmo, elles revelam quanto, por conta propria, ajuntaram ao que era talvez, simples e innocente.

Nesta conferencia não deve haver protestos, E' minha intenção illudir a expectativa dos maliciosos, impedindo que mostrem á minha custa o que lhes vae na alma.

Podia mesmo enganar a todos, dando a esta palestra um tom solemne e pedantesco, uma grave apparencia scientifica. Para começar por esse caminho, nada seria melhor do que aquella definição attribuida a um medico inglez (1): *a juxtaposição dos musculos orbiculares do*



(Quadro de Fragonard)

orificio buccal em estado de contracção. A definição não é má, embora se restrinja a um beijo especial (2) e não leve em conta o elemento sonoro. Foi exactamente esse que mais parece ter interessado um mandarim — talvez tão inexistente como o medico ao qual se attribue aquella primeira definição e que dizia ser o beijo *uma cortezia singular que consiste em*

(1) DR. H. C. REYMOND — Physiologie et évolution de l'amour sexuel, pag. 392.

(2) No celebre romance de Belot — *La bouche de Madame X.* elle dizia: "J'entendis par baiser le baiser sur la bouche, les autres ne comptent pas ou comptent trop."

approximar os labios, produzindo um som especial. Si realmente houve um mandarin auctor dessa definição, é possível que o primeiro beijo, que elle tenha ouvido fosse dos que merecem o epitheto, só applicavel aos beijos, de « chuchurreados »...

Talvez, entretanto, aqui, e desde já se pudesse dizer que os beijos ruidosos não são os melhores:

Oh ! écoute la symphonie ;
rien n'est doux comme l'agonie
de la lèvre à la lèvre unie
dans la musique infinie... (1)

Seja, porém, como fôr, nada disso nos adianta. E' facillimo descrever objectivamente um gesto tão simples. O grande embaraço está em explicar como essa *juxtaposição dos musculos orbiculares do orificio buccal em estado de contração*, tanto pode exprimir o mais sagrado amor filial, quanto a paixão mais infame e desregrada; tanto pode ser uma prova de adoração, quanto um signal de traição... Quando Othello vae matar Desdemona, já de alfange desembainhado, começa por dar-lhe dois beijos. Não era o desejo de illudil-a, porque o mouro ciumento bem claramente lhe disse sua intenção. Não era uma simples formalidade, porque aquelle momento tragico não comportava formalidades vãs. Seria amor? Mas um amor, que ia ser assassino, como entendel-o? Seria a saudade antecipada da perda, de que elle mesmo ia ser o auctor? Shakespeare deixou ahi mais um dos numerosos problemas de psychologia, que ha em todas as suas obras. O certo é que o beijo comporta todas as *nuances*, todos os cambiantes e gradações do sentimento.

Por isso mesmo, o estudo da sua origem é difficilimo. Elle só poderia ser perfeito si o encontrassemos em toda a especie animal, primeiro rudimentar e depois, pouco e pouco, se aperfeiçoando lentamente, até chegar ao que é para o homem. Mas este estudo não parece

(1) Albert Samain — Au jardin de l'enfance pag. 26.

que ainda esteja completamente feito, embora haja tentativas parciais.

Dessas, porém, eu não quero fallar aqui. Os unicos beijos de animaes que lembrarei são aquelles de que já todos se lembraram: os beijos dos pombos, que não podendo ser de labio a labio, são de bico a bico. Esses beijos não es-



(Esculptura de L. Alliot)

clarecem o caso, de modo algum, porque as aves não tem sinão um parentesco extraordinariamente remoto com os homens. Por uma dessas surpresas maravilhosas, tão frequentes na natureza, as aves descendem dos reptis.

Sente-se, entretanto, que o beijo pertence a uma categoria de gestos, que são muito comuns em toda a escala animal. A mimica do

affecto é feita da approximação dos corpos, do contacto. (1) Desde muito cedo, os sêres vivos hão de ter sentido a vantagem da associação: os que estavam unidos resistiam melhor do que os outros ás causas da destruição. Si, portanto, o contacto de uns com os outros dava a todos uma sensação agradável de segurança, o contacto, por si só, acabou por ser uma sensação procurada e desejada. E' ahí que alguns psychologistas acham, ou julgam achar a explicação do prazer que o beijo nos causa. Elles nos lembram que o tacto é o sentido fundamental e generico, do qual, todos os outros derivam; elles nos dizem que, mesmo depois da diferenciação destes, elle continua a ser o sentido mais importante. (2) Para elles, no affecto das mãis para os filhos pequenos um dos elementos mais importantes é exactamente essa approximação do corpinho macio e morno das crianças.

Dirão, entretanto, que tratando-se do beijo o contacto é muito pequeno. Pequeno, sim; mas de um lugar bem escolhido. E' Mantegazza quem o faz notar. Elle lembra que os labios são regiões-fronteiras. Ahí acaba a pelle, revestimento externo do homem; ahí começa a mucosa, revestimento interno. Tudo o que interessa tal zona, interessa, por assim dizer, o homem inteiro, fal-o vibrar por fora e por dentro. (3) E não ha nisso apenas uma observação superficial, porque outro observador, que precisamente multiplicou as experiencias para medir o valor das excitações excitações phisicas, desacompanhadas de qualquer emoção — incluiu o beijo entre as mais efficazes, achando que elle não é apenas um meio de exprimir emoções: é tambem um meio de as provocar. (4)

Evidentemente isto não basta para explicar o valor dos beijos. Mas o reparo tem um

(1) Mantegazza — *La physionomie et l'expression des sentiments*, pag. 115.

(2) Al. Bain — *Les émotions et la volonté* — pag. 122-123. Cf. Sergi — *Psychologie physiologique*, 343-354.

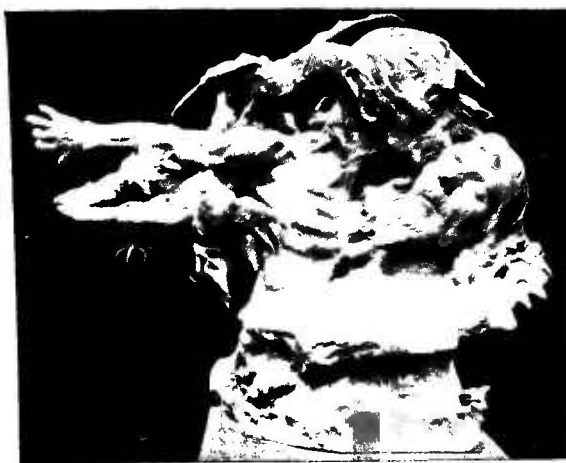
(3) *Op. cit.*, pag. 122.

(4) Ch. Féré — *Travail et plaisir*, pag. 145.

certo valor. Um gesto de psychologia tão complicada precisava, si me permitem a expressão, uma base physiologica não menos complicada.

Maupassant não se conformava com isso. Elle censurava asperamente as economias da natureza, que em vez de fazer órgãos distinctos para cada função, aproveitava para fins muito diversos os que existiam. Que a bocca, por onde se come e se fala, fosse também a parte destinada á *função beijocativa*, parecia-lhe irritante.

Talvez, entretanto, ao menos nisso elle não tivesse razão — e a importancia do beijo venha



(Escultura de Louis Cury)

em grande parte dahi: de ser dado com a bocca, porta de entrada do material indispensavel para a vida physica: o alimento; porta de sahida para a palavra, com a qual se exprimem as manifestações mais altas da intelligencia e do sentimento humano. Por isso talvez, elle pode participar de todas as emoções desde as mais rudimentares ás mais sublimes. Ha mesmo quem dê ao beijo uma genese alimentar: quem o supponha nascido do gesto da criança procurando o seio materno para mamar. Maupassant não negaria que esse gesto tem a sua alta poesia, porque é a vida pas-

sada de um ser a outro ser, num gesto de pequeninos labios roseos.

Voltaire, repetindo naturalmente uma noção de anatomia corrente no seu tempo, mas, de facto, errada, dizia que havia um nervo «do quinto par», que ia da bocca ao coração e de lá tomava extranhas ramificações...(1) Assim, muita cousa se explicaria. Mas esse nervo fantasista jámais existiu.

Seria em todo caso muito curioso saber com precisão quando as crianças dão os primeiros beijos. Parece que isso não occorre antes de um anno de idade. Darwin que observou minuciosamente as phases do desenvolvimento de um filho, diz que só depois daquelle prazo elle começou a beijar espontaneamente a ama. (2)

James Sully, um dos mais sagazes observadores da infancia, conta a historia de uma menina de quatorze mezes, que ria de muito boa vontade, vendo um menino, junto ao seu carrinho, pedir-lhe um beijo. (3)

Mas o caso mais espantoso de precocidade é o de S. Labre. Precocidade negativa, convém dizer.

S. Labre é aquelle santo que jurou guerra ao banho e a todas as outras formas de asseio. Deixou-se morrer, por penitencia, num tal estado de sordicia, que os vermes lhe passeavam sobre o corpo. Fedia entontecedoramente. Por isso, o canonisaram. Por isso, deve estar no céu. Contam, porém, os seus biographos que desde os primeiros momentos, quando ainda era creança de peito — e nesse tempo é de crêr que ainda tomasse banho — já repellia indignado os beijos que as mulheres, ás vezes, lhe queriam dar.

Apesar, porém, de todos os seus altos meritos, o beijo não é universal. Muitos povos o ignoram. Darwin, interrogou a esse respeito um habitante da Terra do Fogo e elle lhe confessou que não conhecia esse gesto. Não

(1) Dictionnaire Philosophique, pag. 189.

(2) Citado em G. COMPARÉ — *L'évolution de l'enfant*, pag. 106-108.

(3) J. SULLY — *Essai sur le rire*, pag. 189.

o° conheciam tambem os indigenas da Nova-Zelandia, de Tahiti, da Papuasias, da Australia, da Groenlandia. (1) Pierre Loti, entre as muitas mentiras que contou do Japão, referiu que ahi encontrava a cada passo *musmês* (moças) que o enchiam de beijos. Foi, de certo, para fazer inveja aos seus leitores, que elle se lembrou de inventar essa patranha, quando os japonezes não usam o beijo, nem mesmo entre mães e filhos (2). A regra mais



(Quadro de Fragonard)

geral entre os povos mongóes é a *cheiração* reciproca (3) Essa é a mais alta prova de estima e mesmo de amor, que duas pessoas podem reciprocamente dar uma á outra. Mantegazza conta uma conversa que teve com um pintor indigena de Java e em que este defendeu o seu gesto nacional de carinho. « Elle

(1) DARWIN — *L'expression des émotions*. pag. 233.

(2) M. J. FERREIRA CUNHA — *Memorias de um consul no Japão*, pag. 47.

(3) CH. FÉLIX — *L'hygiène du Baiser* — *Revue de Médecine* — 1903 — pag. 451.

me dizia — refere o escriptor italiano — que, como todos os Malaio, achava mais ternura no contacto dos narizes do que no dos labios. E' pelo nariz accrescentava, que nós respiramos; é por ahi que sentimos o halito da pessoa amada, que pômos nossa alma em contacto com a sua.» (1) Por isso mesmo, elle achava muito feios os narizes aquilinos: preferia os narizes chatos, esborrachados, das mulheres do seu paiz...

A este proposito se deve notar que certos povos do archipelago Malaio tem uma só palavra para exprimir a ideia de *cumprimento* e a de *cheirar*. O cumprimento amavel consiste em duas pessoas se entre-farejarem, cada uma dizendo da outra. «Bom! Bom!» — o que equivale a dizer: «Que bom cheiro! Que bom cheiro!»

Todos sabem aliás que o olfacto dos selvagens é admiravel.

Mas não é preciso ser selvagem para gostar do cheiro das pessoas queridas. Goethe, o poeta genial, a quem os allemães chamavam «o divino Goethe» tendo de separar-se da senhora de Stein, a quem amava e por quem era amado, levou comsigo o corpinho della, para consolar-se da ausencia, sentindo o cheiro da mulher adorada! — E era Goethe! (2)

Até certo ponto se poderia talvez justificar essa preferencia do olfacto sobre o tacto, mostrando que ha nella um verdadeiro progresso. O olfacto é o primeiro sentido que se constitue á parte no cerebro dos animaes. Ha sêres inferiores que alem da sensibilidade geral só tem, nitidamente diferenciado, um sentido: o olfacto. (3) Os demais, quando existem, são rudimentares. Esse é o caso dos reptis e dos amphibios. No cerebro humano, tambem é a parte que preside ao olfacto a primeira que se forma. (4) Assim, se o olfacto é d'entre os

(1) MANTEGAZZA — *Op. cit.*, pag. 119-220.

(2) *Deutsche Rundschau* — maio de 1895 (citado em *Minerva*, — 1895 — pag. 548.)

(3) J. ROUX — *L'instinct d'amour*, pag. 81,

(4) JULES SOURY — *Le système nerveux central*, pag. 755-856,

sentidos, um dos inferiores, tem, todavia, uma certa superioridade sobre o tacto. Com um pouco de pedantismo, fallando na *evolução phylogenetica* do homem, o pintor de Java, com que Mantegazza conversou, podia ter feito uma tirada ainda maior contra o beijo!

Mas quem saiba quanto é antiga a civilização chinesa, póde talvez suppor que os ha-



(Quadro de A. Cresswell)

bitantes do Celeste Imperio já tenham conhecido e praticado o beijo; mas depois, pelas muitas razões que os hygienistas hoje prégam, acabassem condemnando-o e abolindo-o. Assim, o que nós acreditamos atrazo poderia bem ser progresso requintado.

A supposição não tem fundamento algum. Em primeiro lugar, *a priori*, pode-se affirmar que beijo não é cousa que se desaprenda...

Uma vez sabido, praticado, saboreado — não ha razões que prevaleçam contra os seus inconvenientes.

Depois, nós possuímos livros sagrados que nos dão noticia da vida chinesa desde, pelo menos, vinte e dois seculos antes de Christo. E' o caso do *Chu-King* (1). Pois bem: em vão a gente percorre os seus capitulos, esquadrinha os seus versiculos, espreita, escuta, indaga: — não se vê, não se ouve, não se sabe de nenhum beijo. Nenhum!

E não é porque o livro austero desconheça o que se pode chamar o «perigo feminino». Mais de uma vez allude a isso. Em certa occasião, advertindo aos juizes, sobre faltas em que elles podem cahir, enumera-as complacentemente: 1ª) o temor de alguém que occupa alguma alta posição; 2ª) o desejo de se tomar uma vingança ou praticar o reconhecimento de qualquer beneficio; 3ª) os discursos das mulheres; 4ª) o amor ao dinheiro; 5ª) os empenhos poderosos. (2)

Os discursos das mulheres!... Vê-se bem que o Chu-King não conhecia o valor do beijo, sinão, em vez dos discursos, temeria a elles e, em vez de collocar esse caso em terceiro lugar, pôl-o-ia no primeiro.

Nem sequer ha ahí o beijo de saudação, tão frequente em outros povos. A saudação mais respeitosa a que nelle se allude é o gesto de apertar a cabeça entre as mãos e abaixal-a o mais possível.

Ha, portanto, direito de suppor que a repugnancia contra os beijos entre chineses é um facto fora de contestação. Repugnancia e não desconhecimento. Pertinho da China, limítrophe com ella, fica a Índia. E a Índia conhecia o beijo. As *Leis de Manu*, livro de uma antiguidade veneravel, alludem a esse gesto. As allusões não são aliás amáveis.

(1) PAUTHIER ET BRUNET — Les livres sacrés — I, pag. 3. Apesar desta obra, que faz parte da collecção Migne, reduzir ao mínimo os períodos anteriores ao Christo, ainda assim marca para o reinado de Tchong-Kang o anno 2155 antes da nossa era.

(2) Chu-King — XXXVII, 16.

Tambem o sabio legislador conhecia o «perigo feminino». Explicitamente, elle aconselha aos discipulos dos brahmanes que não prestem certos serviços ás mulheres de seus mestres: entre esses serviços está mencionado, com uma cautela especial, que não as penteiem... Manu sabia bem que inconvenientes podiam provir d'ahi. Elle era sabio e prudente...

Mas, embora sábio, com uma cousa não transigia: com a hypothese de não se manter a rigorosa separação entre as castas, em que se dividia o povo.

Assim, elle declara que o facto de um brahmane polluir os labios beijando os de uma



(Quadro de José Frappa)

mulher da classe baixa—de una pária—é uma abominação de tal ordem, que para isso não existe nenhuma expiação prevista em lei. (1) De um modo geral, elle lhes prohibe os jogos, a maledicencia, a impostura, os beijos de amor e os actos nocivos a outrem.

Assim, por ahi se vê que, embora só falle de beijos quando allude a cousas que devem ser prohibidas aos sacerdotes, Manu reconhece implicitamente que elles existem e que são tolerados entre pessoas da mesma casta.

(1) Leis de Manu—Livro 3, n. 19.

Os chinezes tinham, portanto, bem perto, os professores de que precisavam, se a sua natural aversão de raça não os afastasse dessa deliciosa pratica.

Já, porém, que fallamos em dois dos mais antigos livros sagrados, vale a pena ver o que lia sobre o assumpto que nos preoccupa no mais moderno. Das grandes religiões em que o mundo se divide, o islamismo é a mais recente: Mahomet floresceu no 7º seculo da era christan. (1)

Na historia das religiões, o seu typo é extraordinariamente sympathico. A reforma religiosa a que elle ligou o seu nome se caracterizou por notaveis melhoramentos moraes.

Pobre, foi servir como administrador dos bens de uma prima rica e já entrada em annos. Acabou por se casar com ella. . . o que lhe deve ter facilitado extraordinariamente a prestação de contas. Mas isto só se pode dizer por gracejo. De facto, elle foi sempre honrado e simples. Mesmo chegado ao fastigio do poder, mesmo quando era considerado por todos o Eleito do Senhor, o Propheta que lhe repetia as palavras, elle continuou a viver com a mais perfeita modestia: era elle mesmo quem preparava a sua parca alimentação, quem concertava a sua roupa, quem mungia o leite das suas ovelhas. (2) Muitas vezes em sua casa não havia o necessario para a alimentação da familia, tanto elle repartia com incansavel generosidade tudo o que recebia. (3)

Os arabes no seu tempo eram polyganos. Casavam-se com grande numero de mulheres e nem sempre tinham com que sustental-as. Não raro, por isso, tomavam o partido de matar as filhas que lhes nasciam, enterrando-as vivas. Mahomet pôz côbro a isso. Elle prégou sempre o respeito e o carinho ás mulheres. Limitou a polygamia. Dizia: « Si receiaes ser injusto com os orphãos, não vos caseis sinão

1 Op. cit.—V, 3.

2 Lafitte — *Les grands types de l'humanité* — I, 357, 366.

3 O. Houdas — *L'Islamisme* — p. 65-66.

com poucas mulheres : duas, tres ou quatro entre as que vos tiverem agradado. Si ainda assim tendes o mesmo temor, não vos caseis sinão com uma só... (1) Para os hábitos da época, isso representava uma limitação formidável. E' verdade que os crentes, indo para o



céu, lá encontrariam as huris, em numero illimitado. Mahomet se refere a ellas numerosas vezes, descrevendo-lhes a belleza e a graça, promettendo as delicias que o amor dellas trará. Mas quer nessas occasiões, quer em todo o livro sagrado, livro que é de uma lingua-

1 Koran — IV, 3.

gem elevada, sobria; simples e casta, não se falla em beijos.

Não se falla em beijos sinão uma só vez..

Mahomet teve uma falha moral na sua vida. Emquanto a prima, a sua adorada Khadidja, viveu, elle foi puro e continente. Mas o grande repressor da polygamia, quando envelheceu, annunciou que tinha tido uma visão. O anjo Gabriel, que era quem lhe trazia as ordens de Allah, dictando-lhe os versículos do Alcorão, veio dizer-lhe que Deus lhe permittia, por um favor especial, que elle—só elle—se pudesse casar com quantas mulheres quizesse. E Mahomet usou largamente da permissão! Chegou a ter onze mulheres. (1)

Parece, entretanto, que o Propheta era ciumento. No Alcorão está dito que quem tiver de fallar com as mulheres delle não o deve fazer sinão com o rosto coberto. Com o rosto coberto, deviam tambem ellas estar. Demais, ordenava-se a quem fosse procurar Mahomet que não se detivesse junto delle sinão o tempo necessario para tratar do negocio que o levava lá. Feito isso, não o importunasse. (2)

Vê-se que elle tomava todas as cautelas. Pois bem: é, a proposito dessas suas multipas mulheres que apparece no Alcorão a primeira referencia a beijos. O anjo Gabriel em nome de Allah, lhes recommenda que quando virem o Propheta beijar mais a uma do que a outras não sintam ciumes. Elle tem para essas preferencias o mais liquido direito, embora, como Allah lhe aconselha, seja conveniente que não desagrade nenhuma! (3)

E pensar que 220 milhões de creaturas humanas estão perfeitamente convencidas de que Deus realmente se preocupou com as mulheres de Mahomet e mandou á terra o anjo Gabriel regular os beijos a que tinham direito! A credulidade humana não tem limites...

1 O. HOUDAS — L'Islamisme — pag. 64.

2 Koran — XXXIII — 47, 51.

3 Idem — XXXIII, 48.

Depois de ter visto o que havia sobre beijos em alguns dos livros sagrados mais antigos, depois de ter procurado o que a esse respeito se acha no mais moderno, vale a pena passar para a Bíblia. (1)

Na Bíblia o primeiro beijo que se esperaria encontrar era o de Adão e Eva. Mas Adão era um sujeito grosseiro e covarde absolutamente incapaz dessa fdeia delicada. Grosseiro, porque, quando viu Eva a seu lado, o que tinha de melhor fazer era dar-lhe um beijo.



Um beijo de saudação! Um beijo de amor! Em vez disso, fez-lhe um discurso. Declarou-lhe que ella era o osso dos seus ossos, a carne de sua carne.

Theophile Gautier disse que todo o mal do mundo veio da costella que Deus tirou a Adão:

«Tout allait bien, si Dieu ne l'avait fait, d'un geste,
sortir du flanc d'Adam, côtelette funeste ! »

Adão não pensava assim. Mas não era por delicadeza: era porque elle estava absoluta-

1 Apesar da ordem em que geralmente os escriptores catholicos publicam as varias partes da Biblia, o Genesis não é a mais antiga. Os livros mais antigos são os dos Juizes e dos Reis. O Genesis é do seculo 9º antes de Christo. Vide Ledrain — La Bible, volume III, pag. XIII. Aqui, porém, eu seguirei a tradição catholica, como si a Biblia dovesse começar chronologicamente pelo Pentateuco.

mente convencido dos altos meritos da sua costelleta: tanto assim que a primeira cousa amavel que achou para dizer a Eva foi a allegação de que ella provinha daquelle misero osso.

Grosseirão! Grosseirão e covarde, porque, quando Deus lhe appareceu a tomar contas por haver comido o fructo prohibido, elle não teve um só momento a ideia de tomar a responsabilidade e defender-se, por conta propria: a unica desculpa que achou foi accusar a mulher, passando a ella todo o peso da falta commettida!

Assim, não ha que admirar si a Biblia não falla em nenhum beijo desse extranho typo.

O primeiro que ella menciona é um beijo, que bem se pode dizer de traição. De traição, ou pelo menos de embuste.

Isaac estava cego. Sentiu que ia morrer. Chamou o filho mais velho, Esaú, e disse-lhe que fosse caçar alguma cousa. A' volta, quando com o que houvesse trazido lhe preparasse um guizado appetitoso, elle lhe lançaria a bençam.

Esaú partiu. Mas Rebecca, mulher de Isaac, que tinha maiores preferencias pelo filho mais moço, Jacob, chamou-o de parte, mandou-o buscar um cabritinho, guizou-o segundo o gosto do marido e aconselhou ao filho que o fosse levar ao pae, fingindo ser Esaú. Jacob reluctou. Entre outras cousas, ponderou-lhe que o irmão era cabelludo e elle era glabro. Disse-lhe receiar que, si o pae percebesse o engano, em vez de o abençoar o amaldiçoasse. A tudo Rebecca achou resposta. Propoz cobrir-lhe as mãos e o pescoço com a pelle do cabrito, para que, si o pae o apalpassse, o achasse cabelludo como Esaú, com cujas roupas o ia vestir. Tomou perante elle o compromisso de que, si o pae o amaldiçoasse, a maldição cahiria sobre ella. Assumiu solememente essa responsabilidade tremenda.

Jacob foi. Ahi, depois que o pae, desconfiado, lhe apalpou as mãos e o pescoço e se deixou illudir, resôa na Biblia o primeiro beijo. Foi Isaac quem o pediu.

«Chega-te, filho meu, e dá-me um beijo.
Elle se approximou e o beijou.

Então, tendo farejado o cheiro de suas roupas, Isaac o abençoou nestes termos :

O perfume de meu filho é como o de um campo que Jahveh abençoou;

Que Elohim te dê do orvalho do céu e da gordura da terra,

A abundancia do trigo e do vinho novo!

Que os povos te sirvam,

E que as nações se prosternem na tua presença !

Sê poderoso sobre teus irmãos,

E que diante de ti os filhos de tua mãe se curvem !

Maldito seja quem te maldissér, abençoado quem te abençoar ! (1)

A benção nesse tempo tinha um character sagrado e irrevogavel. Tão irrevogavel que mesmo tomada por dolo era válida — de tal modo que, quando Esaú chegou e o pae viu que tinha sido enganado, Isaac lhe affirmou que o que estava dito, estava dito : não lhe era permittido voltar atrás.

As palavras do velho patriarcha tem uma grande belleza. Mas é, sobretudo, uma grande tristeza o que se desprende de uma scena, em que se vê uma mãe, ensinando o filho a mentir ao pae, a trahir-o com o seu beijo, que o patriarcha cego sollicitára tão carinhosamente !

Beijos de traição... Quando se falla nelles, a primeira evocação de todos os espiritos é a do sinistro discipulo de Jesus. Mas pela Biblia e pela historia quantos outros resôam.

Joab, general de David, estava em campanha contra Amasa, chefe insurrecto. Como esse o procurasse, Joab se adiantou para elle e dizendo-lhe a saudação habitual «Paz seja contigo, meu irmão !», fez o gesto de pegar-lhe na barba para beijal-a, segundo a moda da época.

Mas ao mesmo tempo, com um golpe terrivel de espada, abriu-lhe o ventre — e os in-

(1) LECHRAIN—*La Bible*—vol. III, pag. 90-91. *Genesis XXVII*, 26-29.

testinos, diz a Biblia, se derramaram por terra! (1)

Para essa traição, o redactor do texto biblico não acha uma palavra de censura. O que o interessa, com evidente prazer, na descrição, não é aquella formula de amizade: «*Paz seja contigo, meu irmão!*» é o espectáculo, para elle agradável, dos intestinos de Amasa derramando-se por terra, graças ao golpe efficaç da espada de Joab.

Beijos de traição devem ter sido os de Judith em Holophernes. Voltaire lembra que a Biblia não falla nelles mas é licito presumil-os. (2) Certo, a judia formosa não recuaria diante disso, quando ao decidir-se a partir rogava ao céu que «*graças ás palavras enganadoras* dos seus labios, ferisse o servidor e o senhor, o chefe e o escravo», e num rapto de eloquencia pedia: «*Oh Deus de meu pai, Deus da herança de Israel, Senhor dos Céus e da Terra, Creador das Aguas, Rei de toda a criação, attende á minha prece, dá á minha palavra a arte de os enganar...*» (3)

Dizem alguns misogynos que dos tempos de Judith até hoje as mulheres devem ter progredido. Devem ter progredido, porque actualmente, já não precisam fazer orações tão longas e invocações tão solemnes, para exercerem uma funcção, que lhes é tão natural: dizer palavras enganadoras...

Emquanto, porém, na ceia que Holophernes lhe offereceu, Judith o procurava embriagar, terão bastado as palavras ou sido necesarios os beijos?—E o que teriam sido sinão beijos de traição?

Roma teve um general de grande talento e não menor valentia. Foi quem para ella conquistou o territorio das Gallias, onde hoje se estende a França. Chegou ao supremo posto no exercito, ao supremo posto na sociedade. Certo dia, um homem que elle sem-

(1) BIBLIA — *Juizes* II, cap. XX, 8-10. O 2º livro dos Juizes é para alguns autores o 2º livro de Samuel.

(2) VOLTAIRE — *Dictionnaire Philosophique* — I, 529.

(3) LECHRAIN — *La Bible* — vol. VII, pag. 478.

pre protegera—esse homem se chamava Brutus—se chegou a elle, beijou-lhe o rosto, a mão e o peito—e vibrou-lhe uma punhalada. (1)

Foi nessa occasião que Cesar disse aquella phrase, que depois ficou proverbial: «*Tu também, Brutus?!*» Phrase dolorosa, porque revela que aquelle homem, que para subir ao fastigio do poder devia ter experimentado muitas misérias, roçado de perto por muitos crimes, muitas baixesas, muitas villanias, acreditava que a ingratidão tivesse limites!

A abundancia de beijos que os conjurados, segundo o dizer de Plutarco, deram em Cesar—no rosto, na mão, no peito—mostram como os beijos de saudação variavam. Pode-se bem dizer que rara foi a parte do corpo de que não se possa citar o habito de receber em certas épocas ou em certas ceremonias beijos de saudação. Os que, de certo, mais nos repugnam são todos aquelles em que o homem precisa baixar-se: os beijos nos joelhos, os beijos nos pés. Ha nelles qualquer cousa de degradante á dignidade humana. E, no entanto, habito extranho, tempo houve, na Polonia, em que as mulheres saudavam os maridos beijando-os no alto da perna. (2)

O beijo nos joelhos era frequente, sobretudo como preliminar obrigatorio de qualquer requerimento ou supplica aos poderosos.

Mais baixo ainda, ha o beijo no pé. Ainda hoje os fieis o dão nas sandalias do papa. O primeiro a acclimar esse uso no occidente foi o imperador Deocleciano, que o copiou da Persia. Calçava para isso uma sandalia deouro. (3)

O beijo no pé descalço ainda se usa em uma cerimonia da igreja catholica. Quando os sacerdotes vão partir para missionar em terras selvagens, o ritual ordena que elles fiquem de costas para o altar, em fila—e os fieis lhes vem beijar os pés, dizendo a formula consagrada: —*Beati pedes evangelisantium.* (4)

(1) VOLTAIRE—*Op. cit.*—I, 528.

(2) *Le Baiser*—pag. 81.

(3) *Le Baiser*—p. 65.

(4) *Idem*—p. 92.

E pois que se falla aqui em beijo no pé, podemos lembrar o de Tiradentes, no alto do patibulo, beijando humildemente os pés do carrasco.

Mais baixo, ainda só o que os reis da Persia exigiam dos seus vassallos. Na Persia os fidalgos e os altos dignitarios é que beijavam os pés dos reis. A plebe se limitava a beijar o chão, que elles haviam pisado!

O beijo em objectos é usual em quasi todas as cerimoniaes dos diversos cultos. Todos sabem, por exemplo, que na cerimonia mais corrente do catholicismo — a missa — o padre tem que beijar o altar, pelo menos, nove vezes. Como regra, sempre que elle recebe um objecto beija a mão que o dá e o proprio objecto. (1)

Esse habito de beijar os objectos antes de os entregar ás pessoas e que era de regra sempre que se dava qualquer couza a individuos poderosos, tinha uma triste origem. Era do tempo em que havia o terror dos envenenamentos. Beijar o objecto era provar — prova aliás muito imperfeita — que elle não estava envenenado e pelo menos do seu contacto nada havia a receiar. (2)

Mas é melhor pensar em beijos mais amaveis e, sobretudo, mais appetitosos.

Por mais que cubicemos a sorte dos antigos reis, que se aproveitaram desse costume, não podemos deixar de considerar ultrajante o direito que lhes assistia de beijarem o collo das recém-casadas.

Vamos, porém, ao beijo, que menos hoje se barateia: o beijo na bocca.

Elle já foi uma formula banal de saudação. Tempo houve entre os Romanos em que era obrigatorio para as mulheres: tinham de se deixar beijar por todos os parentes.

Propercio, poeta e ciumento, queixou-se em uma das suas elegias que a mulher que elle amava inventava parentes só para ter o pre-

(1) Levasseur — Cérémonial selon le rit romain—I, 76; II, 670.

(2) Guyon—Diverses leçons, édition de 1690 pag. 78—cit. por Franklin — *La civilité* — I, 68.

texto de dar e receber muitos beijos... Dizia-se entretanto, que esse costume fôra instituido em lei por Catão — Catão, o censor austero, cujo nome é sempre citado com respeito. Não tivéra, porém, para isso o menor motivo frívolo. Ao contrario! As leis de Roma prohibiam ás mulheres que bebessem vinho. A obrigação para ellas de beijarem os parentes era um meio dado a estes de fiscalisarem qualquer infracção. Ai dellas si pelo halito trahissem que a tinham commettido! A pena era a de morte — nem mais nem menos! (1)

Assim, essa pratica era a degradação do beijo — o beijo-polícia-secreta — o beijo espião!

Santos Chocano conta, porém, utilização ainda mais terrível do beijo. E' uma lenda digna de figurar ao lado da de Severo Torelli, embora differente.

Certa vez um conquistador hespanhol, Don Garcia de Peralta, pretendeu seduzir uma joven india. Ella, que amava um sacerdote da sua religião, um inca, recusou-se sempre. Don Garcia fez prender o inca. Tornou-se por odio, por vingança, por furor, o seu carcereiro. A india veio um dia ver o algoz de seu amante e entregou-se-lhe. Longamente, elle a beijou. Beijou e morreu por isso — porque ella poséra sobre os labios o veneno que os indios costumam pôr nas settas. Quando o viu cahir, ella precipitou-se, abriu o carcere ao prisioneiro e contou-lhe o que succedera. Disse-lhe que ella tambem não podia escapar, mas que elle sahisse, que fugisse, que reconquistasse a sua liberdade.

E o inca só teve uma resposta: beijou-a tambem; beijou-a muito; beijou-a para que os beijos envenenados matassem a ambos... Para que viver, si ella ia alli ficar inanimada? (2)

O beijo na bocca, como formula de salvação corrente, estendida até mesmo aos extranhos, se perpetuou. Veio, pelo menos, até o seculo 16, em que viveu Montaigne. Nesse

(1) *Le Baiser* — p. 58, 59,

(2) Santos Chocano — *Alma America* — pag. 196.

tempo as proprias rainhas tinham de se deixar beijar na bocca pelos cardeaes. Mas as outras senhoras, essas estavam obrigadas a receber os beijos que lhes quizessem dar quaesquer fidalgotes. Por isso, protestando, aquelle escriptor dizia: «E' um costume desagradavel e até injurioso para as senhoras, terem de emprestar os labios a qualquer sujeito, que traga um sequito de tres lacaios, ainda que elle seja repugnante...» Quantos homens, porém, lembrando esses tempos ditosos, não terão inveja dos que nelles viveram e repetirão melancolicamente o verso de Musset: «*Je suis venu trop tard dans un monde trop vieux.*» Mas Montaigne não parou naquellas palavras: depois de citar uns versos latinos de Marcial, accrescentou mais alguma cousa, informando-nos das vantagens e desvantagens de tal costume: «... nós não ganhamos nada com isso, porque, como o mundo está repartido, para beijar tres mulheres bonitas, temos de beijar cincoenta feias e para um estomago debil, como é o da gente da minha idade, um máo beijo causa mais desgosto do que um bom causa prazer.» (1)

Não se creia que a informação dada por Montaigne possa ser alguma fantazia. Antes d'elle um prégador, que ficou celebre pelos seus sermões de um raro desbocamento, mas que exercia enorme prestigio sobre as multidões, contava o que succedia mesmo nas igrejas:

«Si uma senhorita está na igreja e chega qualquer fidalgote, é necessario (para manter os costumes da nobreza) que ella, ainda que esteja em meio da maior devoção, se levante entre o povo e o beije bico a bico... Diabos levem tal costume!» (2)

E a moda persistia no seculo 17. Tanto persistia que Fitelieu, escrevendo um volume para combater os máus habitos da civilidade do seu tempo, achava—e isso era em 1642—que o processo dos cumprimentos beijocativos era contrario «á pudicicia das moças».

(1) MONTAIGNE-ESSAIS. Edition Garnier. — II, p. 267.

(2) A. Franklin—La civilité—I, 131.

Como, porém, sermões e discursos difficilmente podiam supprimir uma praxe tão seguida, ella, em alguns lugares, veio até o meio do seculo 19, porque ainda em 1832 um compendio de civilidade, o *Corypheu dos Salões* dizia, tratando das regras applicaveis á boa sociedade: «Na Allemânia é costume cumprimentar as senhoras, beijando-as na bocca.» (1)

Poder-se-ia talvez examinar si Montaigne o celebre auctor dos *Ensaíos* tinha razão e principalmente si aquella proporção de *tres* bonitas para *cincoenta* feias era ou, em nossos dias, ainda é exacta. Mas para que? O costume não voltará. O beijo tem hoje inimigos rancorosos. Todos os congressos scientificos contra a tuberculose fallam mal d'elle. Já houve até um homem energico, deputado da Virginia, o Sr. Ware, que apresentou á assembléa, de que é com certeza membro conspicuo, um projecto tendendo a limitar o uso do beijo ás pessoas sadias. (2) Seria curioso examinar as disposições desse projecto. Naturalmente os que desejassem exercer o direito beijocativo far-se-iam examinar e trariam depois um distinctivo bem visivel...

O projecto do Sr. Ware não passou; mas a guerra contra o beijo vae continuando: é cada vez mais feroz. E precisamente os beijos mais condemnados são os que Montaigne desdenhava, porque nelles o perigo é duplo: tanto de quem os dá, como de quem os recebe.

Sabendo que esse projecto nasceu nos Estados-Unidos onde já se tem constituido ligas contra o uso do beijo; lembrando que entre os povos da raça chamada latina nada se fez de analogo, um ponto seria interessante estudar, questão, que se poderia chamar com solemni-dade, de *ethnologia osculatoria*: «qual é o povo que melhor sabe beijar?»

Naturalmente os candidatos não serão poucos. A presumpção nacional de cada um disputará essa primazia. Mas como a questão, ao menos por ora, é insolúvel porque falta uma

(1) E. Bonafé — Revue des Deux Mondes, juin 1893.

(2) Citado por Ch. Féré—L'hygiène du baiser.

unidade do systema metrico decimal, que se applique á medição dos beijos ou uma reacção chimica que permitta emprehender a sua analyse qualitativa, tomemos um criterio especial: a linguagem. A' maior riqueza de vocabulario deve corresponder maior variedade de beijos.

Admittindo este criterio, uma surpresa nos está reservada: o Dr. Christopher Nyrop, professor de philologia na Universidade de Copenhague faz notar que não ha lingua nenhuma, que tenha tantas palavras para designar o beijo e a acção de beijar como o allemão. Com a facilidade de compor palavras, elle chega a verdadeiras subtilezas. O Dr. Nyrop, depois de uma longa lista de substantivos, menciona os seguintes verbos, cuja tradução foi feita por João Ribeiro, que é não só um dos nossos homens de letras mais illustres, como o que está mais habituado a traduzir em verso excellentes composições de poetas allemães. Mas João Ribeiro é o primeiro a advertir que entre tantas subtilezas bem pode ser que elle não tenha sido muito fiel; consola-se apenas lembrando que tambem a fidelidade dos beijos não é, em geral, muito grande. A lista é a seguinte:

Auküssen—beijar; indica contacto demorado.

Aufküssen—cobrir de beijos; accordar (a quem dorme) com beijos.

Ausküssen—não beijar mais. Pôr termo ou fim aos beijos.

Durchküssen—beijar todo o objecto de um extremo a outro, de uma ponta a outra.

Emporküssen—Intraduzivel. Quer dizer: indicar um beijo pelo movimento dos labios. Corresponde ao «*levantar os olhos para...*» O povo diz: *mandar um criado*, isto é, mandar um beijo ao longe.

Herküssen—*Her* indica direcção para a pessoa que falla. Venha ou vá um beijo; passe para cá um beijo ou tome-o.

Nachküssen—Litteralmente seria *post-beijar*, isto é, beijar ainda uma vez ou mais uma vez. Em certas phrases temos um

adjectivo que exprime essa ideia e é *extraordinario* — quando se diz por exemplo, um *prato extraordinario*, qualquer cousa a mais, fóra da conta, complementar e tambem se diz *extra*.

Vorbeiküssen — beijar, passando, de caminho.
Beijar levemente, oscular.

Widerküssen — tornar a beijar, *re*-beijar.

Zerküssen — beijar a torto e a direito. *Beijocar*.

Zuküssen — ajuntar um beijo a outros. Fechar, concluir com um beijo.

Zurücküssen — beijar *en retour*, em paga, em resposta. Voltar a beijar.

Entküssen, fortküssen, wegküssen e abküssen — significam todos' apagar destruir qualquer dôr ou magua com um beijo ou á força de beijos. A differença está em que *ent* exprime negação, *ab* extracção, *fort* e *weg* expulsão. Todos indicam a destruição de um soffrimento e exprimem beijos de consolação, de compensação, de alívio, remedio ou cura.

Ha ainda, exprimindo nuances que escapam ao traductor: *beküssen, erküssen e verküssen*.

E' forçoso confessar a admiravel riqueza dessa lingua, que substitue longas periphrases por simples palavras. Mas isso mesmo dá vontade de inventar processos novos de beijos, ineditos e imprevidos, só para fugir a essa catalogação, a essa etiquetagem tão cheia de nomes e sub-nomes, graças á qual antes de se dar um beijo já se está com a impressão de que elle não tem mais a minima frescura, porque já se acha inscripto em todas as paginas de todos os bons dictionarios.

Francamente, a pobreza da nossa lingua é preferivel... Diz-se: *beijar* — e acabou-se. Como, quando, porque, para quê, onde, etc, etc, etc, são circumstancias que se devem geralmente omitir. Só interessam aos que beijam e são beijados. E' melhor que fiquem numa vaga e saborosa confusão...

E' certo, entretanto, que, á parte mesmo a questão de hygiene, a idade de quem dá e recebe um beijo e o logar onde elle é depo-

sitado não são cousas indifferentes. O grande poeta hespanhol Campoamor tentou uma classificação dos beijos debaixo desses dois aspectos:

Desde o pequeno berço ao ataude
varia o beijo e já alguém o disse :
elle traduz *amor* na juventude,
esperança traduz na meninice,
para os adultos pode ser *virtude*
e é só *recordação* para a velhice.

Ha, pois, no beijo a nitida expressão,
a expressão sem igual
de um idioma eloquente e universal
que, em cada vida, em cada incarnação
muda com o logar e com a idade :
quer nos cabellos exprimir *bondade*,
nos olhos *illusão*,
e, si na fronte exprime *magestade*,
sobre os labios em flôr traduz *paixão*.

Os versos, na sua lingua original, sem a traição da traducção — *traduttore tradittore* — são³ bonitos. Mas isso não prova nada. Todos os tratados de logica alludem á grande difficuldade das classificações. A classificação de Campoamor é muito fallivel, porque a experiencia prova que frequentemente os beijos erram, em confusão, dos labios á fronte, dos olhos aos cabellos, misturando tudo: a paixão e a illusão, a bondade e a magestade... E' uma verdadeira trapalhada — trapalhada, aliás, deliciosissima...

Pedir logica e rigor aos poetas seria realmente um absurdo. Um delles — dos melhores, dos mais inspirados — escreveu a *Philosophia do Beijo* :

Era no Eden, ao morrer do dia...
Adão, o moço Adão recém-creado,
olhava a natureza enthusiasmado...
A sombra era nupcial e Eva sorria...

E foi então, diz elle, que Adão deu em Eva o primeiro beijo.

Que isso é falso, já o sabemos. Mas o exemplo é bom para fazer vêr como um homem, assim que pensa em exprimir as suas

ideias por meio de phrases metrificadas perde logo toda a noção de rigor. Assim o Sr. Lucio de Mendonça, que é um juiz austero, cujo escrupulo em examinar as questões que lhe são affectas é conhecido, esqueceu inteiramente o estudo dos autos — os autos, para este caso especial, eram os dois primeiros capitulos do Genesis — e atirou-se a uma informação inteiramente falsa.

Talvez o tenha induzido a erro afirmação identica de Luiz Guimarães Junior, falando de Eva:

Adão, ao ve-la nua e illuminada
pelo celeste olhar omnipotente,
sorriu, tremeu, chorou—e humildemente
beijou a fronte á loira despozada.

Mas para dignificar o beijo, em vez de lhe attribuir fantasticas antiguidades, talvez conviesse melhor figura-lo como uma invenção humana, já attestando um alto gráu de cultura. Os que, entretanto, queriam faze-lo nascer no Paraizo Terrestre devem antes adherir á hypothese de um grande poeta mexicano, Don Manuel Maria Flores. Elle inverte a descripção de Luiz Guimarães e Lucio de Mendonça. Dá a Eva a iniciativa do primeiro desses deliciosos gestos. Na sua bella, na sua maravilhosa poesia, elle pinta Eva surgindo do flanco de Adão:

...de um nuevo ser que vida recebia
una blanca figura luminosa
alzóse junto a Adán... Adán dormia.

...La dulce palidez de la azucena
que se abre con la aurora
y el casto rayo de la luna llena,
dejaron en su faz encantadora
la pureza y la luz. Los frescos labios,
como la rosa purpurina, rojos,
esa mirada en que fulgura el alma
en los rasgados y brillantes ojos,
y por el albo cuello,
voluptuoso crespón de sus hechizos,
la opulenta cascada del cabello
cayendo en olas de flotantes rizos.

Su casta desnudez iluminaba,
su labio sonreía,
su aliento perfumaba,
y el mirar de sus ojos encendia
una inefable luz que se mezclaba
del albor al crepusculo indeciso...
Eva era el alma en flor del Paraíso.
Y de ella en derredor, rica la vida
se agitava dichosa;
naturaleza toda palpitante,
como á la virgen trémula el amante
la envolvió cariñosa.
Las brisas y las hojas le cantaban
la cancion del susurro melodioso
al compás de las fuentes que rodaban
su raudal cristalino y sonoro ;
en torno cefirillos voladores
su cabello empapaban con aromas,
suspiraban pasando los rumores,
y trinaban mejor los ruisenores,
y llorabam más dulce las palomas ;
en tanto que las rosas extasiadas,
húmedas ya con el celeste riego,
temblando de cariño á su presencia
su pié bañaban de fragante esencia
y se inclinaban a besarle luego.

Iba a salir el sol, amanecía,
y á la placida sombra del palmero
tranquilo Adán dormia:
su frente majestuosa acariciaba
el ala de la brisa que pasaba,
y su labio entreaberto sonreía.

Eva le contemplaba
sobre el inquieto corazón las manos,
húmedos y cargados de ternura
los ya languidos ojos soberanos :
y poco a poco, tremula, agitada,
sintiendo dentro el seno, comprimido
del corazon el férvido latido,
sintiendo que potente, irresistible,
algo inefable que en su ser habia,
sobre los labios del gentil dormido
los suyos atraía;
inclinóse sobre el... y de improviso
se oyó el ruido de um beso palpitante ;
se estremeció de amor el Paraíso...
! Y alzó su frente el sol en ese instante !

E' uma hypothese arrojada figurar Adão
tão bonito que, mesmo dormindo, Eva o

achasse seductor e não resistisse á tentação de lhe dar o primeiro beijo. Mas emfim com o character um tanto... (chamemo-lo assim!) um tanto tropical da nossa veneravel avó, o caso era mais possivel. Depois, coitada! não tinha nenhum outro termo de comparação. Si em terra de cegos quem tem um olho é rei, em terra de bichos, quem é homem, é, por força, homem bonito. Em todo caso, mais vale a suposição de Don Manuel Flores que a de Lucio de Mendonça.

E' verdade que Lucio resgatou a sua falta ao entrar propriamente no terreno da poesia, quando mais para diante escreveu estas formosas quadras:

E' o beijo a mais doce recompensa
e a gloria melhor! Ai, merecê-la
de uns labios virgens! Cái como uma estrella
na altiva fronte do que sonha e pensa!

O beijo é um hymno a quatro labios. Sina
inditosa não ha pr'a quem o canta.
Nasce do beijo o amor, que tudo encanta,
como Eloá da lagryma divina!

Philosophia excellente, á qual ninguem deve hesitar em adherir. Oxalá o poeta juntasse a isso um cabedal seguro de informações mais exactas sobre a vida e feitos de Adão e Eva e não attribuisse ao nosso primeiro pae—typo absolutamente refractario a enthusiasmos — enthusiasmos que elle nunca teve.

Apezar disso, não se imagina como essa fama de gentileza está divulgada a respeito de Adão. Filinto de Almeida tambem se deixou illudir por essa falsa tradição, fallando do beijo:

«... o sello da amizade
e do amor! Elle só nos dá felicidade.

Dois corações que o tédio ou o cansaço importune,
só um beijo de amor os levanta e reúne.
O beijo é vida, o beijo é luz, o beijo é gloria!
Observae bem. vereis que o beijo é toda a historia
da humanidade. Foi o beijo primitivo
que na terra o primeiro homem tornou captivo

da primeira mulher ; depois, ardente ou brando,
veio o beijo do amor as raças perpetuando,
unindo gerações a gerações e unindo
o passado ao futuro, insondavel e infindo.
O beijo é a transfusão das almas: elle encerra
tudo o que possa haver de divino na terra..»

O que é poesia e lyrismo — está muito bom.
Pena é que o auctor tivesse incluído aquella
asserção falsa. Do casal primitivo só ha que
louvar Eva. Eva, sim! era uma rapariga ama-
vel e exuberante, que logo se atirou ao fructo
prohibido!

Mas, a proposito de beijos e fructos pro-
hibidos, poder-se-ia estudar até que ponto o
beijo é prohibido ou permittido pela igreja
catholica. Pois bem. Apesar do problema ser
antigo, da Biblia estar cheia de referencias a
isso — só no Cantico dos Canticos ha delles
uma deliciosa chiadeira! — o assumpto não pa-
rece decidido, de uma modo firme e seguro.
Os auctores divergem.

Monsenhor Bouvier no seu « *Manual dos
Confessores, Dissertação sobre o 6º mandamento
e supplemento ao trabalho sobre o casamento* »,
depois de muitas considerações preliminares,
resume a sua doutrina nas seguintes conclu-
sões:

« 1ª — Não se deve accusar de peccado
mortal aquelle que, requestando uma moça em
casamento, beija-a honestamente cada vez que
chega ou que parte, sem que haja perigo de
movimentos apaixonados ou pelo menos sem
que haja o perigo de consentir nisso. Por mais
forte razão não se peccará si se tem obriga-
ção de fazer esse acto de civilidade, sem o
qual se teria de passar como ridiculamente
escrupuloso ou original, ficando assim motivo
de zombaria ou gracejo das outras pessoas.

2ª — A mesma causa nos deve fazer des-
culpar uma moça que não podesse, sem se
tornar objecto de chacota, ou arriscar-se a des-
agradar a seu noivo, recusar os beijos hones-
tos que lhe pede o moço pelo qual ella é re-
questada para se casar.

3ª — E' bom não accusar levemente de peccado grave as pessoas moças de um e de outro sexo que em certos jogos, se beijam decentemente, sem malícia. Sem duvida, é prudente procurar dissuadi-los desse modo de brincar, mas no proprio interesse de sua salvação, convém, mais do que seria lícito suppôr, não os accusar irreflectivamente de terem commettido um peccado mortal.» (1)

Monsenhor Bouvier era um personagem consideravel. Quando escreveu sua obra servia, em França, como bispo de Mans. Essa obra era adoptada nos seminarios. Vê-se que tinha o merito de ser tolerante. Basta, na sua opinião, que um noivo se mostre zangado com a noiva para que ella não tenha o direito de lhe recusar os beijos pedidos. Os interessados devem aprender...

Por isso, confiado em que sempre acabaria por obter o perdão do papa, o auctor de uma quadra popular italiana dizia á namorada:

O bella figlia, o bella garzona,
baciante me, chè il Papa vi perdona :
baciante me, chè io bacerò vui,
chè il Papa ci perdona tutti e dui. (2)

Já, porém, o padre E. Bauny, da Companhia de Jesus, no seu livro «*Exame de certos peccados*», diz que o beijo, sem nenhuma outra intenção peccaminosa, é, pelo simples prazer que dá, um peccado mortal—e cita em apoio da sua doutrina São Paulo e São Cypriano. E' verdade que esse padre exigente não prega moral apenas para os profanos. Lembra que Pio V, num decreto do anno 1561 e Clemente VIII, muito tempo depois, se occuparam da criminalidade dos padres que abusam do confissionario para, entre outras cousas, furtar beijos ás suas confessadas... (3)

O *Diccionario dos Casos de Consciencia*, publicado por Pontas no principio do seculo 18 e depois em 1865 revisto e reeditado pelo

(1) Op. cit.—Cap. IV, article II, paragrapho 1.

(2) Nyrop—the Kiss, pag. 75.

(3) Cap. I, conclusions 10 e 12.

celebre Abbé Migne, confessa que a questão é discutível, mas opta pelo rigor. Elle figura um noivo que, fazendo frequentes visitas á noiva lhe dá beijos «com algum prazer, de pouca duração, mas sem nenhuma intenção criminosa: pode-se dizer que, agindo assim, elle pecca mortalmente?»

Lealmente o auctor confessa: «Ha duvidas sobre o caso.» Mas accrescenta immediatamente: «A opinião mais severa é a unica segura, e um confessor prudente não deve se relaxar neste ponto, porque a fraqueza humana é tão grande, que lia sempre muito que temer que essa especie de pessoas não cáia enfim numa tentação mais violenta e que afinal não succumbam, tomando liberdades, que levam a isso muito rapidamente, mas a que ellas imaginam ter direito sob o especioso pretexto de noivado.» E para apoiar este conselho o auctor accrescenta: «A longa experiencia do confissionario, que já temos lia mais de 55 annos e as detestaveis consequencias que vimos nascerem dessas caricias prematuras, nos obrigam a dar esta opinião aos confessores, que, ás vezes, por falta de bôaorientação, passam muito de leve sobre uma materia tão importante.» (1)

Em resumo a opinião delle é que quem quer beijos, casa primeiro. Ser noivo não basta.. De beijo em beijo, vai-se ao fim do desejo. O velho padre (si elle ha 55 annos confessava, que idade devia ter? Não menos de 80...), era prudente.

No entretanto, em face de todo este rigor, vale a pena vêr que em sua *Mœchialogia* (2), o padre Debreyne, religioso trappista, acceita inteiramente, acceita e transcreve os ensinamentos de Monsenhor Bouvier, ensinamentos cuja tolerancia é notavel. Ninguem é mais minucioso e explicito do que este trappista! Ora, os trappistas, ninguem o ignora, vivem sob

(1) Op. cit.—voi. I. pag. 173-174.

(2) *Mœchialogie*—Cours de Luxure, traité des péchés contre les sixième et neuvième commandements du Décalogue et de toutes les questions matrimoniales qui s'y rattachent directement ou indirectement, suivie d'un abrégé d'embryologie sacrée—Chap. II, article II, paragr. 2.

uma regra muito rigorosa. Antes de tudo, devem abster-se de conversas. A' parte as orações, a que são obrigados, é-lhes apenas aconselhado que, quando se encontrem, se saúdem com a conhecida phrase: «*Frère, il faut mourir!*» O que faz, portanto, o grande merito da tolerancia do padre Debreyne é que — pelo menos, assim o devemos suppor — não a queria para seu uso. Quando elle murmurava: «*Frère, il faut mourir!*», completava a phrase mentalmente: «Irmão, é necessario morrer... mas enquanto não morreis, beijae-vos uns... ás outras...»

Era um padre manso e bom. O difficil é saber como a doutrina do Bispo Bouvier, que elle perfilha, se concilia com aquella fulminante declaração do papa Alexandre VII, que em 1866 declarou formalmente que os beijos constituíam peccados mortaes. (1) Teria, porén, esse papa uma auctoridade muito séria em tal assumpto? Não basta estar no sólio pontifice para poder decidir sobre certas questões delicadas. Ora, Alexandre VII tinha nascido em 13 de fevereiro de 1599. Estava, por consequente, quando expediu aquelle terrivel preceito com 65 annos de idade. Aos 65 annos de idade, elle devia entender mais de canto-chão, que de beijos... Curioso seria saber o que elle pensava aos 18 ou 20... Talvez tivesse a mesma opinião de João de Deus:

Beijo na face
pede-se e dá-se.

Dá?

Que custa um beijo?

Não tenha pejo:
vá!

(1) Numa obra de casuística, muito reeommendada, *Examen ou Décisions Théologique sur les devoirs et les pechés des diverses professions de la société*; Paris, 1869, se diz tambem, tratando de beijos, que "si são dados ou recebidos voluntariamente com prazer lascivo, constituem peccados mortaes. Mas um beijo ou um abraço, sem motivo de concupiscencia, unicamente por distração ou curiosidade e que aliás não fosse dado sobre um objecto que podesse levar gravemente á libidiniosidade, seria apenas peccado venial." E longamente, em latim, o auctor enumera todos, ou quasi todos os beijos possiveis... Enumera-os tão bem, num latim tão transparente, que não pode ser citado... Op. cit.—vol. I, p. 285. Tambem em latim é a obra de casuística mais recente e mais notavel. Apezar da lingua em que é escripta e de constar de dois grandes volumes, publicada em 1902 já em 1903 estava na sua segunda edição. Chama-se *Casus Conscientiae* e tem por auctor o Jesuita *Augustino Lehmkuhl*. E' dos amaveis. Permite os beijos... simples. Prohibe formalmente os demorados e ardentes, "cum mora et ardore"... Op. cit. I, 275 casus 158.

Um beijo é culpa,
que se desculpa . .

Dá ?

A borboleta
beija a violeta :
vá !

Um beijo é graça
que a mais não passa :
dá !

Diante destes argumentos, que não são um prodígio de logica, porque não ha nenhum direito de tirar conclusões das borboletas para os homens, a moça cedeu.

O poeta logrou apanhar o primeiro beijo. Mas como *coçar, comer e beijar—tudo está em começar*, passou logo a pedir o segundo.

Um é tão pouco
flor !
Deixa, concede
que eu mate a sêde,
amor !

Talvez te leve
o vento em breve,
flor !
A vida foge...
A vida é hoje,
amor !

Guardo segredo,
não tenhas medo,
pois.
Um mais na face,
e a mais não passe :
dois !

E ella deu o segundo. Mas logo o ambicioso quiz mais. Pediu o terceiro:

Trez é a conta
certinha e justa.
Vês ?
E que te custa ?
Não sejas tonta !
Trez !

Trez, sim : não cuides
que te desgraças...

Vês :
trez são as Graças,
trez as virtudes,
trez!

As folhas santas,
que o lirio fecham
—vês ?—
e não o deixam
manchar, são —quantas ?—
trez.

O poeta acaba ahi. Não sabemos si obteve. Não sabemos si foi adiante. E' bem possível que, a partir do terceiro beijo, não fosse preciso pedir mais nada. Talvez, a começar desse ponto, lhe tenha succedido o mesmo que ao auctor daquella quadra popular:

Dei-lhe o primeiro : córou...
Dei-lhe o segundo : sorriu...
Todos os mais que levou
foi ella que m'os pediu...

Pedir... foi talvez de mais. Mas consentir era perfeitamente natural. Todos sabem a velha anedota daquella moça que ouviu ler o texto do Evangelho em que o Christo aconselha que quem levar uma bofetada em qualquer das faces volte a outra para apanhar nella. E com uma logica irreprehensivel ella dizia :

« Si é assim para as bofetadas, por maioria de razão deve ser para os beijos! »

Aos beijos na face faltam aliás definições tão pittorescas como ha para os beijos na bocca. Verlaine escreveu :

« Baiser! rose trémière au jardin des caresses
vif accompagnement sur le clavier des dents
des doux refrains qu'amour chante en les cœurs ardents
avec sa voix d'archange aux langueurs charmeresses! »

Ninguém desconhece a definição de Rostand, em *Cyrano de Bergerac*. Lucio de Mendonça a traduziu em versos excellentes:

«Um beijo : mas enfim que grande cousa é essa ?
Jura que mais de perto é jurada, promessa
mais clara, confissão que quer confirmação,
ponto róseo no *i* da palavra paixão,
segredo que se diz á bocca em vez da orelha,
instante de infinito em sussurro de abelha,
com resaibo de flor íntima comunhão,
modo de respirar um pouco, á flor dos lábios, a alma.»

O trecho é todo elle delicado e mimoso; mas o verso capital, que aliás Lucio de Mendonça adaptou muito bem:

«un point rose qu'on met sur l'*i* du verbe aimer»

é o mais fraco, o menos expressivo, o peor de todos elles. Um pouquinho de meditação fará ver que isso não quer dizer absolutamente nada. Alfredo de Musset escreveu uma poesia em que comparou a lua vista sobre uma flecha esguia de cathedral a um ponto sobre um *i*. A comparação foi perfeita. Todos nós imaginamos o *i* e vemos sobre elle o respectivo ponto. E' uma comparação *que faz imagem*. Em que, porém, duas pessoas que se beijam produzem qualquer cousa que se pareça com um ponto sobre o *i* da palavra *aimer*, da palavra *paixão* ou de qualquer outra? Em nada. O verso de Rostand é um puro jogo verbal, sem o mínimo attractivo pittoresco. O resto do trecho é muito melhor— embora lhe falte a extravagancia daquelle verso que soube tornar-se popular. Tobias Barreto tem uma poesia, que precisamente se intitula— «o Beijo»— em que já menciona aquella outra imagem: «segredo que se diz á bocca em vez da orelha». O poeta figura-se em um bosque com uma rapariga bonita e está a pedir-lhe um beijo:

Quanta sombra!... Repousa
descança aqui:
vou dizer te uma cousa
que eu sei de ti.

Mas só digo na bocca ;
no ouvido, não...
Anda, espera ; que louca !
Retira a mão !

Suspirar-te um segredo
deixa, que tem ?
Cuidas que no arvoredo
boliu alguém ?

Foi o vento ; ora, essa !
Ninguém boliu.
Chega... Dá-me depressa...
Está ! Quem viu ?»

Bem recitada, é uma poesia muito graciosa. Lá está a mesma ideia do segredo, que elle só dirá na bocca: e não no ouvido.

Tobias Barreto e João de Deus tinham razão em insistir quando, pedindo um beijo, encontravam negações formaes. Essas negações nem sempre valem muito: são, ás vezes, formulas timidas de um consentimento, que quer ser conquistado... Bem o diz aquella quadra:

Quando o *não* quer dizer *sim*,
é um *sim* ~~en~~vergonhado,
não ha cousinha melhor
do que um beijinho roubado !

E' claro que, quando o beijo é uma violencia brutal, arrancado a despeito do odio, não vale nada. Nem satisfaz a quem o furta, nem macula á que se vê forçada a consentir. Era o que Guarini dizia:

«Bocca bacciata a forza,
se'l bacio sputa, ogni vergogna ammorza.»

Mas ás vezes a violencia parece grande e é apenas simulada. O velho preceito: *na duvida, abstem-te*, aqui deve ser invertido: *na duvida... procura furtar...*

No entanto, um poeta brasileiro de certa notoriedade, o Visconde da Pedra Branca, tinha uma theoria singularissima. Dizia elle:

Nunca te pedi um beijo.
Pedido, que gosto tem ?
Do amor o que não é dado
é frio, não sabe bem.

Hom'essa! Pois então elle qneria que a namorada lhe offerecesse beijos? que fosse della que partisse a iniciativa?

Mas elle não parava ahi. Accrescentava:

O beijo dado escondido
toma do crime a feição ;
pode faltar o desejo,
mas não farta o coração.

Este visconde era dà escola dos namorados de bonde, que se abraçam á vista de todos, com um máu gosto abominavel, porque exactamente certos carinhos, quanto mais escondidos melhores. E um pouco de crime tempera agradavelmente certas sensações...

Merimée tornou lendaria aquella mulher que, tomando um sorvete, achava-o tão bom, que para achal-o ainda melhor dizia saboreando-o: «*Que pena que não seja um peccado!*»

Ahi é que está a delicia do beijo que se furta: são dois peccados ao mesmo tempo: o do beijo e o do furto...

E não se imagina que formas diversas os poetas tem desejado só para furtar beijos.

Victor Hugo — tanto esse gesto admiravel é tentador — disse o que daria por um beijo, si fosse rei ou deus:

Enfant, si j'étais roi, je donnerais l'empire,
et mon char, et mon sceptre et mon peuple à genoux,
et ma couronne d'or et mes bains de porphyre,
et mes flottes à qui la mer ne peut suffire
pour un regard de vous !

Si j'étais Dieu, la terre et l'air avec les ondes,
les anges, les démons courbés devant ma loi,
et le profond chaos aux entrailles fécondes,
l'éternité, l'espace et les cieux et les mondes,
pour un baiser de toi !

Dir-se-á que, si fosse Deus, elle não necessitava fazer tanta cousa: bastaria querer. Mas Jupiter era tambem Deus e precisou andar metamorphoseando-se em bichos diversos, só para satisfazer a sua sêde de beijos.

Por isso não admira si alguns poetas estão até promptos a abdicarem a sua dignidade de homens. Alguns declaram que lhes bastaria serem os tapetes que a pessoa amada pisa! Mais gracioso é o pensamento daquella quadra hespanhola em que o amante pedia para ser a moringa, por onde a namorada beberia:

Alcarraza de tu casa,
Chiquita quisiera ser,
para besarte los labios
quando fueras a beber.

A verdade é que as comparações litterarias a respeito do beijo, comparações verdadeiramente boas, são muito raras, embora não menos raros sejam os poetas que não tenham tratado do assumpto e ás vezes em versos magnificos.

Antonio Feijó, o grande poeta lyrico portuguez, disse admiravelmente:

Ninguém sonhou palavras inflammadas,
no incendio da paixão e do desejo,
que na eloquencia fossem igualadas
ao fremito de um beijo.

Deixemos, pois, as phrases requintadas,
e os nossos versos languidos acabe-os
o estrepito das rimas, esmagadas
sob a pressão dos labios !

Em outro lugar, elle havia escripto, dirigindo-se a uma mulher, a quem chamava *Purissima* :

.. E's tu, ficção divina, a Esposa Promettida,
aquella virginal, pallida creatura,
meiga como a pureza, alva como a candura,
que no meu coração tenho ha tanto gravada,
toda de sol vestida e d'astros coroada ?

E's tu o ardente ideal que o Sonho concebeu,
echo da minha voz, ser parallelo ao meu,
com o mesmo pensar e a mesma aspiração,
— dois corações marcando uma só pulsação,
chammas da mesma luz, labios á mesma altura ? »

E a poesia vae por ahi além, num largo sopro lyrico. Mas para que gabar como uma

vantagem, como uma perfeição especial da mulher, que o poeta cantava, os «labios á mesma altura»? Do mais alto dos homens e da mais pequenina das mulheres, quando chega o momento dos beijos, os labios não tem a minima difficuldade em ficar no ponto conveniente.

A physica ensina que a *elasticidade* é uma propriedade geral da materia. A prova mais brilhante de que isso é exacto está precisamente no modo pelo qual os namorados de formatos mais differentes, os grandalhões com as pequenininhas e os caturritas com as mulheronas, se ageitam, se accomodam, uns se encolhem, outros se esticam e, no fim, o resultado é sempre que, como queria Antonio Feijó, ficam os «labios á mesma altura!»

O poeta das *Lyricas e Bucolicas* já tinha aliás chegado a descobrir que até de longe os beijos podem ir :

Daqui destas longes terras
para que o estro se encarne,
a ti, que no corpo encerras
as harmonias da Carne.

Na aza dos vendavaes
envio um beijo tão longo,
que as boccas duas vogaes,
possam formar um ditongo!

Esse ditongo seria um beijo;—e realmente, si o que caracteriza os ditongos é a emissão simultanea de dois sons, parece que cousa analogica deve succeder com o beijo, para o qual uma quadrinha popular achou tambem um simile original, lembrando a suavidade e a cõr de uns labios desejados :

Meu amor, dá-me cerejas
para eu comer ao almoço :
beijinhos da tua bocca ;
cerezinhas sem caroço...

Mas é bem positivo que ninguem pode ter a pretensão de correr todas as allusões poeticas aos beijos : seria uma mésse inesgotavel!

Pode-se, porém, a proposito da lembrança de Antonio Feijó, querendo mandar beijos de longe, na aza dos vendavaes, fazer notar que é uma preocupação frequente de namorados e poetas acharem um meio de transportar beijos — transporta-los, como si fossem cousas, objectos materiaes, tangiveis, susceptiveis de serem exportados.

Como si elles fossem objectos, fallam tambem em troca-los e destroca-los os namorados que rompem. E' o caso de Eugenio de Castro :

Mandas-me as prendas que te dei outr'ora;
ahi vão aquellas que me déste um dia...
Seja! acabe-se tudo... e que a alegria
doire essa grácil cabecinha loura.

Ahi vai o lenço onde, orvallhada aurora,
choraste, uma manhã, quando eu partia,
e a mecha de cabellos, luzidia,
dada em risonha, inolvidavel hora.

Ahi vão as rosas onde a tua bocca
poisaste, affavel, antes que m'as désses,
certo dia em que eterno amor jurámos...

Nada mais tenho teu; é finda a troca,
si o desejo não tens (ah! si o tivesses...)
de destrocar os beijos que trocámos...

Guimarães Passos, tendo furtado um lenço da namorada (crime previsto no art. 330 do codigo Penal), promettia restitui-lo, fazendo-o levar por quatro beija-flores, que o carregariam pelos ares, «pando, enfunado, concavo de beijos». Maupassant confessou em uma das suas poesias que beijava muito os cabellos de uma criança, não tanto pela sua gentileza infantil, mas para que a mãe do pequenino, á noite, quando puzesse os labios nesses mesmos cabellos, encontrasse ali os beijos que elle tivesse deixado e extranhasse aquelle fogo insólito:

. Alors elle dira, frissonante et troublée
par cet appel d'amour dont son cœur se défend,
prenant tous mes baisers sur ta tête bouclée:
—Qu'est-ce que je sens donc au front de mon enfant?•

Maupassant revelava-se, nesse desejo, da escola do auctor anonymo de uma quadra popular :

Não ha ninguem como eu
p'ra gostar das erianeitas :
mas só quando ellas tem mãis
e quando as mãis são bonitas...

Talvez um dia a sciencia venha a satisfazer o desejo de tanto namorado, creando o *beijographo*—apparelho que registe e conserve os beijos.

Assim se satisfariam os desejos de tantos poetas que quereriam guardar o sabor de certos beijos deliciosos. Deliciosos uns—e outros desaproveitados. Destes ultimos fallava Raymundo Correia pensando em uma rapariga, que morrera em toda a sua pureza, sem ter dado nem um beijo de amor:

- E o beijo que eu pedi e que nunca me dêste,
que em vida quiz colher e nunca foi colhido
cái de teu labio como um fructo apodrecido..."

Ada Negri, a extraordinaria poetisa italiana, teve uma ideia vagamente identica a esta: a ideia de um beijo morto. Morto, não porque tivesse morrido quem o podia dar, mas porque, um momento passou perto della alguem que ella quereria beijar. Esse «alguem» não viu não sentiu, não adivinhou o desejo que fizera nascer;—e o beijo que lhe era destinado, morreu sem ter nascido..

Fra l'erba. in una triste primavera
una precoce mammola fiorí.
Fredde era l'aria.—Prima ancor di vivere,
l'esile fior morí.

Su la mia bocca, in una triste sera,
um bacio dal mio cor per te fiorí.
—Volgesti il capo... — prima ancor di vivere.
il bacio mio morí.

Raymundo Correia, já que a moça, cujos beijos elle cubiçou tinha morrido, podia de-sejar que ella ficasse enterrada como aquelle sujeito da quadrinha portugueza:

Si eu morrer em tua casa,
enterra-me num cantinho,
deixa-me a bocca de fora
p'ra eu te dar um beijinho...

Decididamente, o *beijographo* seria menos horripilante. Será, porém, elle possível?

Por que não? Conservam-se e transmittem-se vibrações acusticas, no phonographo, no grammophone, no telephone.

Conservam-se vibrações luminosas na photographia e espera-se alcançar a transmissão das imagens a distancia. Por que não se obterá, um dia, a conservação do que constitue o beijo: uma certa pressão, um certo calor, uma certa humidade, um certo perfume... Physicamente, o apparelho não teria outra cousa que reproduzir. Bastaria encosta-lo á face ou aos labios e elle faria reviver todas as phases daquelle breve e delicioso phenomeno. Certo, elle não daria a paixão, os sentimentos diversos que o haviam animado. Convem, entretanto, lembrar que tambem o phonographo não dá a belleza, o gesto, o sentimento real de quem cantou qualquer trecho que elle reproduz. Cada um, ouvindo-o, que evoque tudo isso...

Mas em todos os estudos sobre o beijo ha sempre uma lacuna insupprivel. Nós, homens, sabemos bem quaes são os melhores beijos femininos. Não ha poeta que não tenha descripto a belleza delles, dizendo as perfeições, que mais presamos: labios vermelhos dentes claros, halito puro... Mas qual o ideal feminino, a respeito dos beijos masculinos? E' uma confidencia difficil de obter. Até as poetisas, que não duvidam fallar dos seus amores e das suas paixões, esquivam a enumeração de por-menores a tal respeito...

Assim mesmo, o que cabalmente, de um modo explicito, ellas não nos quizeram dizer,

disseram á poesia popular, disseram aos pro-
verbios. Ha uma quadra popular da Rouma-
nia em que se falla da necessidade de um
pouco de barba para dar sabor aos beijos,
ideia traduzida em um proverbio allemão que
declara que *um beijo sem barba é um ovo
sem sa!*... Esse proverbio é tambem corrente
na Hollanda. (1)

Assim, os rapazelhos que logo que se vão
chegando á juventude fazem os maiores es-
forços para ver desabrochar o buço, catando
e repuxando os fios, mal elles despontam,
andam bem: preparam um condimento que a
sabedoria popular declara ser muito util para
tornar os beijos masculinos mais desejados.

Mas será esse o unico requisito? Nem
sempre. Na Dinamarca parece que as moças
pedem mais, porque uma phrase popular diz
que beijar uma bocca sem barba e sem um
pouquinho de cheiro de fumo é o mesmo que
beijar uma parede. (2)

E' verdade que talvez essa phrase tenha
sido posta em circulação por fumantes incor-
rigiveis, que assim buscam elevar a um re-
quinte precioso o seu vicio. A hypothese é
tanto mais verosimil, quanto o illustre medico
francez Charles Féré, um dos mais reputados
clinicos de molestias nervosas, allude no seu
trabalho sobre a hygiene do beijo a casos de
divorcio ou pelo menos de repugnancia in-
vencivel entre os conjuges, causados a jovens
esposas por beijos de maridos muito dados
ao fumo.

Seja como fôr, não se pode contar como
normal o desejo de um vicio. Assim, a unica
indicação que fica para os interessados é que
um pouco de bigode tempera agradavelmente
os beijos...

Nem ao menos, á falta de outras indica-
ções na litteratura, podemos recorrer ás artes
plasticas. Não ha nada mais difficil do que a

(1) Nyrop — Op. cit., pag. 19.

(2) Nyrop — Op. cit., pag. 19.

representação do beijo. Em regra, tanto os esculptores, como principalmente os pintores escamoteiam a dificuldade, pondo duas caras tão unidas que não nos deixam vêr nada. Suggestem apenas. Nós é que completamos a scena. Mas o beijo em qualquer das suas phases destacada e immobilizada, é ridiculo.

Ha insectos que passam no ar, voando rapidamente, no fremito incessante das pequeninas azas e nos parecem gentilissimos. Basta, porém, apanhal-os e miral-os de perto, para vêr como apparecem bizzarros, extravagantes, desproporcionados. As patas são, em geral, muito grandes e muito finas; as azas cheias de nervuras; os olhos immensos; o corpo um quasi-nada. A belleza só lhes vem da animação do vôo trepidante, pelo ar afora. Assim o beijo. Só tem graça na sua integralidade, no conjuncto de todas as phases successivas. Por ora, só o cinematographo é que permite represental-o com alguma graça.

Mas ainda ali que distancia da realidade á representação!

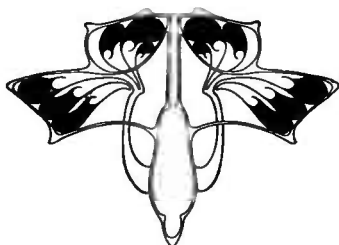
Sempre, porem, que nós podemos expôr com minucia e precizão onde está a belleza e a graça de qualquer couza, essa belleza e essa graça não são tão intimas, tão comoventes, tão profundas, como quando nós só sabemos dizer que ellas rezidem em um «não sei quê». O que se define se desflora.

Do beijo—o merito é esse: escapa á definição. As definições só lhe apanham a parte superficial, que não tem valor, ou a parte má. Como gesto é pequeno, é mesquinho, é anti-hygienico. Os povos que não usam delle, quando o veem pela primeira vez, acham-no francamente ridiculo. Vão mesmo mais longe e acham-n-o desasseiado. E têm razão...

Mas não é menos verdade que nós tambem temos razão em achal-o sublime, em achal-o quasi divino! Embora não lhe saibamos a origem, sabemos que elle se associa tão intimamente a todos os sentimentos profundos do nosso coração, que hoje já não

concebemos taes sentimentos sem esse gesto, que com elles se fundiu, intima, indissoluvelmente. Talvez, quando soou na terra o primeiro beijo, tivesse sido possivel crear outro modo de expressão para substituil-o.

Agora, é tarde. Agora elle tem por si a tradição muitas vezes millenar dos nossos costumes — e é a primeira couza que damos aos nossos filhos — e é a primeira prova de amor que pedimos á mulher que adoramos — e é a derradeira caricia que esperamos receber, no leito de morte. .



OS MORTOS

CONFERENCIA REALISADA NO
INSTITUTO NACIONAL DE MUSICA,
A 4 DE NOVEMBRO DE 1905.

NA semana em que a Religião e o Estado nos convidaram oficialmente, marcando para isso um dia proprio, a pensarmos nos mortos — era perfeitamente natural fallar-se tambem delles aqui.

Mas fallar como? Tristemente? Com o tom plangente, de um sermão de lagrymas?

Nesse caso, me diriam talvez que de tristezas está a vida cheia. Não valeria a pena accrescentar-lhe novas...

Com o tom alegre e despreoccupado de quem trata de um assumpto futil?

Mas a morte é muito séria para que possamos chasquear com ella.

De mais, não haverá talvez aqui ninguem, que não tenlia, obedecendo á suggestão do calendario, voltado o espirito para os seus mortos queridos, no dia que lhes é consagrado e não o traga ainda abalado ou mal ferido. A ironia poderia parecer desrespeitosa.

Fallar então, com a mais perfeita serenidade, como si se tratasse de um phenomeno pelo qual nos fosse difficil termos qualquer interesse sentimental? Fallar da morte como um chimico fallaria da combinação de oxigenio e hydrogenio para formarem agua? Como um mathematico da theoria da numeração? — Mas

isso, que seria talvez o ideal, é apenas impossível !

A nossa vida se faz toda inteira na continua previsão da morte—e ou ella seja, como alguns creem, uma porta que se abre para novas existencias, ou, como eu acredito, o decisivo ponto final em cada uma dellas, o problema se formúla a nossos olhos com tanta frequencia que não ha meio de lhe negar ou sequer diminuir a importancia.

Mas, por isso mesmo que os mortos apparecem continuamente a nossos olhos; por isso mesmo que elles se misturam frequentemente a todos os actos da vida, elles não são, nem sempre lugubres, nem sempre destituídos de alegria—e a impassibilidade, que nós não temos, alguns delles sabem ter.

A grande maioria vai para o desfecho da vida transida de horror, apavorada — pelo menos cheia de saudade e tristeza. Mas ha pessoas que entram na morte, como se entra num baile; sorrindo... Outras, em compensação, sabem revelar a perfeita calma que nós não alcançamos. A perspectiva de irem para o cemiterio nem os attrae, nem os espanta.

Fazem isso com a mesma placidez com que fariam qualquer acto banal da vida: com que iriam para uma festa, um passeio ou um casamento...

(Quando eu fallo aqui em casamento, a proposito de defuntos, não é porque perfilhe a opinião dos solteirões impenitentes que dizem haver grandes analogias entre os que se casam e os que se enterram...)

Exemplos de mortos tristes, isto é, de pessoas que sentiram com tristesa que o fim tragico se approximava, não é preciso dar. Todos nós infelizmente conhecemos factos dessa natureza.

Mas para fazer contraste nada mais curioso que a morte de Rabelais—uma morte em tom de troça, entre phrases de espirito.

Rabelais, todos sabem, foi religioso. Recebeu ordens sacras; chegou mesmo a ser vigario de um pequeno curato.

Não parece que a sua fé fosse, entretanto, muito forte.

Acabavam de lhe dar a extrema-unção e elle disse que lhe tinham engraxado as botas para a grande viagem.

O frade que fizera a cerimonia, perguntou-lhe então si acreditava que Christo estivesse realmente na hostia consagrada. Rabelais, querendo chamal-o «burro» — grande amabilidade, como se vê! — e lembrando que Jesus entrara em Jerusalém levado por um animal daquella especie, replicou-lhe que acreditava. Acrescentou que acreditava tanto mais quanto o Christo acabava de entrar no seu quarto, tal qual como entrara em Jerusalém...

Vestiram-lhe então o habito benedictino, que até certo ponto se parece com a roupa carnavalesca dos *dominós*. E Rabelais, fazendo um calembour, disse a phrase latina:

«Beati qui moriuntur in domino.» A phrase quer dizer «Felizes os que morrem no Senhor!» mas elle a dizia com a pronuncia franceza, que accentua a terminação em «o», como si fosse «Felizes os que morrem vestidos de dominó.»

Não parou ahi. Annunciou que tinha um testamento para dictar. O religioso que lhe assistia aos ultimos momentos preparou-se para o escrever e elle dictou:

«Não tenho nem um vintem; devo muito. O resto deixo aos pobres...»

Por fim, como viu que o pagem de um cardeal amigo vinha indagar do seu estado de saude, elle mesmo expoz o caso: «Conta a teu amo com que bom humor tu me encontras. Vou vêr si encontro um grande «talvez»...

Pouco mais poudes dizer. D'ahi a instantes, sentindo que a morte estava muito perto, deu ainda uma risada e exclamou: «Baixem o panno: a comedia está representada.» (1)

Não parece uma morte: parece realmente uma scena comica!

(1) Dr. Adrien Béranger—*L'agonie* pag. 34.

E' bom, entretanto, lembrar que si Rabelais conservou o seu character até o momento derradeiro, ha casos grotescos mais singulares: casos de pessoas que mudam de genio depois de mortas. Assim, conta-se de muitas mulheres (eu creio que é só das mulheres que se diz isto), mulheres que havia todo o direito de considerar como pessoas sérias, e que, portanto, depois de mortas deviam ser defuntas respeitabilíssimas, que todavia, por ciúme, veem alta noite, puxar os pés dos maridos infieis ás suas memorias. A acreditar nas lendas populares, é mesmo uma das pilherias a que mais frequentemente se dedicam alguns defuntos faceciosos...

Morte impassivel, sem tristeza nem alegria, foi a de Haller, o grande naturalista suíço, tomando o pulso com uma das mãos e annunciando que elle ia diminuindo, diminuindo, até que parou.

Num romance de Zola — *Le docteur Pascal* — ha a descripção de uma morte nesse genero.

Não é uma fantasia. E' a narração litteraria dos ultimos momentos do velho Richet, professor na Faculdade de Medicina e pae do hoje ainda professor alli Charles Richet. Morreu fazendo uma lição aos seus alumnos, acompanhando a gravidade dos symptomas que se iam produzindo e explicando a importancia delles, como si se tratasse de um doente qualquer, extranho, a cuja cabeceira estivesse fazendo uma prelecção.

Morte impassivel foi tambem, segundo asseveram, a de Luiz XIV, que, depois de ter dito: « *Eu sempre pensei que morrer fosse muito mais difficil* », perguntou aos que o cercavam: « *Mas por que estão vocês chorando? Por acaso acreditavam, que eu era immortal?* »

Assim, é bem verdade que ha mortes de todos os generos.

E não pense ninguém que isto são singularidades individuaes. Houve e ha ainda povos inteiros, em que é moda morrer, ora alegre, ora tristemente, ora sem alegria nem tristeza.

Os gregos morriam alegremente. O cadáver não infundia pavor. Lavavam-n'o com agua tepida, ungiam-n'o com oleos perfumados, cobriam-n'o de pannos alvissimos e, sob ramos e flores, era exposto no portico da casa, para què os transeuntes o vissem. Depois levavam-n'o até o logar em que tinha de ser queimado. Ia entre tocadores de lyras e cymbalos. No fogo, lançavam-se ao mesmo tempo substancias aromaticas. Os parentes ateavam as labaredas. Enquanto ellas iam ardendo, os convidados em torno, cantavam hymnos e bebiam vinhos caros em taças de ouro. Por fim, reuniam-se os despojos que ficavam e encerravam-se em uma urna.

Era a morte jovial e serena. De dois amigos ou de dois amantes, misturavam-se na mesma urna cineraria as cinzas restantes. (1)

Uma poesia celebre de Soares de Passos o—Noivado do Sepulchro, termina por aquelles dois conhecidos versos :

«Dois esqueletos um ao outro unidos
foram achados num sepulchro só!»

Na Grecia isso era corrente, não em sepulturas, mas em urnas funebres.

Passaram seculos depois disso : mais de vinte — porque esses costumes foram anteriores ao christianismo. Pois bem: hoje ainda, ha um povo, que pratica correntemente a cremação dos cadaveres, sem tristeza alguma. Sem tristeza — mas é tambem verdade que sem alegria. Com serenidade e calma.

O caso acontece na India. Na India, todos sabem aliás que era costume, quando os maridos morriam, as mulheres serem queimadas. Até o meio do seculo passado, se fez isso. Mesmo depois que os inglezes conquistaram aquellas regiões e quizeram abolir esses suicidios, encontraram uma opposição terrivel das proprias mulheres, que queriam ser queimadas ! Foi a custo que essa pratica poude ser revogada.

(1) Pompeio Gener—*La mort et le diable*, p. 67 69,

Seria por causa daquella virtude que lhes é tão peculiar : o espirito de contradicção ? Seria porque se sentissem com vocação para se verem reduzidas a torradinhas ? Não sei. Sei, porém, que o costume existiu em outros povos. O que, entretanto, nunca se descobriu foi um paiz qualquer em que os viuvos se matassem por amor das mulhieres mortas. Os que tanto fallam da inconstancia feminina nada tem que responder a isso...

A cremação das viúvas, só para acompanhar os maridos, cessou. Queimam-se, porém, ainda hoje, correntemente os corpos dos sectarios do brahmanismo. Um escriptor francez, André Chevrillon, que esteve em Benarès ha dois annos atraz, descreve um desses lugubres espectaculos.

A fogueira era uma fogueira de gente rica: feita de madeira bem secca e bem aromatica. O cheiro das resinas disfarçava o da carne queimada. Pozeram o corpo lá e rapidamente a chamma se ateou. Chevrillon conta, que no escuro da noite—porque o facto se passava á noite—só se via no meio da pilha de madeira uma forma comprida e escura, uma carcassa, que ao passo que a lenha ia baixando, baixava tambem, aos solavancos, ficava ás vezes pendida, ora levantava um braço, ora uma perna.

Acontecia mesmo, que as pernas e os braços, cujos tendões eram repuxados pelo calor diabolico da fogueira, faziam no ar, grandes gestos convulsos, sôccos e pontapés atirados para o espaço... A pelle era um pergaminho negro; parecia coberto de escamas feitas de pedacinhos estalados de epiderme. Afinal, as costellas cederam: ficou apenas aquella mancha comprida e preta. Via-se, porem, nitidamente o craneo. Em certo momento, quando o fogaréu era enorme, ouviu-se um estalido, um estalido surdo—tac!—: eram exactamente os ossos do craneo que tinham rebentado. Os serventes das fogueiras funebres não se occuparam mais com aquella. Pouco a pouco, ella foi diminuindo de intensidade, apagando-se.

Estava ,quasi a extinguir-se, quando uma velha se approximou, tirou um bom tição e o levou. O viajante pensou que fosse para algum rito, para alguma pratica supersticiosa. A cousa era mais simples. Tratava-se de uma mulher pobre que vinha buscar aquella acha de lenha, lenha que já tinha assado um homem, para cozinhar pacificamente o seu arroz...

A scena se passava perto do rio Ganges. Depois de apagado o fogo, os parentes com pequenas pás foram arrastando tanto os carvões como as cinzas do defunto, para jogarem tudo no rio sagrado. Estava terminada sua missão. (1)

Durante todo o tempo da cerimonia não haviam manifestado nem alegria, nem dor. Estavam alli, sérios e calmos. Por que? Porque acreditam que cada ser vivo precisa em média incarnar-se em 8.400 milhões de animaes antes de chegar ao aniquilamento completo. Para elles a solidariedade entre todos os sêres vivos é real. O hindu sente-se irmão do elephante, irmão do insecto, irmão da ave. Elle crê na metempsychose. Elle tem a certeza de que já habitou o corpo de muitos outros animaes, de que ainda vae habitar milhares e milhões de novos corpos. Talvez volte amanhã a ser formiga, ou serpente, ou de novo creatura humana. Assim, a ideia de morrer parece-lhe familiar. Está absolutamente seguro de que já morreu varias vezes, de que varias vezes terá ainda de morrer. A morte para os hindus é um phenomeno vulgar—vulgar para cada um de per si, porque cada um está certo de que já passou por isso muitas, muitas, muitas vezes... Não estão no nosso caso: nós que acreditamos que a morte é um facto decisivo, ou porque ahi termine a vida, ou porque comece uma segunda, mas uma segunda de que não mais se morrerá...

Si elles queimam o corpo, si lhe atiram os restos á agua, é para dissociar-lhes o mais rapidamente possivel as respectivas moleculas, afim de que ellas entrem em combinações

(1) André Chevrillon — Sanctuaires et Paysages d'Asie — La mort à Benarès.

novas, para que assim se apresse o cyclo das transformações.

Nos crentes da metempsychose esse desejo é muito natural. Não era por desprezo ou desdem que tantos delles entregavam os cadaveres aos animaes, para que os devorassem: era para que a sua forma humana desaparecesse, intimamente fundida com a de outros seres vivos, afim de apressar as transformações futuras.

Na propria India ha tambem as *Torres do Silencio*, em que os Parsís, adoradores do sol, vêm collocar os cadaveres dos seus parentes. São edificios de 10 a 15 metros de altura, cylindricos. Terminam na parte superior por uma plataforma circular, dividida em tres circulos concentricos, subdivididos no sentido dos raios, em grande numero de pequenas secções. A zona interior dessa especie de amphitheatro é destinada ás crianças, a média ás mulheres e a exterior aos homens. Tudo isso é absolutamente descoberto. Em torno das torres, lia sempre uma bella vegetação. Palmeiras enormes as cercam. (1)

Quando levam para lá um cadaver, põem-n'o com a face descoberta, voltada para o céu. Logo os parentes se afastam e ficam a vêr as nuvens de abutres que chegam para devorar o corpo. São tantos e tão dextros que a tarefa horriavel se faz em alguns momentos. Os que se interessam pelo que morren procuram apenas vêr qual o primeiro dos olhos que os abutres arrancam, porque, si foi o direito, isso lhes parece de muito bom agouro. (2)

A ideia de queimar ou de enterrar um cão ou um homem é para elles horriavel. A propria terra acha isso detestavel. E o livro sagrado dos parsis, o Vendidad-Sadé diz que nada lhe é mais agradavel que a acção de quem desenterra um cadaver de homem ou cachorro. (3)

Haeckel, o grande naturalista allemão, visitou na India as torres de silencio e fez a sua

(1) Ernest Haeckel—Lettres d'un voyageur dans l'Inde p. 67.

(2) Letourneau—L'Evolution Religieuse—p. 528.

(3) Vendidad-Sadé—fargard I. 48 e 68; fargard III. 26, 27, 40.

apologia. A seu vêr, mais vale entregar o corpo á voracidade rapida dos abutres, que á mordedura asquerosa dos vermes da podridão, sob a terra, durante semanas, mezes, annos inteiros!

E' uma opinião um tanto paradoxal, porque esquece que a podridão nós não vemos e os Parsís, ao contrario, veem os abutres estagando o corpo, luctando para disputar pedaços de visceras sangrentas, que vão carregando pelo ar para comerem tranquillamente no cimo nas palmeiras.

No fundo, é uma questão apenas de adaptação. Tivéssemos nós nascido e vivido entre os Parsís, e nada acharíamos tão natural como o seu systema de enterros. Natural e até mesmo grandioso e poetico, porque o Zend-Avesta applaude com enthusiasmo a scena dos abutres partirem, levando no bico, para o cimo das montanhas, pedaços das carnes dos cadaveres!

Aliás qualquer systema é melhor que o do Thibet. No Thibet, ha enterros de tres classes. A primeira é reservada para os sacerdotes, para os grandes dignitarios.

O cadaver é levado em procissão até certo ponto. Em torno d'elle, vão musicos tocando tambôres, cymbalos e umas trombetas enormes, que chegam a ter dois e tres metros de comprimento. São precisas duas pessoas para manobram cada uma dellas.

Chegados ao ponto prescripto, ahi ha um estrado. Monsenhôr Biet, que assistiu a uma dessas ceremonias, viu o que se fez com o que nós chamariamos o abbade de um convento. Seu successor ficou ao lado do cadaver, que foi posto de pé.

A scena se passava em meio de um campo deshabitado. Com o barulho da musica, accorreram, porem, de todos os pontos cães e abutres. Começaram então orações e canticos. Durante esse tempo, um sacerdote ia cortando fatias — si a pilheria não fosse macabra, nós poderíamos dizer: *bifes de defunto* — e atirando-os aos cachorros e abutres que os disputavam vorazmente. Com a habilidade que a pratica

lhe havia dado, o operador tirou inteiramente toda a carne. Ficaram apenas os ossos. (Deve-se acreditar que esse padre não faria má figura como caixeiro dessas confeitarias e restaurantes, em que se vende presunto às fatias, deixando sómente o osso...)

Quando não havia sinão ossos, deram-n'os a outros sacerdotes que os metteram em pilões e pisaram até reduzir tudo a pó fino. Esse pó foi misturado a bôlos de farinha, também atirados aos abutres.

Assim, em poucos minutos, não restava mais nada do defunto. (1)

Esse, no Thibet, é o enterro de 1ª classe. O de 3ª consiste em jogar o corpo ao rio: é o enterro da gente pobre. O de 2ª é a cremação. E' bom, porém, saber que não se effectua logo. Depende de calculos astrologicos. Si tem de tardar muito, cose-se o defunto num sacco de pelle, perfeitamente estanque, cheio de sal. Com o liquido que poreja atravez da pelle, elle fica de salmoura, como as linguas e os peixes, que se vendem em barricas nos nossos armazens de seccos e molhados.. Depois, no dia proprio, o corpo é tirado, enxuto, coberto de manteiga e posto então ao fogo.

Aqui, é que se tem de veras occasião de dizer que o reduzem a torradinhas. Nem falta a manteiga!

Este pormenor não tem nada de admiravel.

Historicamente—historica e ethnographicamente — seria possivel compôr o *Manual do Perfeito Cozinheiro de Defuntos*. Vêr-se-ia a que variedade de preparados elles têm dado logar: assados simples; assados com manteiga; em bifes crus; em bolinhos para abutres; e mesmo cosidos. Até ha mortos para a sobremesa: na Birmania os defuntos se conservam em mel. Por tudo elles tem passado! Nem, como defunto, se está livre de complicações!

Hoje, por exemplo, a igreja catholica protesta contra a cremação, Todos sabem aliás

(1) Nicolay—Histoire des croyances—II, p. 171.

que ella é praticada em muitas cidades da Europa.

Foi uma senhora—Lady Dylke—que inaugurou as cremações modernas, em Dresde: inaugurou, sendo ella cremada. Antes disso, em 1822, Byron tinha obtido licença para queimar o cadaver do poeta Shelley; mas queimou-o á moda antiga: em uma fogueira.

A operação não é tão poetica como se afigura a muitos. O calor dos fornos de cremação attinge a 900 gráus. A chamma não entra nunca em contacto com o corpo: é o ar quente quem o queima. Queima o caixão e o cadaver. Ha dos lados do forno crematorio orificios tapados com rodela de mica transparente, que permitem observar a decomposição.

Dizem os que se tem dado a essa contemplação que, ao menos no principio, é horrivel vêr a cara: o calor distendendo, encolhendo, fazendo rebentar ora umas, ora outras fibras e musculos da face, obrigam-n'a a caretas pavorosas, caretas como nenhum ser vivo poderia executar: os labios ora se arregaçam, ora se contrahem, as palpebras tambem. O proprio corpo, com os musculos repuxados em varios sentidos, empina-se, agita-se, dá saltos de *clown*, tem convulsões de epileptico... Mais isso dura apenas alguns segundos. Depois, o fogo vae fazendo a sua obra—que é relativamente lenta.

Mesmo a essa temperatura terrivel, precisa de hora e meia para acabar a tarefa.

Mas para fazer um cozido de defunto ainda se devia pedir mais tempo.

Todos conhecem uma *berceuse* que as amas gostam de cantar, embalando as creanças:

Bão-ba-la-lão,
senhor capitão,
em terra de mouro,
morreu seu irmão,
cosido e assado
no seu caldeirão...

As que repetem estes versos não procuram indagar-lhes a origem — que tambem eu não

sei. Mas certamente lia ahí uma allusão a um velho costume do tempo das Cruzadas.

E' de crer que esses versos sejam de alguma antiga narração poetica, das que se chamavam *xacaras*.

Quando os cavalleiros catholicos partiam para as Cruzadas, iam sempre com o receio de morrer em terra de mouros — designação dada de um modo geral aos arabes e turcos, sectarios do islamismo. Receiavam ficar por lá enterrados — o que lhes era muito desagradavel. Levavam por isso um grande caldeirão. Si morriam, um escudeiro fiel picava-os, punha-os no caldeirão e fervia-os até a carne se destacar dos ossos. A carne era enterrada onde se fizesse a operação; mas os ossos voltavam para a terra de nascimento do cavalleiro e ahí recebiam sepultura em sagrado, com toda a solemnidade. (1)

Quando eu ouço cantar a toada, hoje insignificativa, dos versos para ninar crianças :

Bão-ba-la-lão,
senhor capitão,
em terra de mouro,
morreu seu irmão,
cosido e assado,
no seu caldeirão...

não posso deixar de ter um arrepio de horror, pensando nessa extranha panella de cosido posta, no meio do acampamento, sobre grandes pedras e por baixo da qual se accendia um fogaréu enorme, panella, que, não um cosinheiro de avental e gorro branco, mas um escudeiro vestido de pesada couraça vigiava cuidadosamente...

Em contraste com os povos em que havia e ha ainda tanta pressa em fazer desaparecer o cadaver, um grande povo da antiguidade se celebrizou pela luta que emprehendeu contra a natureza para salvar os cadaveres da destruição: o povo egypcio.

(1) Schmidt—Histoire des Allemands—III, 423-424, cit. em Loyseau—Le suffrage universel à travers les siècles—p. 72-73.

A morte era para elles o essencial. A vida valia pouco. As casas eram mal construidas; as sepulturas, esplendidas. Era um povo de embalsamadores. Todos — pobres e ricos — todos, até mesmo os animaes domesticos tinham o direito de ser embalsamados.

Paul de Saint-Victor, o estylista admiravel fez uma pintura maravilhosa desse estado de espirito de um povo inteiro, que durante quarenta seculos, viveu assim a disputar os seus mortos á ruina e á corrupção. Os pobres eram apenas *ensalmourados*. Os outros eram mais ou menos ricamente *mumificados*.

Devia ser um espectáculo curioso o desses vastos laboratorios de mumificação. Morto um individuo, era levado para as officinas dos embalsamadores. Ahi elle passava de mãos em mãos. Uns, com um ferrinho curvo, lhe retiravam pelas narinas todo o cerebro... Outros lhe esvasiavam o interior das visceras. Depois mettiam-no em caldeiras de um betume especial. Enchiam-lhe o ventre e o peito de pannos ensopados em aromas incorruptiveis. Faziam então a toilette postuma. Collocavam nas orbitas vasias, olhos de esmalte. Pregavam barbas postiças. Si se tratava de mulheres, era um trabalho delicadissimo de perfumaria e ourivesaria. Douravam-lhes as unhas e até — extravagancia notavel — os labios e os seios. Em estojos de ouro eram conservados, por vezes, os dedos: cada um mettido num estojo distincto. Vestiam-se os corpos com tiras de pannos embebidas em substancias balsamicas; mas tiras tão bem collocadas, que conservavam todas as formas, esposando-as fielmente. A's vezes, cobria-se o rosto; mas por cima das faixas que o envolviam um artista fazia uma mascara, reproduzindo exactamente os seus traços: punham-lhe olhos de esmalte, cabellos postiços.

Os cadaveres eram reduzidos a estatuas, em posições, ora graciosas, ora solemnes. Achou-se a mumia de uma mãe com a mumia do seu filho pequenino ao collo.

E o que se fazia para os homens de todas as classes, fazia-se para os gatos, para os cães, para os ibis e até para algumas plantas! O Egypto viveu 40 seculos luctando contra a destruição dos seus mortos.

E por que tudo isso? Porque o Egypcio acreditava que tinha de renascer—e de renascer voltando a habitar o seu antigo corpo. E' hoje uma noção corrente que a ideia de alma appareceu na humanidade por causa dos sonhos. Em sonho, o selvagem vê a si mesmo e aos companheiros, que ou estão dormindo como elle ou estão mortos, luctando, caçando, fazendo em summa tudo o que os vivos fazem. O selvagem, como a criança, não sabe o que é o sonho e si vê que os que estão dormindo ou estão mortos podem praticar todas essas acções, acaba por acreditar que lia em nós, um segundo corpo, mais leve, mais subtil, mais ethereo, que, em dadas circumstancias pode sahir do corpo e agir como age a pessoa viva. Agir onde? Agir nesse mundo fantastico do sonho, que elle não sabia onde era.

A nossa linguagem corrente ainda tem expressões, a que não ligamos mais esse significado, mas que derivam exactamente dessa crença: nós fallamos num homem «fora de si» numa pessoa que «volta a si». Para o homem primitivo essas locuções eram entendidas ao pé da letra: si o homem estava cahido como morto ou fazendo actos, que habitualmente não praticaria, era, de facto, porque o seu *duplo*, o seu outro *eu* interno, tinha sahido. Mas para que elle podesse voltar era preciso achar o corpo inteiro e perfeito. Si não, onde se iria elle metter?

Embora a crença dos egypcios não estivesse de todo neste gráo rudimentar, era d'ali em ultima analyse que ella derivava, como deriva a idéa corrente entre nós, muito mais refinada, da alma etherea, immaterial e immortal.

Fosse como fosse, elles desejavam a todo o transe a conservação dos corpos—pelo menos da sua forma externa, porque o coração era

retirado e posto á parte em urna especial, ao passo que os intestinos e as outras visceras se jogavam no rio Nilo. (1)

Entre os que adoptaram a cremação, que destróe os cadáveres em alguns minutos, e os que chegaram á perfeição de embalsamamentos, que mantem nos nossos museus corpos que têm hoje mais de 50 seculos, ha o meio termo dos partidarios da inhumação, como nós a praticamos. Nem tantos seculos, nem tão poucos minutos : 12 a 15 annos. Para a destruição completa de um cadaver humano é o que se pede.

E' claro que eu não vou contar aqui por miúdo como se faz a destruição. Vale a pena sómente notar que no povo ha em geral a esse respeito uma crença muito erronea. O povo figura a podridão como um banquete de vermes. Parece-lhe que os vermes acodem multiplicam-se, chegam a um numero extraordinario e como cada um come o teu taquinho do corpo, ha um momento em que os convivas, tendo devorado tudo, nada mais existe. Guerra Junqueiro, em uma poesia intitulada *A valla commun* diz que ella é a « inesa redonda sepulchral »

onde as larvas proletarias
devoram — lugubres festins —
craneos de heroes, ventres de párias,
carcassas podres de arlequins.

E longamente elle enumera os que vão lá parar :

Servo, fellah, mujik, escravo,
plebe sem pão, mendigos nós ;
boccas que ainda tem o travo
do fel da esponja de Jesus ;

martyres, victimas, proscriptos,
legião de heroes resplandecente,
que, ensanguentados e malhitos,
revoluteiam febrilmente,

(1) Nicolay—Hist. des croyances—II, 134.

raios no olhar, grilhões nos pulsos,
ao céu em brasa a fonte erguida,
nos sete círculos convulsos
do inferno tragico da Vida :

tudo o que estoira de miseria,
tudo o que ruge de oppressão,
desde o grilheta da Siberia
até o pária do Iudostão.

tudo esse vomito de horrores
e de catastrophes sombrias,
profundo Atlantico de dores,
negro Hymalaia de agonias...

Esse é o alimento habitual da valla com-
mum : são os desherdados da sorte. Quanto
ao rico, elle está certo de

...entre tocheiros elegantes
ser bem comido e bem jantado
por alguns vermes elegantes,
num gabinete reservado.

Gabinete lugubre : a sepultura !

Mas sempre, nessa ou noutras poesias de
Victor Hugo, de Baudelaire, de quasi todos
os poetas, se allude ao Verme dos sepulchros
como si elle fosse uma entidade unica.

De facto, as cousas não se passam assim.

Logo após a morte, os primeiros tralha-
dores que se põem em campo são os micro-
bios que forram todo o nosso tubo digestivo
a partir da bocca. Emquanto as cellulas do
corpo estavam, vivas, elles nada alcançavam.
Apanham-n'as mortas e destroem-n'as. Depois,
na terra, chegam tambem os invasores exter-
nos. Mas o interessante é a successão regular,
por camadas, de larvas de especies muito
differentes e cada vez mais simples. Quando
as primeiras chegam, encontram os tecidos
em certo gráu de desorganisação.

Destroem-n'os; reduzem-n'os a outro estado,
— estado tal em que elles já não acham nada
que comer, já a vida alli lhes é impossivel.
Vem então a segunda turma ; dissocia ainda
mais os tecidos. Afinal, acabada a sua tarefa,

passa a tarefa outros. A successão é tão regular, as turmas de necrophiagos se succedem com tão absoluta precisão que um naturalista competente, examinando a especie de vermes achados em um cadaver, pode dizer lia quanto tempo elle está enterrado.

Assim, si o corpo desaparece, não é por que myriades e myriades de vermes tenham delle tirado cada um o seu pedacinho e d'alli partido. Uma especie chegá, decompõe os tecidos até certo ponto. Outra especie leva a decomposição um pouco mais longe. Outra adianta mais. Até que um dia vem, em que tudo se acaba.

Pedem-se tres a cinco annos para a destruição das carnes; depois começa a destruição dos ossos: quando as costellas, já foram desfeitas, os ossos da bacia ainda resistem; quando elles se esfarellaram, o craneo e os dentes ainda persistem teimosamente. Mas no fim de 15 annos resta apenas uma terra escura e gordurosa. Isso mesmo se decompõe em acido carbonico e agua. Não fica então mais nada. (1)

Quinze annos! Quantos que morreram cercados de saudades, vendo em torno do seu leito figuras lacrymosas de viuvias, de filhos, de amigos, não têm mais niuquem, passado esse tempo, que delles se lembre!

Vós todos, que fostes ante-hontem aos cemiterios, quantas sepulturas não vistes abandonadas, sendo que muitas dellas tem datas bem recentes! Em algumas, inscrições de uma sentimentalidade convencional asseguram que a saudade dos que fizeram assentar aquellas lápides seria eterna. Mas, como uma ironia, a mostrar quanto foi fugaz essa promettida eternidade, as hervas rasteiras crescem, estendendo suas folhas verdes por sobre a lousa.

Oh! si os moribundos pensassem nisso, a morte seria mais horrivel do que é.

De facto, a morte propriamente dita, o phenomeno que consiste em passar da vida

(1) Parcelly—Etude sur les embauvements—p. 11 a 17.

para ella não tem em si nada de horrivel. Nem chega mesmo a ser doloroso. (1)

Dir-se-á que não ha nenhum testemunho válido a esse respeito? Dir-se-á que para saber bem isso era preciso lidar com um resuscitado authentico? Sem duvida, esse seria o ideal. Mas sem dizer que esse ideal já está realisado — e é a verdade — ha numerosos exemplos de individuos que estiveram quasi, quasi a fallecer e, voltando a si, poderam contar-nos as suas impressões. Ora, desses depoimentos concordantes se verifica que a aproximação da morte traz, ao contrario do que muitos suppõem, um sentimento de calma e beatitude absoluta. Em grande numero de casos, ha mesmo um phenomeno muito frequentemente assignalado: o individuo, no transe supremo da morte, vê passar rapidamente pelo seus olhos, em uma especie de visão panoramica, um grande numero de factos da sua vida.

Os que alludem a esse phenomeno admiram sempre a rapidez e a nitidez das imagens que lhes desfilam pela memoria: é a vida inteira que se lhes desdobra, num relance de cinematographo, em alguns segundos. Quasi todos os que estiveram a afogar-se, chegando a perder os sentidos, referem essa circumstancia.

François Coppée, fazendo fallar um grumete que escapára de perecer desse modo, diz que elle viu o seu passado em um relampago rapido, viu o velho porto de que sahira, seus mastros, sua igreja, a praia em que elle andava de pés descalços sobre os rochedos e a areia semeada de medusas vermelhas:

Je revis mon passé dans un éclair rapide
je vis notre vieux port, ses mâts et son clocher
et la plage où j'allais pieds nus sur le rocher
et le sable semé de méduses vermeilles.

Gonçalves Crespo, conta, na sua celebre poesia *O cura Santa-Cruz* o que o moço

(1) A. Binet—L'année psychologique—1897—p. 629 a 637—J. Finot—Philosophie de la longévité—p. 195 a 230.

ajoelhado aos pés do terrível guerrilheiro pensou, quando teve a certeza de que ia morrer:

... O captivo, olhos no chão, contricto
os joelhos dobrou... Nesse fugaz instante,
elle viu, elle viu, num sonho lacrymante,
a sua infancia, o lar, o tecto de seus paes,
os choupos do seu rio, os placidos casaes:
viu a noiva gentil, a igreja, os arvoredos
e os parentes e irmãos, socios dos seus brinquedos.

As duas situações — a descripta por Coppée e a descripta por Gonçalves Crespo — não são identicas. No caso do ultimo, trata-se de um individuo em perfeita saúde, que sabe que vae morrer fusilado. Seu organismo está, porém, perfeito. No caso dos afogados, o phenomeno mental coincide com o principio da asphyxia.

De asphyxia, disse Paul Bert, é que aliás todos morrem. Essa phrase é verdadeira, mas synthetica de mais. Resta saber por onde começa a decadencia das funcções vitaes. A agonia differe conforme a morte começa pelo cerebro, pelo coração ou pelos pulmões. E por um dos tres ella tem fatalmente de começar.

Quando a agonia começa pelo cerebro, ella é caracterisada pela perda immediata das faculdades intellectuaes. Quando começa pelo coração, dá frequentemente logar a delirio; ha quasi sempre periodos lucidos e periodos delirantes. Quando parte dos pulmões, comporta a conservação da intelligencia e muitas vezes, até nos ultimos instantes, a sua super-excitação: é a morte tão frequente dos tuberculosos, calmos e lucidos até o derradeiro momento. (1)

Mas, de qualquer modo, ninguem assignala qualquer phenomeno doloroso, angustioso, desagradavel, como acompanhando a agonia.

A sciencia pode dizer que conhece o caso de um homem que morreu tres vezes. O facto é recente. Passou-se num hospital de Paris. Um individuo, que soffrêra certa operação, morreu. Parou-lhe o pulso, parou-lhe a respiração. Estava, portanto, indiscutivelmente

(1) Beranger—*L'agonie*, p. 21 a 32 e p. 59.

morto. Um cirurgião ousado, levantou-lhe rapidamente um postigo de pelle, serrou-lhe duas costellas, metteu-lhe o punho no peito, pegou-lhe o coração, espremeu-o rythmicamente nas suas mãos... E a circulação reapareceu. E o homem resuscitou. Positivamente: resuscitou. D'ahi a algumas horas — parece que tinha tomado gosto á experiencia — morreu de novo. De novo, pelo mesmo meio, o cirurgião o resuscitou. Por fim, passado mais tempo, morreu pela terceira vez: terceira e ultima. A autopsia revelou que era um embaraço na circulação: uma embolia produzida por um coágulo de sangue. Quando o medico apertava o coração, como quem aperta uma seringa, o embaraço era impellido para um pouco mais longe, a circulação se restabelecia. Afinal, encalhou em um lugar de que não poudo sahir. Esse homem, entre as suas diversas mortes, não accusou o minimo soffrimento. (1)

Um sabio de nome rebarbativo, mas apesar disso, conhecido em todo o mundo, Metchnikoff, acha que todos nós devíamos chegar a um estado tal que desejássemos a morte — isto é que, si a morte é um phenomeno natural, nós devíamos, quando chegassemos perto della, começar a desejal-a, como desejamos dormir quando estamos fatigados. (2) Metchnikoff diz que mesmo os individuos, que nos obituarios figuram como tendo morrido *de velhice*, morreram, de facto, victimas de lesões mais ou menos graves: é o que as autopsias revelam. Ora, si os nossos organismos foram feitos para morrer, — deviam, embora sem lesão alguma, quando por, assim dizer, tivessem esgotado a sua provisão, o seu *stock* de vida, morrer, mas morrer naturalmente, simplesmente, abandonando-se á morte com prazer.

(1) O facto aqui narrado foi referido em um jornal noticioso francez. Confesso, porém, que não o achei no trabalho do Dr. Ch. Lenormant publicado na "Revue de Chirurgie" — vol. I, 1906 — pag. 369. Esse trabalho cita, entretanto, quatro casos em a que massagem do coração fez resuscitar individuos já mortos. O coração e a respiração tinham parado. Sem essa intervenção, não voltariam a pulsar. Em quatro outros casos as resurreições foram temporarias: duraram 5, 11, 16 e 24 horas.

A parada da respiração e do coração de animaes depois resuscitados pela massagem cardíaca tem sido constatada com o rigor dos mais delicados aparelhos de physiologia. E', portanto, uma questão fóra de duvida.

(2) Metchnikoff — Etudes sur la nature humaine — p. 340 e seg.

Os prenuncios do fim deviam nesse caso ser sentidos e desejados.

Para esse sabio naturalista a ideia corrente, de que é por uma molestia qualquer que nós devemos acabar, não se justifica. A morte por meio de uma invasão de microbios é tão violenta, como a morte de alguém que fosse devorado por um leão: não é o tamanho do ser que nos mata que faz a differença do genero de morte.

Na natureza ha sêres immortaes, sêres vivos que nunca morrem. Ha em compensação sêres fadados para a morte—que morrem sem que sofram molestia alguma, sêres que não podem viver, que só tem duas funcções: amar e morrer.

Os sêres immortaes são por exemplo, os infusorios e outros protozoarios. Nós os observamos no microscopio. Parecem taquinhos soltos de clara de ovo, que se movem de um lado para outro. Atravez do seu corpo transparente, vemos a comida entrar e espalhar-se. Crescem. Quando chegam a certo ponto, dividem-se ao meio, partindo-se. Cada um de per si começa então augmentar de volume até tornar a dividir-se do mesmo modo. De tempos a tempos, fazem a operação inversa. Dois desses pequeninos sêres fundem-se. Mas o verbo *fundem-se* não está ahí empregado, como no amor humano, em que se diz que as almas se fundem. Nada de metaphoras. «*Fundem-se*», ahí, quer dizer: misturam-se, grudam-se, fazem de dois um só corpo. Recomeça então o cyclo das partições e repartições. Não ha mortos. Não ha cadaveres.

Dirá talvez alguém que isso prova que é mais facil achar immortaes entre microbios do que entre academicos...

A par desses, ha os seres essencialmente mortaes. São uns insectos chamados *ephemeros*. Passam pelo estadío de larvas, chegam ao de chrysalidas e afinal criam azas e começam a voar. Mas não tem tubo digestivo apto para comer cousa alguma. Não se podem ali-

mentar. Por isso mesmo, nem o procuram fazer. Amam um momento as pequeninas companheiras, que como elles são organisadas. Amam e morrem. Nasceram para poetas lyricos. De tal modo a morte lhes parece o seu destino, que nem buscam fugir quando alguém os quer apanhar. Não foram feitos para viver; foram feitos para morrer. Não morrem de molestia: o sabio naturalista os examinou e viu que morriam sem a menor lesão.

Metchnikoff achia que esses animaes devem ter o sentimento da morte natural. Quem sabe? Quando a psychologia humana está tão atrazada, que será da psychologia dos insectos?!

Mesmo que os podessemos interrogar, até que ponto deveríamos crêr na sua sinceridade? Todos conhecem innumeradas poesias em que vates lacrymosos e lamurientos, appellam para a morte, declarando desejal-a. Historias! A maior parte delles o que quer é viver -- e viver bem. Olavo Bilac aqui mesmo troçou amavelmente com esses bardos romanticamente tristes.

Ha, todavia, raros casos de evidente sinceridade. Como duvidar da de Anthiero Quental, que acabou, tendo sempre cantado a Morte, por ir procural-a, suicidando-se? Elle dizia que não havia voz mais eloquente para chamar os que soffrem :

«Deixae-os vir a mim, os que lidaram
deixae-os vir a mim, os que padecem :
e os que cheios de magua e tedio encaram
as proprias obras vãs, de que escarnecem...

Em mim os Soffrimentos que não saram,
Paixão, Duvida e Mal, se desvanecem.
As torrentes da Dôr que nunca param,
com num mar, em mim desaparecem.

Assim, a Morte diz. Verbo velado,
silencioso interprete sagrado
das cousas invisiveis, muda e fria,

é, na sua mudez, mais retumbante
que o clamoroso mar; mais rutilante
na sua noite do que a luz do dia!

Seja qual fôr a solução do *além*, disse a que Rabelais moribundo chamava «um grande *talvez*», ha toda a razão para sentir quando não seja o pavor dos castigos eternos com que as religiões amedrontam os animos fracos ao menos uma saudade infinita por tudo o que faz a belleza e a bondade da existencia. Diz bem o poeta portuguez (1) que nos affirma que quando tivermos de deixar a existencia, quando o mundo, tal como o conhecemos, fôr para nós a terra da partida, lamentaremos amargamente não ter sabido viver.

Todos, no entanto, conhecem casos lamentaveis de individuos na miseria, roídos ás vezes por males chronicos e dolorosos, males sem cura e, comtudo, até o derradeiro instante preferindo o seu soffrimento á paz e ao silencio infinito do tumulto — do tumulto : derradeiro lar, lar tranquillo, mas de que fogem agarrando-se á vida, com o desespero de naufragos, que crispam as mãos convulsas, ás arestas dos rochedos, arestas que as magôam, que as ferem e cortam.

Oh ! não é, porque, a morte em si seja um soffrimento. O que doe é a tristeza do tempo que se não aproveitou, é a despedida da Vida e dos que nella ficam :

Na morte
como sobre o divino mar, que nos consola,
o nosso sonho, a nossa ancia, a nossa sorte,
são como um pobre que baixinho pede esmola...
E nesse Lar.
poentos da jornada.
ha de cada um de nós ainda ir evocar
a Vida incomprehendida, a Vida abandonada..
E nesse lar.
os que um olhar crucificou,
os que sem ver a noite, os areaes e o mar,
a febre de um amor chimerico nimbou :
os humildes, os tristes, os poetas,
que viveram febris entre arvores quietas,
todos que a dor torceu,
hão de sentir um grande amor á Vida
quando ella for a terra extranha da partida.

(1) ANTONIO PATRICIO--- *Oceano*,

Hão de querer renascer,
para beber a luz, para soffrer,
ouvindo o vento errante e o mar afflicto,
que os redima da paz, do silencio infinito...

Hão de comprehender,
agora que não mais podem viver,
como deviam ter vivido cada hora
e não ter desfolhado a Vida, aurora a aurora...

Hão de sentir,
os que um olhar crucificou,
como deviam ir amar, rezar, sorrir
à chimera lunar que os torturou...

E todos,
que na Vida pisaram sangue e lodos
e num gibão de febre e de amargura
partiram para a paz da Morte escura,
hão de sentir uma sandade intensa,
hão de comprehender
que a Vida é bella, a Vida é santa, a Vida é immensa
e que todo o seu mal foi não saber viver...

Por isso as mortes das crianças são tão
calmas, ás vezes mesmo tão risonhas. Pergun-
tam, com espanto, vendo que em torno del-
las ha quem chore, a razão desse choro. Mui-
tas vezes a ultima phrase que pronunciam é
uma phrase de carinho. Em vão Guerra Jun-
queiro aconselha :

O' mães que tendes filhos, mães piedosas,
quando elles morrerem criancinhas,
enfeitae os caixões de brancas rosas.
Deixae, deixae voar as andorinhas,
em busca das paragens luminosas.

Não accordeis as timidas crianças
no pequenino tumulto risonho:
ditos os que vivem como esp'ranças,
felizes os morrem como um sonho.

Conselho facil de dar. Conselho justo. Mas
conselho que ninguem pode tomar. Luiz Gui-
marães Junior, diante do esquife levissimo da

filha pequenina, dizia como era para elle enorme o peso desse caixãozinho

Como é ligeiro o esquife perfumado
que conduz o teu corpo, flor mimosa !
Mal pousaste entre nós, alma saudosa,
pouco adejaste, cherubim nevado !

E vás descendo ao tumulto sagrado,
igual á incauta e leve mariposa
que sem sentir queimou a aza anciosa
do mundo vil no fogo profanado.

Mas eu que acabo de te ver perdida
nos abysmos sem fim da Natureza,
ó minha filha, ó terna flor cahida,

eu, que perdi contigo a fortaleza,
as illusões, o goso, a crença e a vida,
ah ! eu bem sei quanto esse esquife pesa !

Mas, não é apenas esse... São os esquifes de paes, de esposos, de irmãos... São os de amigos... São todos ! Basta que possamos deter-nos um momento a meditar, para sentirmos diante de qualquer esquife, para nós desconhecido, que passa á nossa vista, a grandeza do problema da Morte, e um arrepio de susto correrá nos nossos nervos que vibram...

Religiões e philosophias, por tantos, tantos seculos agitaram essa questão, promettendo á humanidade compensações posthumas, paraísos fabulosos, torturas inenarraveis, que nós queríamos ouvir da bocca dos mortos, a confirmação ou a negação de tudo isso.

Para os que creem na lenda do Christo resuscitando Lazaro, não ha ninguem mais odioso do que esse resuscitado. Odioso, porque elle vinha do sepulchro, porque elle tinha entrado na Morte, porque elle sabia a palavra do enigma, porque nos seus olhos devia haver a visão do Alem — e elle guardou ciosamente o segredo decisivo, que podia cahir de um movimento dos seus labios !

Mas bem se pode dizer que os mortos respondem eloquentemente ás nossas chimericas esperanças e aos nossos vãos terrores,

decompondo-se silenciosamente no seio calmo da terra. Nós lhes perguntamos : « Onde os mysterios com que sonharam tantas crenças ? » E elles no seu silencio nos dizem, com ironia : « Vê esta podridão... Foi só o que nós achamos... » E' isso o que está num quadro de Goya o celebre e admiravel pintor hespanhol. Elle representou um cadaver, levantando a lápide do sepulchro e escrevendo a palavra « Nada. »

Mas, quando mesmo seja assim, a grandeza mysteriosa da Morte, não diminue : fica sempre, em face de nós, o contraste entre o vigor da intelligencia, do coração, da vontade humana e a brusca cessação de tudo. A visão dos infernos de todos os povos é menos pavorosa do que essa perspectiva de aniquilamento.

Para luctar contra ella só ha um meio : é a certeza de fazermos algum bem, de deixarmos algumas affeições, de nos prendermos tão fortemente a outros corações, que mesmo quando a morte venha, fique a saudade em torno delles, como o enlaçamento da hera, vestindo os velhos muros abandonados.



COMO SE SONDA O FUTURO

CONFERENCIA FEITA NO INSTITUTO DE MUSICA EM 23 DE JUNHO DE 1906.

A ESTAS conferencias se tem feito a accusação de frivolidade. A accusação não surprehende nem irrita a nenhum dos seus tres organisadôres, que sempre pensaram em fazer destes encontros uma simples hora de palestra, sem nada de estupefaciente e prodigioso. Não surprehende, porque si dois delles sempre acharam que podiam guardar assumptos que demandem mais aturada attenção para os seus livros ou os seus artigos de revista, o terceiro — que sou eu — sabia bem desde o principio que só poderia dizer cousas de evidente frivolidade.

A esse respeito, a conferencia de hoje será um modelo...

Aliás não é de crêr que ninguém tenha vindo até aqui, suppondo que o conferente lhe ia revelar algum modo novo de conhecer o futuro. Elle teria sido o primeiro a applical-o para saber que acolhimento lhe estava reservado para esta despretenciosa conversa — e talvez, sabendo-o, não tivesse ousado emprehendêl-a...

A «adivinhação» — o esforço para sondar, para conhecer o futuro não é, entretanto, um assumpto destituído de gravidade. Bouché-Leclercq escreveu uma obra de quatro grossos

volumes a respeito disso. Lenormant fez o mesmo. Eram homens doutos; eram sabios de renome universal. Seus livros, que são de pura sciencia, não tem a mínima fantasia. O que elles procuram é mostrar e interpretar os mais velhos monumentos, sobretudo da Assyria, da Babilonia, da Chaldéa, de Roma e da Grecia. E' uma pesquisa interessante, porque nos esclarece sobre a civilisação desses povos.

Esclarece muito bem, porque o fim supremo das religiões e das sciencias é adivinhar. A sciencia adivinha o futuro, reunindo os factos do passado e do presente, para d'ahi induzir o que vae succeder. A religião — mórmente entre os povos primitivos que acreditavam em uma ingerencia mais directa dos deuses nas cousas deste mundo — precisa tambem conhecer as vontades desses deuses, para satisfazel-as.

Póde-se bem dizer que da divisão classica dos productos do pensamento humano — sciencia, religião e arte — a nenhum a adivinhação desinteressa, porque tambem o artista desejaria conhecer o estado de espirito em que estará o publico a que elle destina o seu trabalho, para affeioal-o de accordo com essa indicação, suscitando as emoções que a obra de arte procura produzir.

D'ahi a antiguidade dos processos de adivinhação.

Varias vezes, desde os seus mais velhos livros, a Biblia se refere a elles condemnando-os. Mas exactamente essa insistencia prova que elles eram muito uzados. Prova maior ainda está feita, porque frequentes vezes o texto sagrado dos catholicos refere consultas diversas de reis, de patriarchas e de prophetas a esses meios de conhecer o futuro.

E' assim, por exemplo, que nós vemos José, no Egypto, interpretando os sonhos de Pharaó. Gedeão tambem lhes adivinhava o significado mysterioso. E nesse e em varios outros lugares o acto nem sempre parece criminoso aos olhos de Deus.

Quando, portanto, hoje a interpretação dos sonhos serve para o jogo que se chama "do

bicho», quem isso faz perpetua apenas uma velha tradição... Velha e veneravel — embora nesse caso muito rebaixada...

Pela Biblia tambem nós sabemos que o rei de Babylonia, chegando a uma encruzilhada que levavava a cidades inimigas collocadas em pontos oppostos, escrevia o nome de cada uma em setta differente, mettia-as em seu carcaz e tirando uma ao acaso, assim decidia, á sorte, qual devia atacar. Essa consulta era precedida de orações. Suppunha-se então que o deus guiava a mão do rei e o que nós chamamos hoje *acaso* era considerado a resposta divina.

Esse é aliás o caracteristico de um dos grupos em que podem dividir-se os processos de adivinhação.

Um certo numero desses processos procura achar o segredo do futuro em regras, em preceitos, em normas, cujo conhecimento depende do estudo. E' o grupo das sciencias divinatorias. Falsas sciencias — mas em summa, com o aspecto exterior, si assim se póde dizer, das verdadeiras. Era esse o caso da astrologia e da chiromancia. Ellas pretendiam ter um codigo de preceitos firmados em uma longa observação. Quem as conhecesse, fosse quem fosse, crente ou incrêu, judeu ou christão, podia predizer o futuro do consultante. Por isso mesmo, houve grandes reis catholicos, houve até papas, que tiveram a seu serviço astrologos judeus — e quanta, quanta formosa mão feminina de catholica se terá estendido a uma cigana para que ella lhe diga a *buena-dicha!*

A par desses processos divinatorios com o aspecto scientifico, ha outros. Ha os intuitivos, os que pedem um dom proprio a quem os emprega. Dependem, não tanto de regras, como da boa vontade divina, que consente em responder a uma pergunta especial. Era o caso da adivinhação das flexas, de que fallam a Biblia e o Alcorão — ambos aliás prohibindo-a. E' o caso da cartomancia e de uma infinidade de pequenos processos populares.

Todos conhecem, por exemplo, o meio de consultar a Bíblia sobre uma resolução qualquer: tomar uma agulha ou alfinete, rezar pedindo a Deus ou a algum santo que guie a mão do consultante e com a ponta do objecto abrir a Bíblia ao acaso. A pagina, o versículo em que cahir a ponta da agulha é a resposta divina.

Compreende-se bem que a intenção de quem primeiro usou esse processo foi o de lograr a prohibição da igreja, tornando-a até cúmplice. Era pouco provável que o Diabo tivesse o topete de se ir intrometer em uma consulta feita directamente a Deus e utilizando a Bíblia como instrumento!

Um apaixonado, empregando esse recurso podia ter respostas diversas, caso quizesse saber si devia ou não casar-se. Imaginem que cahia no Ecclesiastes e lia:

« Melhor é, pois, estarem dois juntos do que estar um só, porque tem a conveniencia de sua sociedade.

Si um cahir, o outro o susterá: ai do que está só, porque quando cahir não tem quem o levante. »

Só isso—sem mesmo citar o versículo, seguinte, que ainda é mais positivo, decidiria o consultante ao casamento. Mas si, nesse mesmo livro, cahisse um pouco mais adiante leria:

« E achei que é mais amargosa do que a morte a mulher, a qual é laço de caçadores e o seu coração rêde, as mãos são cadeias. Aquelle que agrada a Deus fugirá della... »

E naturalmente, lendo isso, o consultante veria ahi a indicação do céu, ainda mais clara do que no conselho de S. Paulo, porque S. Paulo dizia: casar é bom, mas não casar é melhor — e aquelle versículo terrível diz que casar é sempre peor...

Mas a ponta fatidica poderia ter ido parar em outro versículo mais alegre e de um conselho mais agradável:

« Ha tempo de dar abraços e tempo de se pôr longe delles. »

E' de crêr que este texto decidisse o consultante a gosar apenas as delicias do *flirt*: namorar, mas namorar sem a minima intenção casamenteira...

Vê-se bem que mesmo a Biblia é capaz de dar conselhos subversivos...

Em regra, os namorados não devem usar deste processo de adivinhação, porque o numero de textos em que a mulher é maltratada sobrepuja muitissimo na Biblia aquelles em que é exaltada. Si nella se acha o Cantico dos Canticos, acham-se tambem as apostrophes truculentas dos prophetas, que sempre descobrem que a mulher é a fonte de todo o mal.

Ha quem consulte ainda hoje a Biblia, acerca do que infelizmente no nosso povinho miudo constitue uma preocupação dominante—do jogo dos bichos? Talvez. Todos sabem que extranhas allianças a fé, nas pessoas incultas, logra contrahir com as cousas mais perversas! Não rezavam os bandidos da Calabria para serem felizes nos seus assaltos? Santo Onofre não tem, no sentir da gente do povo e em especial no mundo equivoco da galanteria, especialidades muito feias, dando clientela ás suas extranhas devotas? Assim, é possivel que se consulte a Biblia para nella achar palpites. Ninguem ignora como esse jogo maldito se fez popular entre nós, principalmente nas camadas inferiores da população. Póde-se mesmo, para dizer a verdade inteira, lembrar que na classe média elle tem muitos clientes. Que se reze para acertar no «bicho» ninguem ignora. O italiano e sobretudo a italiana supersticiosa pedem á Madona para lhe indicar o bom numero do lotto official. O *bicho* é o nosso *lotto*.

Quem, entretanto, quizer descobrir para elle palpites na Biblia deve saber que ella não se presta a dal-os, porque dos 25 animaes da lista celebre, que é uma das nossas glorias nacionaes, faltam no livro sagrado o tigre e o Perú. Quanto ao gato, só figura em um versiculo do texto apocrypho do falso propheta Baruch, texto que as Biblias protestantes não costumam incluir. Os traductores, que em certos

pontos fallam em coelhos, também commiettem um erro de traducção: o palpite nesse caso não deve valer, porque hoje se sabe que o animal a que alguns traductôres chamam *coelho* é uma especie de cobaia. Mas só a indiscutivel exclusão do tigre e do Perú deve bastar para pôr a Biblia fóra dos processos de adivinhação susceptiveis de indicarem o bicho do dia.

Mas eu lhes estava citando a adivinhação por meio da Biblia, que é também praticada do mesmo modo pelos mahometanos com o Alcorão, como exemplo de um processo, que não depende de regras com apparencia scientifica: depende do favor divino.

Não é esse o caso da astrologia.

A astrologia, todos o sabem, pretendia que, pela posição, que os astros occupavam no momento exacto do nascimento de qualquer criança, se podia determinar o futuro que lhe estava reservado. O mesmo era possivel para a consulta especial sobre qualquer acontecimento: a posição dos astros respondia sobre o seu exito.

Hoje, ninguém mais liga importancia a essa falsa sciencia. Basta dizer que ella nasceu e floresceu, quando não se conhecia do nosso systema solar nem Urano, nem Neptuno, nem os pequenos planetas que ficam entre Marte e Jupiter.

De mais, todos sabem que, si a Lua anda em torno da Terra, si a Terra e todos os planetas andam em torno do Sol, o Sol com todo esse cortejo se desloca no espaço em direcção a um ponto que nós não conhecemos e provavelmente em torno de um astro central, que também ainda não podemos determinar. Os planetas com os seus satellites dansando em torno do sol, lembram pares que dansassem em volta de alguém posto ao meio do salão de um navio—navio, que, por sua vez estivesse levando a todos para um destino desconhecido, bordejando em torno de uma ilha ignorada no meio do oceano. Ora, si os astros tivessem uma influencia decisiva sobre as vidas humanas, a influeneia desse sol fabulosamente

longinquo, mas que arrrsta o nosso pequeno sol e todos os seus planetas em torno d'elle, devia ser ainda mais forte. E nós não a poderíamos determinar! De mais, todos os negocios emprehendidos na mesma occasião teriam o mesmo exito; todas as crianças nascidas no mesmo momento o mesmo destino!

E apesar do seu evidente absurdo, apesar dos seus constantes insuccessos, a astrologia foi tida em alta consideração. Reis e até papas consultaram os astros para decidir de actos importantissimos. Por causa de uma velhissima anecdotá, todos sabem que era assim que procedia o astuto e perverso Luiz XI.

Foi elle que um dia, irritado com uma predicção do seu astrologo resolveu mandar matá-lo. Fel-o vir á sua presença e collocou alguns servidores promptos, a um signal, a atirarem pela janella o desgraçado propheta. Quando este chegou, o rei perguntou-lhe, si, sendo tão habil em lêr o que o céu dizia, já ahi tinha descoberto qual seria o dia da sua morte. O astrologo, ou por ter sido avisado ou por ter percebido os intentos do seu real interlocutor, fingiu consultar os astros e respondeu que até então nunca podéra ter chegado á determinação exacta de sua morte, mas naquella noite, como de costume, acabava de vêr mais uma vez que morreria tres dias antes do rei.

Luiz XI, credulo e supersticioso e que, tollido embora de molestias, tinha o mais desesperado amor á vida, não só deixou de dar o signal para que os servidores fizessem perecer o astrologo, como d'ahi por diante se esmerou em cercá-lo de cuidados...

Embora a astrologia seja uma loucura passada de moda, era indispensavel fallar n'ella, já por ter sido a mais veneravel das sciencias de adivinhação, já porque se associou por muito tempo á sciencia desse grupo que mais tem durado—que dura ainda hoje, ainda hoje tem crentes: a *chiromancia*, a lendaria *buena-dicha*.

No que ella consiste ninguém ignora: a interpretação das linhas da mão. Si, de facto, o nosso destino está escripto nos astros pelo simples facto do nosso nascimento, nada é de admirar que tambem esteja impresso em nosso proprio corpo. Ora, não ha em todo elle nada de tão evidentemente característico como as linhas da mão.

A chiromancia permitiria, entretanto, perfeitamente dispensar o appêllo ao patrocínio dos astros. Poder-se-ia verificar minuciosamente, em milhares de mãos, si sempre a existencia de uma linha de tal ou qual modo corresponde a tal ou qual particularidade de character. Correspondendo, poder-se-hia induzir, muito logica, muito scientificamente, que a linha era um signal do character. Lombroso fez um trabalho desse genero para os criminosos. Estudou, não as linhas da mão, mas o comprimento do dedo médio e medindo-o em 499 criminosos achou resultados realmente curiosíssimos: desses 499 só 32 tinham os dedos médios maiores que os outros; 32 os tinham iguaes e 435 os tinham menores que os outros dedos. E' uma proporção formidável!

Ora, si se fizessem observações da mesma natureza para as linhas da mão se poderia chegar a liquidar si a chiromancia tem valor scientifico e nesse caso até que ponto ia esse valor. Porque não ha theoreticamente nenhum absurdo em admittir que a certa conformação do corpo, a certos traços da palma da mão correspondam certas peculiaridades de character, que, por sua vez podem logicamente deixar prevêr certos acontecimentos — tanto mais quanto era uma velha affirmacão de todos os partidarios da astrologia e da chiromancia que (isto se costumava dizer em latim: — *astra inclinant, non necessitant*) os signaes indicam apenas, não uma fatalidade inexoravel, mas uma simples tendencia. Calculem, por exemplo, que havia na mão um meio de conhecer as pessoas de indole fortemente apaixonada. Não seria de mais prevêr que nesse caso fariam um casamento de amor. Era o mais provavel.

Os chiromancistas acham aliás que ha para isso um signal: é qualquer pequena cruz, na palma da mão, immediatamente por baixo do dedo indicador. O absurdo é que as ledoras de buena-dicha procurem predizer factos que dependem, não da pessoa, mas de um extranho: digam, por exemplo, que se ha de receber em testamento uma fortuna...

Isto só era admissivel quando se acreditava que os astros tinham deixado impresso na mão o nosso destino, com o desejo de que o podessemos conhecer. Cada dedo representava a influencia de um astro. O pollegar cabia a Venus, o indicador a Jupiter, o médio a Saturno, o anullar a Apollo e o minimo a Mercurio. E, como dos astros conhecidos dos antigos, faltavam dedos para Marte e para a Lua, attribuiu-se ao primeiro a parte superior do lado da mão que fica abaixo do dedo minimo. A parte inferior obedecia á Lua.

Não ha ninguem que não tenha ouvido contar a chamada d'aquelle sujeito que annunciava a sua maior admiração em astronomia. Não era que podessemos determinar a orbita e até o peso dos astros. O que o maravilhava era que podessemos ter sabido os seus nomes.

Ora, esses nomes foram dados inteiramente á fantasia, alguns por predilecções pessoases de astrónomos, alguns por adulação e já houve até astros baptisados em leilão! Entre Marte e Jupiter ha, de facto, uma infinidade de pequenos planetas, que se suppõem pedaços — por assim dizer: estilhaços de um planeta, que talvez tenha existido ahi e depois, por qualquer ignorada circumstancia, explodido. Todos os annos a lista desses asteroides vae crescendo. No anno de 1905, passaram de 553 a 569. Pois bem: já houve um observatorio em apuros financeiros, que se lembrou, muito practicamente, de declarar que quem quizesse baptisar um desses asteroides lhe deveria dar uma certa somma. Era evidentemente muito menos banal offerecer a alguem o seu nome, em pleno céu, do que um retrato a oleo...

Felizmente para os velhos astrologos, elles não chegaram a conhecer esses asteroides, o primeiro dos quaes foi descoberto na primeira noite do seculo passado: a 1 de janeiro de 1801. Do contrario teriam tido muita difficuldade em determiar a influencia de cada um...

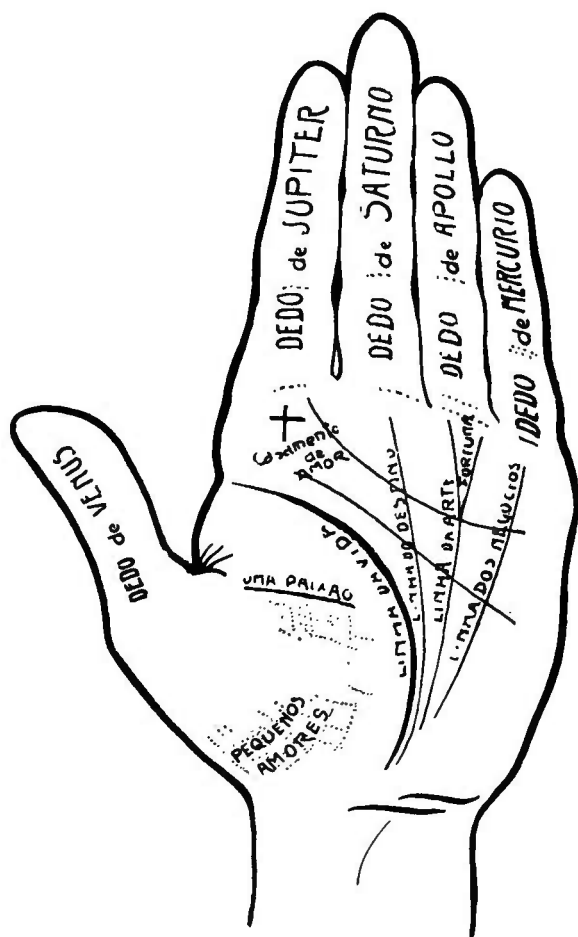
Mas cahiram em alguma cousa que lembra a admiração d'aquelle Calino, de quem fallámos ha pouco: descobriram em cada astro um character correspondente ao do personagem da mythologia greco-romana, que serviu para os baptisar. Assim, Venus ficou protegendo o amor; Jupiter as honras, a ambição de dominio; Saturno, a fatalidade; Apollo, a arte; Mercurio, a sciencia e o commercio.

Quando na mão de qualquer pessoa se verificava que o indicador era maior que o annular, ou vice-versa, isso indicava o predominio, no primeiro caso, de um desejo de dominio sobre aspirações de arte; no segundo caso, o contrario. O dedo médio, de Saturno, era o fiel da balança.

Por outro lado, na mão, póde haver linhas partindo da base de cada dedo. Essas linhas tomam o character do dedo de que partem: si são lisas, largas, bem traçadas é um excellente indicio em relação ao character do astro protector dessa região. Assim, uma que vá do punho ao dedo minimo, bôa, firme, bem desenhada, indica que o individuo será feliz em suas transacções commerciaes; outra que se dirija para o annular será a dos poetas, dos artistas em geral: é a linha do ideal: é tambem a da fortuna nobremente adquirida. E si alguem na base desse dedo da mão esquerda tem uma bifurcação, uma especie de Y de imprensa, póde contar que, si já não é, será rico. A do centro, que vai ao dedo médio, o dedo de Saturno, é a mais importante: é a linha do Destino, de um modo geral. Si uma pessoa tem outras linhas paralellas á do destino é um grande signal de felicidade.

Mas as tres linhas que difficilmente deixam de existir em todas as mãos são a de Jupiter, a de Marte e a da Vida. A de Jupiter parte

de entre o médio e o indicador, curva-se e vae horizontalmente por baixo do médio, do annular e do mínimo. E como Jupiter era ambicioso, amigo de aventuras, vivia amando e sendo amado, sempre em briga com sua rixenta mulher, ficou sendo a *linha do coração*: é a de todas as paixões, a começar pela



ambição. Por sua vez, como Marte era o deus da forma mais forte de actividade — a guerra — sua linha é a linha de cabeça. Não inscreve as manifestações de talento: inscreve o pendor para as resoluções firmes e calmas, as resoluções serenas. A linha de Marte bem traçada revela um homem de acção.

A linha que cerca o pollegar ficou reservada para a indicação da vida em geral, isto é da saúde e das molestias, do estado physico dos individuos: as interrupções, as manchas, as cruces que nella haja indicam molestias, accidentes diversos. Uma interrupção com seguimento posterior: molestia grave. Uma ilha: paralysisa. Um afinamento progressivo na direcção do punho: molestia chronica e enfraquecedôra, o que os francezes chamam: *maladie de langueur*. Quanto mais clara e firme ella é, sem interrupção, quanto mais vem até o punho e principalmente, si é duplicada, tanto mais indica uma vida longa.

Dir-se-á, porém, que no dedo consagrado a Venus, Venus nada influe.

Influe. Toda a parte, que se estende entre a base do pollegar e a *linha da vida*, é onde ella inscreve as suas determinações. Cada linha que ahi haja, longa e firme, indica um grande amor na vida. E quando, na parte inferior, ha uma grade, uma serie de linhas verticaes e horisontaes cruzando-se, a indicação está longe de ser lisongeira... E' signal de tendencia para amores tão numerosos quanto equívocos...

Si a chiromancia tivesse alguma cousa de verdade, seria pelo exame dessa parte da mão, que deviam começar os namorados: cada um verificando na do outro, si ahi só havia uma linha boa e firme... Quando só uma existe e por baixo do indicador ha a cruz dos casamentos de amor, os namorados podem confiar!

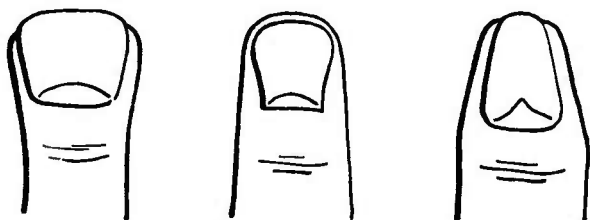
O pollegar é aliás considerado o dedo mais importante, como representação de conjuncto do valor do individuo. O comprimento relativo das phalanges já indica si o que predomina no individuo é a iniciativa e a actividade, a intelligencia, ou a vontade calma.

Si a ponta do dedo onde está a unha, é maior, mais larga que a phalange inferior, simulando uma especie de espátula póde crêr-se que se trata de pessoa activa, decidida, prompta ao trabalho. Caso, essa parte do dedo seja fina, essa actividade será mais provavelmente cheia de iniciativas, de invenções, talvez nem sempre

muito razoáveis. Caso seja macissa, igual na base e na extremidade, tratar-se-á de pessoa calma e ponderada: o justo meio termo entre a precipitação e a inércia.

O comprimento da segunda phalange indica as qualidades de raciocínio, de percepção, de lógica. Por último, o tamanho da parte inferior indica a firmeza calma da vontade, do individuo que sabe querer.

Herbert Spencer dizia que em todo erro ha sempre uma alma de verdade. Ora, na importancia dada pela chiromancia ao pollegar e ás cabeças de dedos grossas e espatuladas, como signal de actividade, parece que ha uma certa razão, explicavel pela hereditariedade do individuo e da especie. E é facil de dizer porque. Mas antes disso convem lembrar aquella affirmacão, que é — penso eu — de Balzac.



Dedo espatulado:
actividade physica.

Dedo igual na base
e na ponta: calma e
ponderação.

Dedo afilado: ini-
ciativa, creação. E'
o dedo dos artistas.

Elle dizia que quando via um sujeito de nome extravagante ficava logo certo de que devia ser um pouco maluco. Objectavam-lhe que esse modo de julgar não era justo, porque os individuos tem em geral nomes que lhes foram dados pelos paes, sem que, de modo algum, tenham sido consultados sobre essa escolha. Balzac respondia que exactamente a escolha de um nome extravagante já provava que os paes não eram de miolo muito certo — e, portanto, essa deploravel hereditariedade já se deveria fazer sentir nos filhos...

Pois bem; a questão da forma dos dedos pode tambem em parte ser julgada por esse criterio de hereditariedade. Os individuos que trabalham activamente, sobretudo em traba-

lhós manuaes, hão de desenvolver os dedos. Acabarão por tornal-os grandes, grossos, largos. A herança conservará esse traço. Os dedos aristocraticos, isto é, os dedos ociosos é que são longos, finos, aguçados e, por isso, a arte dos manicuros, não podendo modificar certas mãos femininas desgraciosas, procura ao menos, dando uma forma oval ás unhas, simular que se trata de dedos ponteagudos. Ha, portanto, uma certa razão em ligar a actividade aos dedos espatulados.

Quanto ao pollegar, nada mais razoavel do que dar-lhe uma certa preeminencia, porque é exactamente elle que distingue a mão da pata e do pé. Embora o pollegar dos pés dos macacos — porque apezar do nome errado de quadrumanos os macacos tem duas mãos e dois pés — seja susceptivel de se oppôr aos outros dedos, não ha nada que caracterise tanto o homem como a *mão*, de que o pollegar é a parte distinctiva. Dizendo isto — é claro que eu não quero asseverar que as affirmações dos chiromancistas sobre a significação das phalanges e dos traços da base do pollegar são verdadeiras. Digo só que talvez haja uma vaga razão para algumas dellas. Mas o caso deveria ser verificado scientificamente, isto é, *inductivamente*, reunindo milhares de observações para depois tirar a conclusão, embora não fosse possivel explical-a. Onde a explicação do facto citado por Lombroso de, em 499 mãos de criminosos, só 32 terem o dedo médio maior que os outros? Não se vê bem a ligação entre estes dois factos: a tendencia ao crime e o comprimento de um dedo. Desde, porém, que se prove que essa relação existe, pouco importa que nós não a saibamos explicar. Ha tantas outras cousas no mesmo caso! Os gatos de olhos azues são surdos. Por que? No primeiro momento, quando se procurou explicar esta correlação, não se achou nada de plausivel. Só depois se descobriu para isso uma causa embryologica. Mas, quer se achasse, quer não se achasse, o facto dessa côr de olhos em

gatos estar associada á surdez não era menos verdadeiro.

Infelizmente, a chiromancia é hoje um amontoado de fantasias, de absurdos, de verdadeiros disparates. Não tem a minima seriedade. Si ha entre as suas asserções alguma que seja verdadeira, está misturada com tantos erros, que não é possível separal-a delles.

Contam-se muitas predições certas feitas por ella. Mas são anedotas de que é licito duvidar, ou, ás vezes, simples coincidencias.

Por mim, só conheço uma predição exacta, a que já me referi em uma destas conferencias. E' um caso publico, facilmente verificavel por todos. Em 1890, o jornalista francez Edouard Drumont publicou um livro sobre a politica do seu paiz, em que fallava muito do General Boulanger. Nelle analysava a mão do celebre politico e escrevia:

A linha da vida quebrada indica que o general morrerá com cerca de cincoenta e oito annos, de morte violenta, provavelmente de facada ou punhalada. » (pag. 159).

O general, que estava então de perfeita saude, veio a suicidar-se, com um tiro de revólver, no meio do anno seguinte. O admiravel é que a parte que Drumont dizia estar na mão — o prenuncio da morte violenta — se realisou. O que porém, elle mesmo dava como uma interpretação pessoal sua: a hypothese de uma facada ou punhalada — essa não teve logar. A morte violenta foi a do suicidio. Simples coincidencia? — E' o que eu acredito. Mas, em todo caso, o facto é authenticico. Não basta, porém, por si só para dar valor á chiromancia, de que afinal a melhor utilidade é a de fornecer aos espertos um meio facil de tomarem longamente entre as suas, delicadas mãos femininas com o pretexto de as examinarem...

No cancioneiro popular portuguez ha uma quadra em que a namorada diz:

Si tu leres minha sina
nas linhas tortas da mão,
verás que uma vem direita
do teu ao meu coração...

Isto é que é saber interpretar linhas tortas !

Ha talvez um systema divinatorio mais popular que a duena-dicha.

Em todos os jornaes leem-se quasi diariamente annuncios de cartomantes, que se gabam de saber perscrutar o futuro.

Não se trata, porém, de uma sciencia. Ha, é certo, varios preceitos mais ou menos fantasistas para o que chamam geralmente — *deitar cartas*, mas esses processos que consistem em tirar as cartas, á sorte, em uma determinada ordem e depois interpretal-as, só se explicam logicamente pela intervenção ou de potencias divinas ou de potencias diabolicas. Fazer cartomancia sem fé em um auxilio sobrenatural é o mesmo que bater-se em duello, para resolver uma questão de honra, sem acreditar — como acreditavam os inventores do duello — em uma intervenção directa de Deus, para fazer triumphar quem tivesse razão.

Seria interessante indagar porque exactamente o processo de adivinhação pelas cartas é o que mais tem resistido ao scepticismo geral. Talvez porque é o mais antigo. Talvez porque é aquelle com o qual um operador habil pode mais facilmente illudir as pessoas simples e credulas.

Pode mais facilmente illudil-as, porque tomando as cartas, fazendo uma serie de tentativas que a levam a fallar de cousas diversas — amores, negocios, viagens, etc. — tem occasião de ir observando o consultante. E como os processos de boa cartomancia são sempre um pouco longos, no fim, uma cartomante astuta, já tem sempre apanhado alguma coisa sobre a consultante e entre diversas mentiras póde incluir algumas verdades, arrancadas á propria confissão de pessoas ingenuas.

Quanto á antiguidade da cartomancia, o caso é contestado ; mas é verosimil. Sem duvida as cartas de jogar, como nós as temos hoje, são relativamente muito modernas. Mas a cartomancia vem do Egypto. Lá, como se sabe, a sciencia não estava ao alcance de todos.

Os padres a conservavam rigorosamente secreta. Durante muitos seculos, nada se escreveu a tal respeito.

Tudo era contado oralmente. Depois, como esse modo de transmittir conhecimentos levava a muitas infidelidades e incorrecções, chegaram a um termo medio: davam a certos signaes cabalisticos uma significação mysteriosa que só era accessivel aos iniciados. Para um extranho seriam desenhos mais ou menos sem valor. Só um sacerdote saberia interpretar: vendo-os, lembrar-se-ia logo do que queriam dizer.

O caso não tem nada de muito extranho: esses signaes correspondiam mais ou menos aos graphicos da sciencia moderna. Si por exemplo um iniciado via o famoso *signo de Salomão*, lembrava-se de toda uma theoria philosophica que lhe ensinava que tudo o que se passa na terra é exactamente igual ao que se passa no mundo espiritual. Pouco importa saber si a theoria é certa ou errada. A questão é que uma vez sabendo que tal theoria se associava áquelle signal, vendo este, se lembrava della.

Tambem hoje si qualquer de nós olhar para um traçado de sphygmographo ou de sismographo — absolutamente inintelligiveis para o grande publico — interpreta immediatamente o phenomeno a que elle se refere: o primeiro dá os batimentos do pulso, o segundo as vibrações da crosta da terra.

Os sacerdotes Egypcios uzavam aquelles signaes, que se prendiam a doutrinas só delles conhecidas e, sobretudo, á astrologia.

Uzavam diante de pessoas ignorantes. Por fim, estas, não sabendo o que esses signaes, escriptos em taboinhas avulsas, queriam dizer acabaram por interpretal-os arbitrariamente.

D'ahi nasceu a cartomancia, que ao principio se fez com um baralho especial — o *tarot* e acabou por ser feita com qualquer baralho vulgar.

O admiravel é que alguns grandes espiritos tenham acreditado nessas predições! Um

dos que parece ter ligado mais importancia a isso foi Napoleão Bonaparte, que segundo é de tradição consultou mais de uma vez a celebre Madame Lenormand.

Mas erro por erro, credence por credence, todo o apparatus complicado da chiromancia, com seus velhos deuses de extinctas mythologias, da cartomancia com as explicações dos seus profissionaes, não vale o que valem os processos populares de adivinhações— que ao menos não tem a prosapia pedantesca de querer fingir de sciencia.

A noite do dia de hoje passa por ser propicia a esses processos: S. João tem fama de ser um santo amavel, fama que reparte com Santo Antonio e S. Pedro.

As adivinhações uzadas em taes dias pertencem ao grupo das que dependem da vontade celeste. São confidencias que os santos nos fazem.

A do ovo— todos sabem como é: enche-se de agua bem clara até tres quartas partes um copo bem limpo e parte-se pelo meio um ovo de que se deixam cahir gemma e clara inteiras, no fundo. Reza-se ao santo, pedindo que, por aquelle meio, desvende o futuro e põe-se o copo com o ovo ao relento. Na manhã seguinte, se vae ver o que ha.

Ora, em qualquer occasião, quem fizer essa experiencia, verificará que ficam sempre uns fios, umas estrias da albumina da clara, entre o fundo e a superficie da agua. E então cada qual interpreta á vontade: um descobre que é um leito com o seu docel, outro que é um navio com o seu velame e cordagens, outro que é uma igreja... E como qualquer desses objectos se associa com numerosos factos e pode ter interpretações muito variadas, sempre se acha durante o anno alguma cousa que justifique a predicção. De mais, quando varias pessoas olham para os desenhos dos innocentes fios de albumina e cada um os explica a seu modo, ainda é melhor, porque o campo das associações de idéas augmenta: si o que succede não concorda com a interpreta-

ção de uma das pessoas, ella pensa : « *Bem dizia Fulano...* »

E assim, S. João nunca faz triste figura...

Outro processo em que elle erra mais vezes é o de adivinhar o nome do futuro marido das consultantes, ouvindo as pessoas que passam.

A consultante enche a bocca de agua e, assim, reza mentalmente, saltando em cruz a fogueira de S. João, justamente á meia-noite. Pede então ao santo que lhe revele o nome do seu futuro marido. Feito isso, vae se posar atrás de uma porta ou janella que dê para a rua e onde se possa perceber o que dizem as pessoas, que vão passando. O primeiro nome proprio que se ouve dizer é o do futuro esposo. Só então a consultante pode deitar fora a agua que conserva na bocca.

Que razão ha para estes pormenores? Apparentemente nenhuma. Talvez, entretanto, sejam velhos costumes, que perderam a sua razão primitiva e se conservaram apesar disso, sem que hoje os saibamos explicar.

Os maliciosos—que além de maliciosos forem incredulos — dirão que a idéa de fazer com que as consultantes permanecessem com a bocca cheia de agua até o fim da operação foi um meio, por assim dizer *mecanico*, de impedir que fallassem. Só graças a essa cautela se conseguiria esse resultado. Do contrario, a proverbial loquacidade feminina estragaria tudo...

Si para S. João ha esse processo, para São Pedro ha outro analogo, mas um pouco mais complicado. A consultante deve jogar ao chão um rosario. Todos sabem que nos rosarios ha contas pequenas, que representam ave-Marias e contas maiores que representam padrenossos. Com os olhos fechados a pessoa procurará apanhar o rosario apenas com dois dedos, de modo a só pegar em uma conta. Conforme ella é um *padre-nosso* ou uma *ave-Maria*, a pessoa resará todo o rosario só em uma ou outra das orações. Antes disso, porém,

terá pedido a S. Pedro que, em attenção áquella noite tenebrosa em que elle por tres vezes negou o divino mestre, dissipe as trevas em que se debate o espirito de quem faz a consulta a proposito, ou da sua vida em geral ou, em especial, de um caso qualquer que deseja saber. Irá então para traz de uma janella rezar o rosario, de accordo com o que a sorte tiver determinado, ouvindo o que dizem as pessoas que passam durante o tempo das orações.

Tudo está depois em interpretar esses trechos de conversas, perfeitamente desconnexos. Comprehende-se com facilidade quanta fantasia não entra ahi !

Quando se percorrem livros de costumes populares o que talvez mais avulte são os systemas de adivinhação feitos pelas moças casadoiras, curiosas de saber quem será o marido que o destino lhes reserva. Já, ha pouco, lhes falei de um. Mas outro, dos mais uzados entre nós é, em algumas das noites prestigiosas de Santo Antonio, S. João ou S. Pedro, pôr dentro da agua um certo numero de papéisinhos dobrados com os nomes dos candidatos provaveis ou pelo menos possiveis. No dia seguinte, o papel que estiver aberto, indicará o nome do que será o eleito da sorte...

Este processo deve ser particularmente indicado ás moças namoradeiras, que tem um grande embaraço na escolha...

E' evidente que eu não pretendo enumerar todos os processos de adivinhação. Sempre que uma pessoa ingenua e credula vê um facto mais ou menos insolito preceder um acontecimento, com o qual muitas vezes não tem a minima relação, logo suppõe que o primeiro deve d'ahi por diante ser considerado um indicio do segundo.

Mas tanto o pedantismo solemne dos astrologos, como a fantasia dos chiromancistas ; tanto a especulação nem sempre innocente

das cartomantes, como os processos ingenuos e graciosos do povo—tudo isso traduz o desesperado esforço para conhecer, para sondar, para perscrutar o futuro !

Si, entretanto, nos fosse dado conhecê-lo, seria um bem ou um mal ?

Para este ou aquelle caso particular, podia ser um bem ; mas em regra seria um mal. A perspectiva das desgraças possiveis encobriria a das venturas mais positivas. Que mãe vibraria de louco prazer, beijando o filho pequenino, si soubesse que elle tinha de morrer d'ahi a semanas ? Que noivo gosaria toda a delicia ineffavel do amor, si soubesse que antes da realisação do seu sonho, a noiva lhe seria arrebatada por qualquer fatalidade inexoravel ?—Mães e noivos, todos em summa viveriam a contar o tempo que os separaria de uma a outra desgraça. A mãe receberia chorando o filho de que todos os gestos, quanto mais graciosos fossem, mais lagrymas lhe arrancariam !

Grande, forte, poderoso como um deus, era Napoleão I. Victor Hugo pintou-o junto do berço do filho. Nenhum pae teve jámais direito de sonhar para seu filho futuro mais sublime. Era o que elle fazia tambem para essa criança. E Victor Hugo o evoca dizendo que o futuro será seu ; mas logo lhe replica que o futuro não é de ninguem ; que só a Deus pertence ; que é um mysterio ; que as honras e as glórias estão pousadas em nós como as aves nos beiraes dos telhados, sempre promptas a levantarem o vôo ; que ninguem sabe de que o dia de amanha será feito e, quando o homem semeia as causas, Deus é que faz amadurecer os effeitos ; que amanha poderia ser Waterloo ou Santa Helena ; que elle podia ser na terra tão grande quanto fosse dado a qualquer creatura humana ; que lhe era licito conquistar a Europa a Carlos Magno e a Asia a Mahomet, mas não tomaria ao Eterno Senhor o mysterio que se chama : « amanha ! »

Il cria tout joyeux avec un air sublime
“ L’avenir ! l’avenir ! l’avenir est à moi !

Non ! l’avenir n’est à personne !
Sire, l’avenir est à Dieu !
A’ chaque fois que l’heure sonne
tout, ici bas, nous dit adieu.
Toutes les choses de la terre,
gloire, fortune militaire,
couronne éclatante des rois,
victoires aux ailes embrasées
ambitions réalisées,
ne sont jamais sur nous posées
que comme l’oiseau sur nos toits !

Oh ! demain, c’est la grande chose !
De quoi demain sera-t-il fait ?
L’homme aujourd’hui sème la cause
demain Dieu fait mûrir l’effet.

Demain c’est Waterloo, demain c’est Saint-Helène
demain c’est le tombeau !

Dieu garde la durée et vous laisse l’espace ;
vous pouvez sur la terre avoir toute la place,
être aussi grand qu’un front peut l’être sous le ciel.
Sire, vous pouvez prendre à votre fantaisie,
l’Europe à Charlemagne, à Mahomet l’Asie,
mais vous ne prendrez pas demain à l’Eternel !

Póde julgar-se de qualquer modo o grande guerreiro. Mas pense alguem, si o seu esforço colossal seria possível, caso elle soubesse o que lhe estava reservado: o fim miseravel em Santa Helena, o destino tragico do filho. Um mundo revolvido, glorias, combates, milhões de homens mortos, cidades e reinos destruidos, ondas, caudaes, mares de sangue e fogo pela Europa inteira e tudo acabando nisto: a prisão para o pae em uma ilha perdida no Atlantio, para o filho na Austria!

Não! é um beneficio que não conheçamos o futuro! Foi imitando Victor Hugo, imitando-o bem de perto, que Gonçalves Dias escreveu a sua conhecida poesia — *Amanhan*, em que elle acabava, dando o conselho de que se deve

gozar o dia de hoje, porque ninguém sabe
o que nos está reservado para o immediato:

Amanhan—é o sol que desponta,
é a aurora de róseo fulgor,
é a pomba que passa — e que estampa
leve sombra, de um lago na flor.

Amanhan! — é a folha orvalhada,
é a rôla a carpir-se de dor,
é da brisa o suspiro, — é das aves
ledo canto, — é da fonte o frescor.

Amanhan! — são acasos da sorte!
é o queixume, o prazer, o amor;
o triumpho, que a vida nos doura,
ou a morte de baço pallor.

Amanhan! — é o vento que ruge,
a procella de horrendo fragor;
é a vida no peito mirrada,
mal soltando um alento de dor!

Amanhan! — é a folha pendida,
é a fonte sem meigo frescor.
são as aves sem canto, são bosques
já sem folhas — e o sol sem calor.

Amanhan! — é a folha pendida,
é a vida no seu amargor...
Amanhan! — o triumpho ou a morte...
Amanhan! — o prazer ou a dor...

Amanhan o que val', si hoje existes?
Folga e ri de prazer e de amor.
Hoje o dia nos cabe e nos toca,
de amanhan Deus sómente é senhor!

Na Turquia ha um livro celebre, que ninguém ousa abrir. Foi Murad V, um sultão que viveu no seculo 17, que o leu pela ultima vez. Esse livro passa por ser prophético.

Murad era um homem cruel. Em cinco annos de reinado fez matar 25.000 pessoas! Era bebedor. Era devasso. Um dia, porém, lembrou-se de consultar o *Djeft-Kitabi*, o livro que ensina a prevêr o futuro e pelo que lá aprendeu poudé saber em que data morreria. Desde então a vida lhe foi um horror.

O que não tinha podido o remorso das vastas carnificinas que ordenara, poudo a predição sinistra: contava as semanas, os dias, os minutos.

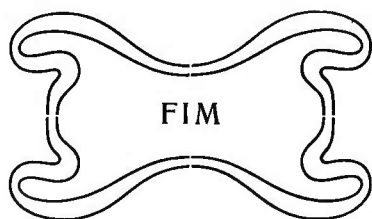
E pela primeira vez esse assassino coroado teve um pensamento de amor e de clemencia, um pensamento de bondade: mandou lacrar o livro prophetico para que ninguem mais o podesse consultar!

Si alguem soubesse a sciencia exacta de sondar o futuro era o que devia fazer: escondêl-a, esquecêl-a, destruil-a!

Talvez, entretanto, aquelles que me deram a honra de ouvir-me e tiveram de me suportar a palavra enfadonha sejam de uma opinião diversa, ao menos em alguns casos particulares. Pensando em como e quanto eu illudi mesmo as expectativas menos elevadas, sahirão desta sala, arrependidos do tempo que perderam e dizendo interiormente: «Si eu adivinhasse...»

Si adivinhassem, não teriam vindo cá...

Por mim, e ainda por essa razão, que me teria privado de tão illustre assistencia, — eu continuo a achar que é um bem não se poder adivinhar...



O PÉ É A MÃO

SUMMARIO. — Origem lendaria e origem scientifica. — Batatas, azas, pés e mãos. — Da pata do batrachio á mão da mulher. — Cinco dedos: por que? — O cavallo, que só tem um dedo em cada pé, já teve cinco. — O ideal quanto ao numero de pés: 7; o caso peor: 4. — As soluções outras: 3 e 1. — Que os macacos não tem quatro mãos. — Milagres de pés cortados: S. Pedro de Verona, Santo Antonio. — O pé de Adão: metro e meio! Porque, apesar dessa dimensão, era um pé minúsculo. — O pé de Nossa Senhora: 194 milímetros: calçava sapatos n. 29. — Que os das chinezas ainda são menores. — Como se fabricam os pés pequenos das chinezas. — Que o ideal em materia de pés já foi o serem excessivamente longos; os príncipes usavam botinas de 80 centímetros. — Que já foi também o serem excessivamente altos. — O desprezo no norte do Brazil pelos «calcanhares de frigideira.» — De onde proveio o desejo de ter pés pequenos, como signal de belleza, na China e entre nós. — Citações de poetas. — O supremo pudor... nos pés. — O caso de Luiza de Saboia. — Porque o Conde de Villa-Mediana foi assassinado. — Izabel-a-Catholica e a extrema-uncção nos pés. — Uma rainha sem pernas: Maria Anna, esposa de Felipe IV. — Por que o pudor se localizou nos pés? — Explicações de José Bonifácio, Alfredo de Musset e Salomão Reinach. — A relação entre os pés e... o talento. — O telegrapho sem fios antes de Marconi. — Que os pés bonitos, descalços, acabaram. — Importancia juridica do pé no direito civil e no penal. — Que não se lhe fazem mais versos. — A importancia da mão em relação com intelligencia: o homem, o elephant e o papagaio. — Porque as as mãos longas e finas são consideradas aristocraticas. — Qual foi a parte que o Diabo teve na fabricação da mão da mulher. — O valor das mãos em prosa e verso: Montaigne e Cechiari. — O beija-mãos. — Que a mão não serve para atirar beijos. — Que a Laura de Petrarca e Margarida de Valois não lavavam as mãos e se assoavam com os dedos. — Santos que tiveram mãos cortadas e ressuscitadas. — Mão que veio dos céus: a de S. Guilherme de Oulx. — A mão: base da arithmetica. — Como, embora se tenha achado sem braços a Venus de Milo, se sabe que ella não era canhota. — A adivinhação do futuro pelas linhas da mão. — A chiromancia poetica: Affonso Celso Junior. — Uma profecia verificada: Edouard Drumont e o General Boulanger. — Que as mãos e os pés cortados renascem: os membros-phantasmas. — Que a dadiva da mão é a suprema dadiva feminina. — Da India antiga aos nossos dias. — O voto de Macedo Papança. pag. 1

O BEIJO

SUMMARIO. — Que embora o assumpto seja escabroso, delle se pode tratar sem malicia — Definições. — O beijo na escala animal. — A origem do beijo segundo Bain, segundo Mantegazza. — As economias da natureza, contra as quaes Maupas-sant protestava; o beijo terá sido um gesto alimentar? — Que

povos inumeros o ignoram, preferindo cheirar a beijar. — Os livros sagrados da China, e o perigo feminino. — Que Manu, o sabio precursor de Moysés, conhecia e temia o beijo. — O beijo na mais moderna das grandes religiões: o Islamismo. — A polygamia e a repartição dos beijos entre as esposas: como Allah regulou o caso para Mahomet. — Que o primeiro beijo na Biblia não é o de Adão: Adão era grosseiro e covarde. — O primeiro é um beijo de traição: o de Jacob illudindo o pai. — Outro tambem de traição: o de Joab, general de David. — Si Judith beijou Holofernes, antes de lhe cortar a cabeça. — Progressos da astucia feminina, daquelle tempo até hoje... — O beijo de Brutus em Cesar. — Beijos na barba; na perna, no pé, no chão... — Que Catão instituiu o beijo na bocca ás mulheres, para melhor as vigiar. — O beijo policia-secreta! — Uma lenda peruana: o assassinato, em um beijo, de Don Garcia de Peralta. — O beijo na bocca das senhoras, como formula corrente de polidez. — Porque Montaigne, em cujo tempo elle era uzado, não o achava appetitoso. — Um sujeito anti-beijo-cativo norte-americano. — Porque o povo que melhor sabe beijar é o allemão: prova philologica. — Vantagens da pobreza de nossa lingua. — A classificação de Campoamor. — Discute-se, de novo, si foi Adão que beijou Eva, ou Eva quem tomou a iniciativa do primeiro beijo; opiniões de Lucio de Mendonça, de Luiz Guimarães Junior, de Filinto de Almeida e de Don Manoel Maria Flores. — O catolicismo é o beijo: é prohibido ou permittido? Divergencias theologicas entre casuistas antigos e modernos. — Que os papas Pio V e Clemente VIII recomendaram aos padres para não furtarem beijos nos confisionarios. — S. Paulo e S. Cypriano: dois inimigos dos beijos. — Alexandre VII, ao 65 annos de idade, declara que o beijo é sempre um peccado mortal. — Que pensava esse papa aos 18 ou 20 annos? — A theoria de João de Deus. — Ampliação legitima de uma phrase de Jesus Christo. — Boas más comparações do beijo. — A de Cyrano de Bergerac, em parte má, em parte analoga a outra de Tobias Barreto. — Si convem furtar beijos. — Grandalhões e pequeninas; grandalhonas e pequeninos: como o beijo serve para provar que a elasticidade é uma propriedade geral dos corpos. — Processos para armazenar, transportar, trocar e destrocá-los beijos. — Guimarães Passos e Guy de Maupassant. — Razão para os filhos de mulheres bonitas serem muito beijados. — Beijos desaproveitados e beijos mortos: Raymundo Corrêa e Ada Negri. — O *beijographo*. — O que as mulheres mais apreciam nos beijos masculinos: confidencias dos proverbios populares. — Utilidade do bigode. — As representações artisticas do beijo: quadros, estatuas... e fitas cinematographicas. — O grande merito do beijo: indefinivel e insubstituivel. pag. 57

OS MORTOS

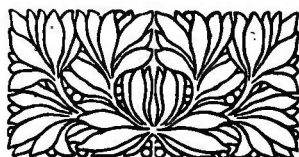
SUMARIO. — Como fallar dos mortos sem tristeza e sem desrespeito. — Que ha mortes tristes, mortes serenas e mortes alegres. — Que ha mesmo povos inteiros que tem adoptado um desses generos de morte. — A morte de Rabelais, verdadeira scena comica. — A morte impassivel de Haller: fazendo

uma lição sobre a sua própria molestia. — A morte calma de Luiz XIV. — Como se morria alegremente na Grecia. — Um enterro em Athenas. — O suicídio das viúvas. — O espirito feminino de contradição levado ao extremo. — Como ainda hoje se morre em Benarés: uma descripção de André Chevrillon. — A pratica individual da morte: cada pessoa ter de morrer 8.400 milhões de vezes! — Haeckel e as « torres de silencio. » — Que vale mais: garra e bico de abutre ou veíme? — As tres classes de enterros no Thibet. — Bifes de cadáveres. — O *Manual do Perfeito Cosinheira de Defuntos*: defuntos cosidos, defuntos torrados, defuntos até para sobremesa! — Porque os defuntos gostavam de ser cosidos. — Uma *berceuse* macabra e, no entanto, muito popular. — O Egypto e a sua luta contra a morte. — Os ensalmourados e os mumificados. — Porque se conservavam os corpos. — A destruição normal dos cadáveres: 12 a 15 annos. — Como ella se faz: não é um simples banquete de vermes. — Que a morte, em regra, não é dolorosa. — Casos de quasi-mortos. — O testemunho de um homem que morreu tres vezes. — O que devia ser a morte para uma pessoa verdadeiramente sã, que vivesse todo o tempo de vida a que o seu organismo tivesse direito. A opinião de Metchnikoff. Seres vivos que não morrem. — Seres vivos, feitos exclusivamente para amar e morrer. — A mentira dos poetas sentimentaes. — Excepção: Anthero do Quental. — O conselho de Guerra Junqueiro junto ao esquife das crianças mortas. — As compensações posthumas o aniquilamento. — A boa eternidade pag. 105

COMO SE SONDA O FUTURO

SUMMARY. — Em materia de frivolidade, uma conferencia modelo! — Que a adivinhação tem sido, entretanto, scientifi- camente estudada. — Sciencia, religião e arte, tudo tende para ella. — As sciencias divinatorias e os methodos de adivinhação baseados no auxilio da divindade. — Como a Biblia e o Alcorão podem ser utilizados para desvendar o futuro. — Que conselhos subversivos Biblia pode dar, preconizando as excellencias do flirt... — A Biblia e o jogo « do bicho ». — As devoções dos bandidos. — Allude-se a Santo Onofre... — Que o livro sagrado dos catholicos não serve para aquelle jogo porque não falla nem no Perú, nem no tigre. — Que a unica referencia ao gato é de um falso propheta e a do coelho está mal traduzida. — O que é a astrologia. — Razões do seu absurdo. — Como um astrologo habil escapou de ser assassinado por ordem de Luiz XI. — Chiromancia. — Como á primeira vista pode conhecer-se a mão de um bandido. — Que a chiromancia, em these, nada tem de absurdo. — Os dedos e os astros. Baptismo de astros feito em leilão. — As linhas principaes da mão e o que prenunciam. — O que primeiro as namoradas devem verificar nas mãos dos namorados. — Porque Balzac achava que os individuos de nome exotico devem ser amalu- cados. — Uma prophesia certa. — A chiromancia nas trovas populares. — A cartomancia. — Que ella só é possivel com a protecção de Deus... ou do Diabo. — Sua origem. — O signo-

Salomão e os gráficos da sciencia moderna.— Processos populares de adivinhação. O processo do ovo, na noite de São João. — Porque elle acerta muitas vezes. — O que é preciso para saber o nome de um futuro noivo. — Como se obtem de S. Pedro conhecimento do porvir. — Ainda outro processo para indagar nomes de noivos. — Que não valeria a pena conhecer o futuro. — O caso de Napoleão. — O que disse Victor Hugo. O que disse Gonçalves Dias. — Um livro que poderia revelar o futuro, mas que Murad V fechou para sempre. — Que vantagem o conferente tirou da incapacidade em sciencias divinatorias, dos seus ouvintes. . . . pag. 131



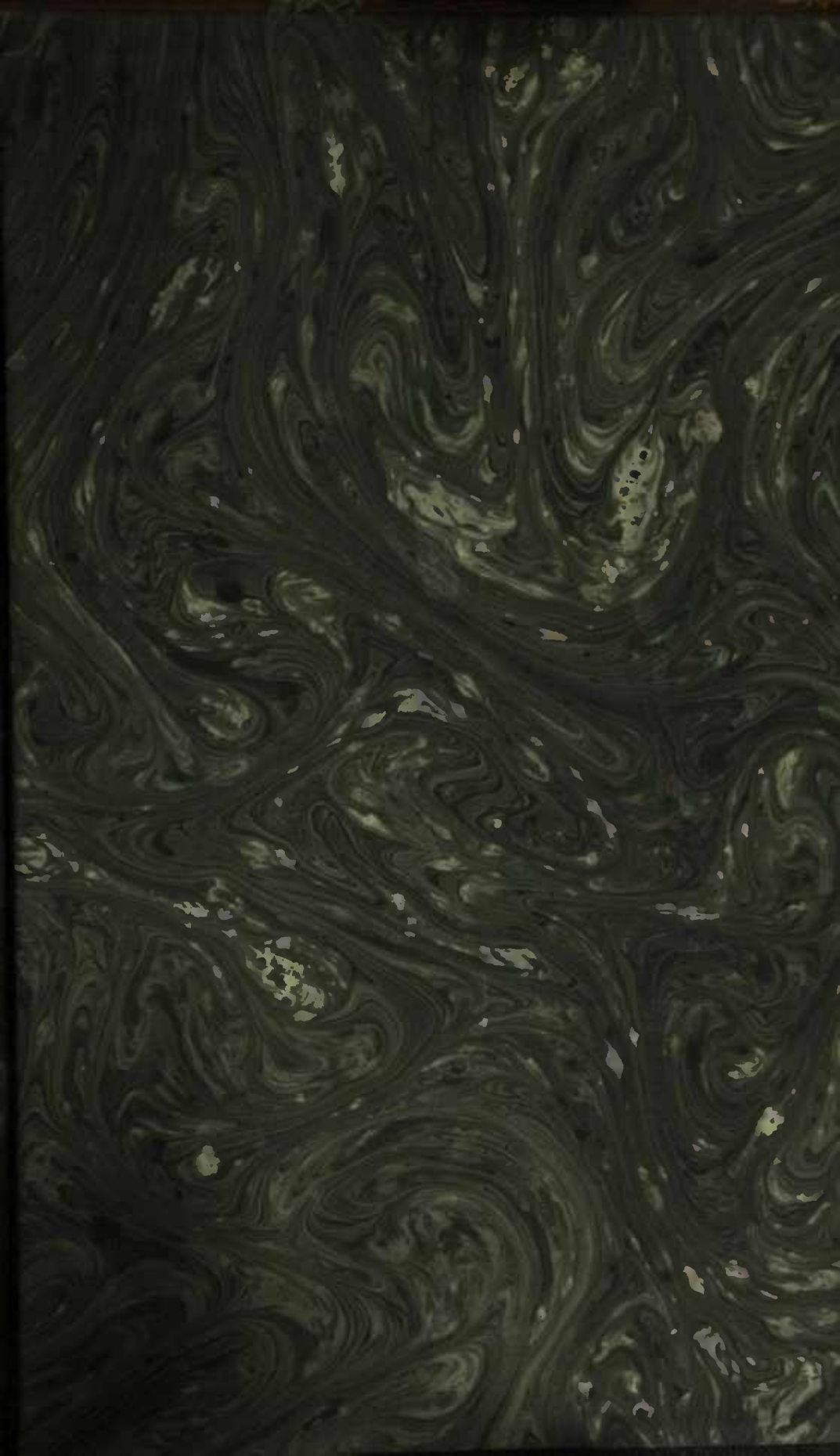


NOTA

ESTE LIVRO FOI COMEÇADO A IMPRIMIR
EM FEVEREIRO DE 1907. POR ISSO NÃO
ESTÁ ESCRITO COM A ORTOGRAFIA
ACADEMICA, SÓ ADOTADA EM AGOSTO
===== DESSE ANNO. =====

M. A.





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).